

Nos Bastidores do REINO

A História Secreta da Igreja Universal do Reino de Deus

Mário Justino



www.rfp.org.uk

RFP.org.UK

A obra encontra-se com seus direitos autorais vigentes, no entanto... considere que a Editora Geração retirou a obra de seu catálogo e que O Bispo, possui enorme poder junto aos políticos e meios de comunicação no Brasil tornando este livro:

– IMPUBLICÁVEL –

e esse é o motivo da aparente quebra de direitos. Perdoe-nos.

João Silva

"Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas, que farão milagres a ponto de seduzir, se isso fosse possível, até mesmo os escolhidos."

São Mateus 24-24

Prefácio

Os originais de *Nos Bastidores do Reino* chegaram às minhas mãos há mais de um ano. O intrigante é que eu morava no meio do nada, perto das montanhas de São Francisco, na Califórnia, e o remetente era um desconhecido brasileiro que vivia em Nova York. Abri o envelope na varanda da minha casa, me perguntando como ele me achou e por que eu. Estava ocupado, tinha compromissos marcados, mas li a primeira linha e só saí da varanda ao anoitecer, depois de ter lido o livro em uma tacada. A primeira coisa que me veio à cabeça: ainda bem que ele me achou e me escolheu.

Prepare-se: ler *Nos Bastidores do Reino* é um evento de transformação. Ninguém será o mesmo depois de conhecer os detalhes da vida de Mário Justino, mas vale a pena correr o risco. Ainda não se criou uma designação para este estilo literário. Seria o que, literatura emocional, visceral? Pensando bem, pouco importa o estilo. É um livro, como todos os livros buscam ser: um acontecimento na vida do leitor. A começar, a história nebulosa da formação de um pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, que cresceu com a crise espiritual do homem moderno, dando respostas objetivas à carência moral de milhares de fiéis abandonados por outras seitas. Os métodos da Igreja são questionados. Aproveita-se da fé para extorquir milhões? Poderíamos concluir que a religião vira um negócio, e uma técnica é desenvolvida para confundir a "vítima", relendo a Bíblia e deturpando o pensamento cristão. Nos bastidores, premiam-se os pastores que conseguem arrecadar mais dinheiro. As fofocas giram em torno do sucesso ou fracasso financeiro de tal filial. O poder sobe à cabeça, e um estilo de vida nada religioso passa a ser a norma entre os líderes da igreja. De festa em festa, nosso personagem é contaminado pelo vírus da AIDS. É expulso da igreja, e desce aos poucos os degraus do inferno. Em pouco tempo, o garoto da Universal perde tudo e vive seu calvário pessoal, nas sombras de uma estação de metrô de Nova York, aquecendo-se numa fogueira com outros mendigos (os de possuídos), pensando em roubar para comprar drogas e planejando o assassinato do bispo Edir Macedo, líder da seita. Não é apenas um livro denúncia. A própria teologia está em debate. De repente, estamos, agora sim, em frente à pobreza e à verdade do ideal cristão. Chegamos a acreditar que Mário Justino é mais Jesus que toda a pompa papal e a conta bancária da Universal. São escritores como ele que podem nos salvar e iluminar alguns caminhos. Faça bom prato das palavras de um

homem que viu de tudo, que viveu os extremos, e pode ser considerado, em teoria, um herói.

Marcelo Rubens Paiva
São Paulo, primavera de 1995.

Introdução

Não considero este livro uma autobiografia. Essas são escritas por aqueles que já viveram tudo. Ele também não pretende ser uma busca de remissão, nem uma tentativa de me justificar a quem quer que seja. Acima de tudo, este livro não tem a pobreza de ser uma forma de vingança.

Talvez eu não tivesse o direito de escrever uma história que envolve tantas pessoas. Mas, no decorrer dos últimos anos, eu vinha sentindo uma irresistível vontade de contar minha verdade. Entretanto, seria impossível contar essa história sem que se revelasse, no andamento natural da narrativa, a história dos porões da Igreja Universal.

Infelizmente, as duas histórias estão fundidas em uma só. Sexo, dinheiro e drogas se confundem, no mesmo púlpito, com orações e salmos de Davi. Lamento pelas pessoas que se sentirão traídas por esta obra. Mas espero que ela contribua para que se forme uma discussão de âmbito nacional sobre a influência nociva que pseudopastores vêm exercendo sobre as massas, fazendo com que menores abandonem famílias, e estudos, desgraçando assim seu futuro e sua vida.

Isso, se não é, deveria ser caso de polícia. As poucas pessoas que conseguem se liberar desse "crack" religioso se veem no meio de um profundo vazio. Como se o tapete mágico tivesse sido puxado repentinamente de sob seus pés. Em muitas vezes as sequelas são irreparáveis.

Nos Estados Unidos existem várias organizações, algumas governamentais, que dão apoio psicológico e legal a essas pessoas vitimadas por grupos como a "Igreja" de Edir Macedo. Eu acredito que no Brasil essas vítimas sejam em grande número ex-pastores, missionários, evangelistas, obreiros, membros. Pessoas de boa fé que deram seus lombos para que sobre eles fosse construído o império de Macedo. Somente denunciando elas serão ouvidas.

Recuso-me a acreditar que a Constituição, quando protege a liberdade de culto, também proteja a lavagem cerebral e a exploração financeira da credulidade pública. A princípio, este livro pretendia ser uma denúncia, um clamor por justiça, mas, na medida em que foi sendo

concebido, foi assumindo a forma daquilo que realmente é: a trajetória de alguém que, buscando o desconhecido, encontrou a si mesmo.

Mário Justino
Nova York, verão de 1995.

Prelúdio

- Ora, não se faça de imbecil! Você sabe por que tem de ir. Mas vou refrescar sua mente. Você não pode mais ficar com a gente porque tem AIDS!

Quando Edir Macedo, o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, me chamou em seu escritório, no fundo eu sabia que era isso que ele me diria. Dois meses antes eu enviara uma carta ao pastor Honorilton Gonçalves, na qual contava o meu problema.

Gonçalves fora um grande amigo, desde os meus dezesseis anos, quando fui transferido do Rio para ser pastor na Bahia, estado em que ele era o vice-líder.

Gonçalves agora era líder nacional, e, em nome da nossa antiga amizade, pensei nele como alguém que podia me ajudar a sair daquele estado de torpeza e confusão. Na carta, contei a ele tudo o que estava acontecendo comigo. Disse, inclusive, que achava estar com "aquela doença incurável". Por várias semanas esperei pela resposta do pastor Gonçalves. Nunca chegou. Em compensação, fui chamado ao escritório do bispo Edir Macedo, que na época se encontrava em Nova York fugindo das acusações de charlatanismo feitas pela polícia de São Paulo.

Com o conhecido olhar que aterrorizava seus subalternos, o Bispo ordenou que eu juntasse minhas coisas e fosse embora. Eu não interessava mais à Igreja Universal do Reino de Deus. Pior, podia "comprometê-la". Ao insistir em saber por que estava sendo varrido da igreja depois de onze anos de serviços prestados, recebi do Bispo aquela resposta áspera, bem no estilo dele. Disse que não tinha para onde ir e implorei ao menos me mandasse de volta para o Brasil. Respondeu-me afirmando que eu tinha uma passagem de volta e que deveria usá-la.

Mas não existia passagem alguma.

A passagem com que tinha ido do Brasil para Portugal fora obtida numa promoção e tinha apenas três meses de validade. Como permaneci em Lisboa por quase um ano, perdera a validade. O mesmo acontecera com a passagem de Lisboa para Nova York. Inutilmente, disse que escrevera a carta num momento de desespero e que não tinha certeza se estava

mesmo com a doença. Não adiantou. Ele se mostrou irreduzível diante das minhas súplicas e explicações. Nada poderia demovê-lo da ideia de me punir severamente.

Ao sair do escritório do Bispo, a primeira coisa que me veio à cabeça foi ligar para Eliane. Disse-lhe que algo terrível me havia acontecido e que precisava de sua ajuda. Ela me recebeu em sua casa sem ao menos perguntar o motivo pelo qual a igreja estava sendo tão severa e cruel comigo. Fiquei lá por uma semana. Depois, tornei a implorar ao bispo Macedo para que me desse algum dinheiro ou me mandasse de volta ao Brasil. Inflexível como sempre, o que achava ser uma virtude, o Bispo não voltou atrás: Aqui, o!!! — disse ele, ao mesmo tempo em que desferia uma “banana”, aquele clássico gesto em que, erguido, o punho cerrado assume a forma de um imenso pênis em estado de ereção.

Depois do que acabara de experimentar, comecei a caminhar feito um desnorteado pelas ruas da cidade. Com passadas largas e firmes, tentava entender o que estava acontecendo comigo.

Uma das razões pelas quais me tornara uma das figuras mais populares dentro da imensa comunidade da Igreja Universal tinha sido exatamente a habilidade com que conseguira me movimentar, a habilidade para contornar problemas e sempre ter, nas situações difíceis, a tal carta escondida na manga. Agora, no entanto, todo aquele jogo de cintura também parecia ter virado as costas para mim. Sentia-me inteiramente impotente. Desarmado. Tudo o que queria era chorar. E nem isso conseguia.

Não levaram muito tempo para descobrir que Eliane estava me abrigando. Ao regressar a casa, encontrei o pastor Natanael. Ele estava ali a mando do Bispo. Queria checar meus pertences. Natanael disse que depois da minha saída fora notado o sumiço de um gravador, que era usado para gravar testemunhos dos milagres de Macedo. Desconfiavam que eu havia roubado o equipamento. Ao tentar impedi-lo de revistar minha mochila, atracamo-nos em uma inglória (para mim, dado o meu estado cambaleante) luta corporal. Enquanto isso, aos gritos, Eliane suplicava que parássemos com aquilo. Fui dominado facilmente por Natanael, que, tendo rasgado a bolsa, ia chutando tudo o que caía, espalhando minhas roupas, procurando pelo gravador.

Provando uma humilhação que nunca imaginei passar, fiquei jogado num

canto da sala tossindo e jurando que me vingaria de todos eles. Um por um. Como se você fosse viver para isso — disse Natanael com um sorriso irônico, saindo sem encontrar o que viera buscar e deixando para trás minha figura miserável recolhida ao chão. Não sei por quanto tempo fiquei ali, no canto daquela sala, a cabeça baixa, os olhos parados e o tempo se esvaindo diante deles. As imagens de minha trajetória na igreja passavam velozmente pela minha mente, como num aparelho de vídeo.

O ódio me desvirginava. Encolhido no canto, sentia-me a pior das criaturas. Rastejando no pó, como a serpente amaldiçoada. Como Lúcifer, caído em desgraça. Destituído de toda a glória. De toda a luz. Esforçava-me para não chorar. Seria reconhecer a vitória deles. Com um nó na garganta e a respiração pesada, senti minha boca se encher de uma saliva amarga. Por entre os dentes, emitia grunhidos cujo significado nem eu mesmo sabia. Naquele momento, fui definitivamente possuído pelo pior sentimento conhecido pela raça humana. E esse sentimento, agora, iria reger a minha vida. Meus pensamentos, que corriam longe, arrebataram a linha tênue que separa o bom senso da loucura quando eu comecei a considerar a ideia de matar. Eu não tinha mais nada a perder. Tudo o que tivera havia escorrido por entre os meus dedos: mulher, filhos, meus pais, meus sonhos, minha fé, meu Deus. Tudo tinha ido. A única coisa que me restara era o ódio mortal pelo bispo Macedo e sua Igreja Universal.

A ideia de matá-lo pareceu-me uma forma deliciosa de fazer justiça. Ainda fraco, levantei a cabeça e fiquei de pé. O pensamento me revigorou e me fez sentir melhor. A saliva se fez doce. Havia, enfim, encontrado uma razão para continuar vivendo.

Capítulo 1

1980: BEM- VINDO A O REINO

I

Era uma típica noite de sábado, em que os barzinhos estavam repletos de gente jovem, entretidos por animadas conversas em suas mesinhas ao longo da calçada. Em meio a esse burburinho de casais e amigos que ocupavam as ruas, eu caminhava sem rumo e com o semblante caído. Minha figura contrastava com aquelas pessoas que, indo e vindo, passavam por mim exibindo uma invejável alegria. Tinha medo de estar dando o passo errado. Por alguns instantes pensei que talvez fosse melhor voltar para casa e fazer de conta que aquela ideia nunca me ocorrera. Mas sabia que algo me faltava e, por uma estranha razão, tinha certeza de que naquela noite encontraria o que vinha buscando, mas não sabia exatamente o que era.

Duas semanas antes, eu havia sintonizado um programa na Rádio Metropolitana do Rio de Janeiro. O programa prendeu minha atenção e a partir dali me manteve cativo todas as noites. Esperava com ansiedade ouvir o tema de abertura e, quando isso acontecia, eu já tinha colocado sobre o radinho de pilha um copo cheio de água que beberia depois da “prece poderosa”. Ainda hoje não estou bem certo do que me atraía naquela programação. Afinal de contas, tinha apenas quinze anos, uma fase em que a maioria dos jovens não ocupa a mente com determinados problemas que afligem os adultos. Porém, eu era diferente. Estava sempre preocupado com as dificuldades dos meus pais. Além disso, eu era uma criança profundamente triste.

Desde muito pequeno, escondia-me pelos cantos do quintal. Era um obstinado que buscava indiscriminadamente a solidão. Em certas ocasiões, sem nenhuma razão aparente, passava horas calado e triste. Esse vazio acabou por impulsionar-me ao meu destino. Foi ele, o vazio, que me levou a sair de casa naquela noite rumo ao centro de São Gonçalo procurando o lugar onde, de acordo com o programa de rádio, “um milagre espera você”.

O milagre esperava por mim no velho prédio do Cine Santa Maria, que

durante a semana exibia filmes pornográficos. Aos sábados e domingos, entretanto, tinha o seu cenário radicalmente mudado. A bilheteria fechava, a catraca era removida e os cartazes da Aldine Müller eram levados para o outro lado da tela. O profano emprestava seus assentos ao sagrado. O sagrado era materializado por um cálice de azeite bento colocado no centro de uma mesa forrada com uma toalha de renda branca, sobre a qual jazia uma Bíblia aberta em um salmo qualquer.

As pernas trêmulas e vacilantes me conduziam àquele santuário improvisado, quase vazio. As poucas senhoras sentadas contrastavam com o grande público que, durante a semana, se deleitava ali com as taras sexuais de um cavalo.

Enquanto procurava um lugar para me sentar, o silêncio que dominava a sala fez com que, por alguns momentos, eu tivesse a impressão de ouvir hinos de louvar; hinos entoados por um exército de anjos invisíveis. Não demorou muito para que um jovem pastor começasse a palestra. Nervoso e ainda trêmulo, não conseguia acompanhar a fala acelerada do pastor. Por fim, ele ordenou que fechássemos os olhos para que fizesse uma oração. Eu não era religioso. Meus pais se diziam católicos, porém nunca iam à missa. Nós rezávamos somente quando alguém caía doente em casa. Na Rua das Mangueiras, onde eu morava, havia uma benzedeira pronta para curar todo tipo de moléstia: de sarampo a caxumba; de espinhela caída a erisipela, tudo ela curava. Era para ela que corríamos sempre que necessitávamos de ajuda espiritual.

Durante a oração, o jovem pastor pediu a Deus que aliviasse a carga que trazíamos. Suplicava-lhe que perdoasse nossos pecados e nos desse a oportunidade de nascer de novo. Isso era tudo o que eu queria. A ideia de um renascimento me abalou até os ossos. Queria ser uma outra pessoa. Se essa dádiva existia, estava determinado a alcançá-la, custasse o que custasse.

Enquanto prosseguia em sua oração, o pastor colocou as mãos sobre a minha cabeça, e eu comecei a chorar. A princípio eram lágrimas de angústia. Depois, tornaram-se lágrimas de alívio e alegria. Sentia-me leve enquanto deixava extravasar os sentimentos sem me importar se estava sendo observado pelas pessoas ao meu redor.

Ao mesmo tempo em que chorava, sentia meu ser encher-se de um prazer imensurável. Um prazer que preenchia todo o vazio. Um prazer que

me era introjetado até que explodia numa espécie de orgasmo espiritual, fazendo minha alma transbordar em gozo. O encontro com a religião me fazia sorrir e chorar de uma só vez. E com a mesma intensidade. Conheci, naquele momento, o fenômeno da conversão. Alguém me abraçou. E eu chorava mais e mais.

Nesse momento, o pastor colocou a mão na minha cabeça e, enquanto as pessoas cantavam alto e batiam palmas, falou, quase sussurrando em meu ouvido, que meu nome era Exu Caveira e que eu tinha câncer. Depois me fez ir ajoelhado até a frente da tela que ocultava os pôsteres da atriz Aldine Müller. Uma vez na frente, fui sabatinado pelo homem de Deus:

— *Qual é o teu nome safado?* — vociferou no meu ouvido.

Um silêncio profundo invadiu o cinema. Todos esperavam uma resposta.

Eu não sabia se o pastor perguntava meu nome verdadeiro ou aquele que ele havia sussurrado no meu ouvido.

— *Mário* — respondi.

— *Mentiroso!* — berrou o pastor. — *É satanás!*

O silêncio voltou a predominar na sala:

— *Fala teu verdadeiro nome!*

— *Exu Caveira?* - respondi, como a perguntar se era esse o nome que deveria falar.

— *Tá amarrado, capeta! Em nome de Jesus!* — gritou o pastor, enquanto pisava na minha cabeça, forçando-a para o chão.

— *Tá amarrado! Queima! Queima!* — responderam, em coro, as excitadas velhinhas, ao testemunhar a autoridade de seu pastor sobre mim, o espírito imundo.

Ao final do culto, o jovem me deu um novo testamento e me falou que Deus me amava. Depois de conversarmos por alguns minutos despedi-me, prometendo voltar. Prometi e cumpri.

No dia seguinte, fui um dos primeiros a chegar. Ao contrário da noite anterior, o cinema estava cheio naquela manhã. Durante um culto acompanhado com música e distribuição de rosas brancas, fizeram um convite para os que quisessem ser membros da igreja. Não pensei duas vezes. Afinal, pela primeira vez na vida experimentava paz. Estava no meio de pessoas que, apesar de não me conhecerem, me aceitavam como um membro de sua própria família. Eu queria ser um deles. Queria pertencer àquele grupo que era tão puro, tão unido, tão desligado das

coisas deste mundo e tão cheio de amor.

Algumas coisas eu não entendia ainda, como a questão das altas ofertas e os dízimos, por exemplo, mas não me importava com isso. Dinheiro não era importante. Ensinaram-me que “o dinheiro é a raiz de todos os males”. Não demorou muito para que minha família se desse conta da mudança de meu comportamento. Em vez de andar triste pelos cantos, como fazia usualmente, agora eu cantava hinos e lia a Bíblia.

Meus pais, que a princípio gostaram da mudança, logo mudaram de opinião, quando perceberam que eu estava indo longe demais: já não me interessava pelos estudos e faltava as aulas para ir à igreja. Quando o Cine Santa Maria se transformou definitivamente em um templo da Igreja Universal do Reino de Deus, eu passei a frequentar os cultos todos os dias. Muitas vezes nos quatro turnos. Meu pai chegou a me proibir de ir à igreja durante a semana, como uma maneira de me prender aos estudos. Mas isso não funcionou. Eu precisava ir todos os dias.

As brigas com meus pais por causa de meu fanatismo religioso começaram a ser constantes. Mas o pastor Luiz, que naquela época ainda não tinha rompido com a Igreja Universal para se tornar um adventista do Sétimo Dia, alertou-me para as palavras de Cristo quando Ele disse que, por causa do Evangelho, haveria distensões entre pais e filhos, e que os maiores inimigos da nossa fé seriam os de nossa própria casa. Um mês depois de ter entrado para a igreja, o pastor Luiz me convidou para ser obreiro. Pensei que isso talvez fosse me atrapalhar ainda mais nos estudos, mas eu achava que daria um jeito de conciliar as duas coisas. Não deu certo, e entre a igreja e o colégio, optei pelo conhecimento da graça.

Meus pais continuaram, sem sucesso, tentando fazer com que eu desistisse da Igreja Universal. Várias vezes, durante nossas discussões dizia-lhes que não deixaria de maneira alguma a igreja em que Deus me havia curado de câncer. E que me mataria se eles tentassem me impedir de ser obreiro. A última gota d'água veio quando abandonei o colégio de uma vez por todas. Aquele esquema conciliatório entre aulas e cultos não funcionou, e, sem pensar duas vezes, abri mão da bolsa de estudos que tanto havia me esforçado para conseguir.

O pastor, então, me disse que a melhor solução seria eu sair de casa. Falou que eu poderia ficar morando na igreja. Afinal, eles estavam

mesmo precisando de alguém para abrir e fechar o templo, além de um vigia para a noite. Aceitei o convite do pastor Luiz e, com apenas quinze anos de idade, resolvi abandonar a casa de meus pais e entrar de vez para o Reino de Deus.

Ao chegar em casa para apanhar as minhas roupas, encontrei minha mãe, que trabalhava no tanque — ela estava sempre no tanque. Não sabia como contar que estava indo embora. Nunca pensei que um dia fosse lhe dizer isso. Dos três filhos, eu era o mais ligado a ela. Por que está fazendo isso, meu filho? Que mal te fizemos? Imbuí minha alma de sentimentos nobres para tentar explicar tudo a ela, mas no fundo sabia que era um esforço inútil. Ela jamais entenderia. Então, desviando meus olhos dos dela, disse-lhe que aquela era a primeira vez na vida que não me sentia triste. Que me sentia em paz comigo mesmo e com Deus. Eu queria ficar na igreja. Eu queria morar no templo. Filho, quem sou eu para disputar com Deus o seu coração disse-me ela. Lembro-me de todos os detalhes daquele dia, por duas razões: foi a primeira vez que vi minha mãe chorar; e foi a primeira vez que ela me disse que me amava.

Enxugando a mão no avental molhado, ela me acompanhou até a porta. Tentou disfarçar o que sentia com o velho truque do cisco no olho, mas pude ver que chorava.

— *Bênção, mãe* — disse com um nó na garganta.

— *Deus te abençoe* — respondeu ela.

Carregando a sacola de roupas, caminhei em direção ao ponto de ônibus que ficava embaixo das mangueiras. Ao passar pelo nosso campinho de várzea, meus amigos pararam a pelada e vieram se despedir de mim. Eles ouviram que eu estava indo embora. Quem vai ser o presidente? — perguntou Dilcinho, secretário-geral do “Clube dos Batutinhas”, que havíamos copiado do seriado americano exibido pela TV Educativa. Dilcinho, por certo, já estava pensando em assumir o meu lugar. E quem vai ser o técnico? — perguntou Dude, também de olho na minha posição. Péssimo em futebol, eu me autoproclamara técnico do time da rua. Como cartola, protegia minha falta de talento com a bola. Ainda tive tempo de distribuir meus cargos, figurinhas premiadas, uma réplica do carro do Speedy Racer, selos e bolas de gude antes de entrar no ônibus que me levaria à cidade.

Quando a “baratinha” passou em frente ao portão de casa, de sua

janela enlameada acenei para minha mãe, que se debruçava na cerca. Não sei explicar por que ela me deixava ir. Eu era praticamente uma criança. Ela poderia ter me forçado a ficar. Poderia ter impedido, pois talvez acontecesse comigo o mesmo que acontecera a ela quando tinha quase a mesma idade. A rapidez da “baratinha” ainda me permitiu vê-la respondendo com outro aceno. E, por alguns instantes, ficamos acenando um para o outro até que ela desapareceu em meio à poeira vermelha. Anos mais tarde, eu me daria conta de que a havia perdido naquele dia. Perdido para sempre.

Hoje em dia é inconcebível a ideia de uma mulher que faz o próprio parto dentro de um barraco de pau-a-pique, tendo como única ajudante uma filha de dez anos que, a cada momento do agonizante processo, traz à beira da cama canecas com água quente e pedaços de pano, enquanto a mulher, tentando ignorar a fumaça do fogão de lenha, galinhas e patos que correm em algazarra — e a própria dor — traz, literalmente, o filho ao mundo. Foi assim que eu nasci.

Nesse estado de pobreza passei toda a minha infância. Minha mãe era de Curvelo, cidadezinha do interior de Minas Gerais. Não se cansava de contar histórias da infância vivida entre árvores e riachos, mas nunca se aprofundava nos detalhes. Como, por exemplo: quem teriam sido seus pais? Tudo o que sabíamos era que, ainda adolescente, tinha sido vendida para trabalhar na casa de uma madame no Rio de Janeiro e que desde então nunca mais vira a mãe e os irmãos.

As madames para as quais ela havia trabalhado diziam que era a melhor lavadeira que conheciam. Ela recebia o comentário como elogio. De fato, o jeito como minha mãe tratava as roupas era algo próximo a um ritual: depois de lavadas com sabão de coco, elas eram fervidas com anil e ficavam quarando ao sol durante um dia. Em seguida, engomava e passava peça por peça, enquanto soprava as brasas do ferro.

Algumas patroas levavam a roupa em minha casa. Outras, como dona Jurema, minha mãe atendia em domicílio. Dona Jurema viria a ser a única amiga de minha mãe. Feliz era o dia que íamos a casa dela. Enquanto minha mãe lavava a roupa e conversava com a amiga, eu ficava brincando com os seus netos no quintal, subindo nos pés de goiaba ou assistindo ao National Kid, no programa do Capitão Asa. No final da tarde, ela me oferecia café com bolo e sempre antes de irmos embora me dava uma mão cheia de balas e bom-bons. Dona Jurema era uma

senhora bondosa. Posso estar correndo o risco de cair na pieguice, mas eu adorava mamãe. Ela era, para mim, uma espécie de santa. Uma Maria mãe de Deus ou coisa semelhante.

Ela era tão pura aos meus olhos e seu sabia que era tudo que eu tinha. Ficava com medo só de pensar que um dia ela pudesse morrer, deixando-me só. Não me imaginava vivendo sem ela. Chegamos ao extremo de comer no mesmo prato. Cresci prometendo a mim mesmo que ganharia muito dinheiro e tiraria minha mãe daquela miséria. Compraria para ela uma casa com laje e água encanada, uma televisão para que pudesse acompanhar as novelas e, vingança das vinganças, pagaria alguém para lavar-lhe as roupas. Essa era, basicamente, a minha maior ambição.

Não sei como meus pais se conheceram e passaram a viver juntos. Eles nunca tocaram no assunto, e nós, os filhos, nunca nos interessamos em saber. Mas, qualquer que tenha sido o motivo, certamente não foi amor. Eles eram completamente distantes um do outro. Dormiam separados, e minha mãe sempre se referia a meu pai com um “seu” antes do nome. Não me lembro de tê-los visto brigar, mas também nunca testemunhei um mínimo gesto de carinho ou afeição entre eles. E pensar que essas duas pessoas viveram juntas por mais de quarenta anos. Meus pais faziam todo o sacrifício do mundo para nos dar uma vida, no conceito deles, decente. Eu sabia que eles nos davam muito mais do que aquilo que haviam recebido de seus pais. Mas odiava aquela vida. Odiava aquele bairro. Era como se o meu mundo não fosse aquele. Como se o fato de ter nascido ali tivesse sido um grande erro, sei lá de quem. É difícil imaginar que possa existir outro lugar como Bom Vista. As ruas de barro vertiam poeira quando passava um cavalo ou a “baratinha” — era assim que chamávamos o ônibus.

A poeira ia se depositando por sobre a comida na mesa, os lençóis na cama e as roupas no varal. Nos dias de chuva, as estradas se transformavam em um pântano. As pessoas que trabalhavam na cidade tinham de cobrir os sapatos com sacos plásticos e levar consigo uma garrafa d’água, para que, uma vez no ônibus, pudessem lavar os pés. A água salobra que usávamos para beber e cozinhar vinha de um poço infestado de sapos, cavado no fundo do quintal. Foram muitas promessas e muitos feitos até chegar luz elétrica. Para que nos transformássemos de vez em trogloditas, só nos faltavam as vestimentas de pele, um osso no cabelo e ter os Flintstones como vizinhos.

Eu sabia que estudar e me formar era o único meio de sair daquele lugar. A única forma de poder ajudar meus pais. Enquanto alguns garotos da rua eram bons de bola, eu devorava livros e nunca era reprovado na escola. Sempre na metade do segundo semestre já tinha nota suficiente para passar. Mas também sabia que precisava mudar de escola se quisesse chegar a algum lugar. O grupo escolar Padre Manuel da Nóbrega era um colégio de bairro que não me daria nenhuma base para chegar à faculdade, o meu objetivo.

Em um certo 7 de setembro, fui a Niterói assistir à parada cívica escolar. O meu colégio, que pertencia a outra jurisdição, não participava desses eventos. De qualquer forma, quem ali estaria interessado em ver o Padre Manuel desfilar? As escolas de Niterói eram, se não totalmente burguesas, muito finas. Com um nível de educação satisfatório, essas escolas eram frequentadas pelos filhos da classe média da cidade.

Nenhum de nós, filhos da Boa Vista, sonhava ingressar numa daquelas instituições privadas.

No desfile, a segunda escola que ocupou a Avenida Marechal Floriano Peixoto chamou minha atenção, pela correção e beleza de sua apresentação. A banda e os integrantes de todas as alas usavam um elegante uniforme branco e verde, com certeza as cores da escola. Fiquei encantado com o que vi e acompanhei o desfile até que ele se dissolvesse na frente do Colégio Plínio Leite, um dos mais caros da cidade.

O Colégio Plínio Leite, funcionava num importante prédio localizado bem no centro de Niterói, foi a primeira coisa que notei. Aproximei-me da portaria e pedi ao segurança para dar uma olhadinha no lado de dentro. O que vi me causou surpresa. O colégio tinha quadra de futebol de salão, um enorme ginásio, laboratórios modernos e um excelente nível de ensino. Ali haviam estudado intelectuais, jornalistas e políticos. Era ali que eu queria estudar. Queria fazer parte daquele mundo, daquela realidade diferente da minha.

Voltei para casa e passei aquela tarde pensando numa maneira de ingressar naquele mundo. Por diversas vezes reli a brochura de matrícula e cada vez estava mais convencido de que aquele era meu lugar. O meu dilema era não saber de onde tiraria dinheiro para pagar a matrícula e as mensalidades. Eram caras demais para as condições da minha família.

Não tive nem mesmo a coragem de tocar no assunto com meus pais. Cheguei à conclusão de que a única saída era uma bolsa de estudos. Com informações adquiridas na brochura de matrícula, enviei uma carta ao diretor do colégio. Pedi uma bolsa de estudos e prometi ser um dos melhores alunos se aquela oportunidade me fosse concedida. Quatro meses se passaram depois do envio da carta. Àquela altura já não acreditava mais que receberia uma resposta.

Aliviava-me o fato de não ter falado com ninguém sobre o assunto. Não suportaria as chacotas. Numa tarde, eu tinha ido ao boteco comprar cerveja para meu pai. Ao voltar para casa, com passos lentos e cansados devido ao calor insuportável e a poeira da rua, avistei o carteiro que se aproximava. O homem com uniforme amarelo feito de um material semelhante à lona de circo também caminhava com passos lentos e cansados e, como eu, tentava se livrar do suor que, misturado à poeira, se transformava num lodo que escorria pelo rosto, formando uma espécie de máscara de barro e fazendo arder os olhos. Raras vezes o carteiro passava por ali. As pessoas que moravam naquela rua não recebiam nem mandavam cartas, não havia correspondência para sair nem para chegar. Nem mesmo a conta de luz, que a prefeitura desistiu de mandar, já que ninguém pagava.

Recentemente, só me lembrava de o carteiro ter passado por ali por causa de minha correspondência com uma garota de Parati. Mas fazia quase um ano que eu não recebia uma carta dela. Por isso, foi com muita ansiedade e já adivinhando o que poderia ser que corri em direção ao homem.

— *Moço, é pra mim, não é?*

— *Qual é o teu nome?*

— perguntou, ofegante, enquanto se abanava com a minha carta. Ainda sem acreditar que alguém ali estava recebendo correspondência, o homem, depois de conferir o nome e o endereço, me estendeu um envelope com o emblema da escola de Niterói. As batidas do meu coração eram tão fortes que pensei que o carteiro podia ouvi-las. Àquela altura, meus irmãos já me rodeavam, querendo saber o que eu havia recebido. Extasiado, não conseguia explicar o que estava acontecendo. Tinha medo de abrir a carta. Temia ser uma recusa educada. Algo como “recebi sua carta, mas infelizmente não posso ajudá-lo”.

Não era. A carta, assinada pelo próprio Dr. Plínio Leite, dizia que eu ganhara uma bolsa de estudos que cobria o segundo grau técnico e os quatro anos de faculdade. Minha mãe me beijava e meu pai se incumbia de anunciar à vizinhança. Tudo o que lembro ter sentido naquele momento foi uma imensa gratidão. Mas, por mais que eu tenha tentado, depois, nunca tive a oportunidade de agradecer-lhe pessoalmente. Dois anos mais tarde, fui um dos escoteiros que carregaram a bandeira do colégio no funeral do Dr. Plínio.

Meus irmãos eram muito mais velhos do que eu e por essa razão tínhamos pouca afinidade. Cosme e eu éramos verdadeiramente distantes. Já Pingo — que ganhou o apelido por ser um pinguinho de gente quando nasceu — era mais chegada a mim. A única coisa de que ela não gostava era o fato de ter de me levar a tiracolo quando ia aos bailes, nos fins de semana. Era essa a condição exigida por meu pai para permitir que ela fosse. Mas, em troca de doces e pipocas, eu nada contava a papai sobre os inúmeros namorados que ela arranjava numa só noite. Quer dizer, não contava até a próxima briga.

O meu dia-a-dia, vivendo agora na Igreja Universal, era completamente diferente daquele que levava até sair de casa. Levantava às seis horas da manhã. Começava por lavar os banheiros. Depois, limpava o piso e tirava o pó das dezenas de bancos que se enfileiravam uns atrás dos outros no grande salão do templo.

Procedia a essa limpeza depois de cada uma das quatro reuniões diárias. Também fazia às vezes de segurança, tanto à noite como ao longo do dia. Tudo isso além de atuar como obreiro nas reuniões. Geralmente, eu fechava a igreja às 23 horas, encerrando assim uma jornada diária de dezessete horas de trabalho, cumprida religiosamente de segunda a segunda.

Entretanto, eu nada recebia por esse serviço, quer dizer, não recebia nada em dinheiro. Meu pagamento era basicamente a comida: café da manhã, um PF no almoço e o jantar, que consistia normalmente em um sanduíche e uma sopa. Só não comia quando o pastor decretava jejum. Depois de um pequeno período nessa igreja, realizaria enfim o meu sonho, recebi meu chamado pastoral. Iria para a Bahia trabalhar na obra de Deus...

Capítulo 2

LEVÍTICOS

I

Estar na Bahia pareceu-me um sonho. Eu sempre fora apaixonado por aquela terra. Não sei se a adoração por Caetano tinha alguma coisa a ver com isso, mas eu era fascinado por aquele mundo encantado de “gabrielas” e “bataclans”. No ginásio, cheguei a participar de um concurso de redação cujo vencedor ganharia um fim de semana em Salvador. Fiquei estarrecido quando a garota vencedora voltou de lá e mostrou-me as fotos. Maravilhei-me com aquelas praias, coqueiros, casarões coloniais, ruas de paralelepípedos e igrejas forradas de ouro.

Ruas repletas de gente bonita e musical. Assim era Salvador. Ou Jamaica. Os dois lugares se confundiam. Ritmos de afoxé e reggae enchiam o ar já impregnado do cheiro das frituras de dendê. Esse cheiro subia aos céus como um sacrifício de louvor aos filhos da terra a todos os orixás que povoam aquela cidade de todos os santos. Em qualquer outro lugar do mundo, aguentar aquela fumaça de óleo queimado seria insuportável. Na Bahia, não. Lá a fumaça passa quase despercebida.

No mesmo dia conheci quase todos os pontos turísticos da cidade. Sentia-me completamente familiarizado com o lugar. Tomei sorvete na Ribeira, escalei as ruas de pedras para ver as ruínas do Pelourinho, fui à igreja de “O Pagador de Promessas”, visitei o espelho de água negra do Abaeté e, depois de passear pelo farol da Barra e ir ao Mercado Modelo, terminei a tarde olhando o sol mergulhar na praia de Itapuã.

Ali o astral e a eletricidade do povo são contagiantes. Nada apaga o brilho da Bahia. Nem a sujeira das ruas. Nem o cheiro de urina que exala do centro histórico. Nem mesmo Antônio Carlos Magalhães, que, desbancando o Senhor do Bonfim, tomou-lhe o título e sagrou-se, além de padroeiro, o “Bokassa” da região. Nada tira seu brilho, Bahia. Muito menos a fumaça do acarajé dourando no azeite-de-dendê.

No dia seguinte, apresentei minhas credenciais ao pastor Paulo Roberto Vieira Guimarães. Ele era uma das mais bem polidas pratas da casa. Com

apenas vinte anos, Paulo era o líder da Universal na Bahia e pastor da segunda receita no ranking nacional. A revista "Plenitude", espécie de diário oficial da igreja, publicava mensalmente longas reportagens sobre o crescimento da Universal na terra do candomblé. Crescimento que era atribuído à "sede do povo baiano por um Deus real e à liderança competente do pastor Paulo Roberto".

Ele havia conhecido a igreja por intermédio de sua noiva Solange. Em pouco tempo ganhou ascensão. Como pastor da igreja em Grajaú, colocou-a entre as três maiores do Rio de Janeiro. Esse feito o levaria à liderança na Bahia. Bonito e carismático, o pastor Paulo Roberto recebia mais cartinha de amor e propostas indecentes do que pedidos de oração. Sempre fiel ao bispo Macedo, ele foi um dos que se alinharam ao seu lado na crise que acabou por transformar a igreja em um negócio lucrativo.

Com a ajuda de Paulo e de vários outros do seu nível, a Igreja Universal deixou de ser uma empresa familiar. Nas fechadas reuniões de pastores, Paulo era sempre citado como modelo e exemplo a ser seguido. O fato de ser o "mauricinho" da igreja não o incomodava. Ao contrário, isso somente lhe trazia grandes benefícios: quando o motorista do Bispo capotou o carro em que viajavam, deixando-o com as duas pernas quebradas, foi o pastor Paulo, da Bahia, que Macedo mandou chamar para substituí-lo na liderança nacional, a partir do Rio de Janeiro. Paulo era o que todo pastor sonhava ser.

O fato de eu ter sido mandado à Bahia para trabalhar diretamente sob a sua supervisão era uma oportunidade que muitos evangelistas dariam tudo para ter. Cada vez mais, tinha certeza de que havia dado o passo certo ao largar tudo para viver em prol da obra para qual Deus me chamara. Esse chamado ecoou no fundo do meu ser. Nada mais tinha importância para mim. Tudo o que não estivesse relacionado com a Igreja Universal era parte de um outro mundo. E esse outro mundo não me interessava.

Nada me fazia mais feliz do que saber que pertencia ao seleto clube dos homens que foram chamados para uma missão divina. Um clube cujos membros que vão desde Abraão e Moisés até São Paulo a São Pedro. Isso fazia com que eu me sentisse um privilegiado. E eu era imensamente grato a Deus por ser um dos seus escolhidos. Para ser treinado, fui enviado à cidade de Paulo Afonso, como auxiliar do pastor Jaílton Vieira. Com ele,

eu apresentava o programa “O despertar da fé” e aprendia a fazer reuniões para um grande número de pessoas. E logo entendi que duas qualidades são essenciais para ser um pastor de sucesso na Igreja Universal. A primeira é ter a capacidade de canalizar ofertas expressivas. A segunda é saber entreter o povo e segurá-lo nas “correntes”.

Nessas matérias, eu estava superando as melhores expectativas de meus professores. Na Igreja Universal do Reino de Deus, existe uma fórmula padrão para se fazer um culto. Sempre que alguém entrasse nos nossos templos, teria de ver a mesma coisa, não importando se estava em Belo Horizonte, Bogotá ou Buenos Aires. Os cultos eram feitos com gritos frenéticos dos apresentadores e a participação ativa da plateia.

Esse espetáculo espiritual é dividido em duas partes e chega ao clímax quando são realizados os exorcismos. Nesse momento, pessoas aos gritos começam a rolar pelo chão e jogar para cima os bancos da igreja. Algumas chegam a entrar em luta corporal com os pastores e obreiros.

Aos que vinham pela primeira vez, explicávamos que aquelas pessoas estavam possuídas por demônios e ensinávamos que eram esses espíritos malignos a fonte de mazelas como desemprego, problemas financeiros e amorosos. Dizíamos também que as doenças eram sinais físicos dessa possessão demoníaca e, uma vez que estes espíritos eram expulsos, as pessoas ficavam curadas de toda a sorte de enfermidades.

Geralmente entrevistávamos os endemoniados e, para mostrar ao respeitável público que tínhamos poder sobre eles, fazíamos com que essas pessoas andassem de joelhos ao redor da igreja, ou batessem a cabeça nos nossos pés, ou latissem ou ainda que imitassem galinhas, porcos e outros animais. Isso dependia da imaginação de cada pastor. Depois dos exorcismos, enquanto o povo explodia em aplausos e gritos de júbilo, do alto do púlpito nós agradecíamos os louvores. Mesmo sabendo que aqueles “demônios” nada mais eram do que pessoas em busca de alguma atenção ou sofrendo de seriíssimas crises emocionais, nossa atitude era indefectível.

Mas era na segunda parte do culto que o pastor tinha de “provar a que veio”.

O seu futuro como pastor dependia daquela hora e ele precisava ser cauteloso. Nem tão agressivo para não demonstrar ganância, nem tão

passivo a ponto de deixar transparecer insegurança. Nenhuma outra passagem da Bíblia é tão exaltada e divulgada na Igreja Universal quanto o "Trazei todos os dízimos e ofertas", de Malaquias (3:10). Pedir ofertas não era uma tarefa fácil, e bem-aventurado era o pastor que dominava a arte de fazer com que as pessoas abrissem seus bolsos ou assinassem cheques a fundo perdido.

Esses pastores eram poucos. Eles eram os reis da lábia. Pelos seus esforços, recebiam tratamento diferenciado: ganhavam bons carros, bons salários, boas roupas e boas moradas. Eles eram o "crème de la crème da igreja". Ou "notáveis", como se autodefiniam. As mordomias eram uma recompensa pela habilidade.

Basicamente, essa habilidade consistia em passar uma hora pedindo dinheiro, em valores decrescentes, e ainda fazer com que o saque parecesse uma singela parte do culto. Um singelo ritual em que os fiéis ajudam a manter o bom funcionamento da obra de Deus. Muitos pastores, por timidez diante do público ou por serem contra a total falta de transparência do roteiro do dinheiro, simplesmente não se esforçavam para levantar ofertas. Esses pastores formavam a ala conservadora da igreja e sempre eram mandados embora na primeira oportunidade. Bem-feito para eles: em vez de pedir altas ofertas e fazer macaquices no púlpito para entreter o povo, optavam por pregar tolices como salvação da alma ou tópicos que a ninguém importavam, como a segunda vinda de Cristo ou o dia do Juízo Final. Ladainhas.

II

Paulo Afonso era uma dessas cidadezinhas baianas que servem de pano de fundo para romances de Jorge Amado. Lá estava a pracinha no centro, a paróquia, que de vez em quando promovia uma quermesse, e a “casa da luz vermelha”.

O lugar guardava também dois dos esconderijos preferidos de Lampião: a Gruta do Morcego e o Raso da Catarina.

A cidade estava localizada bem no meio daquela paisagem do sertão nordestino que trazem à lembrança a canção “Asa Branca”. Porém, porque tivera a sorte de entrar no caminho do Velho Chico, Paulo Afonso se orgulhava do verde abundante de suas matas, da variedade de sua fauna e da majestade das suas cachoeiras, principalmente a Véu de Noiva, que, dançando ao som de suas águas, dava à gente simples daquele lugar um magnífico espetáculo de esplêndida beleza.

O que mais me chamou a atenção naquele lugar foi a beleza das mulheres. Em particular uma que frequentava a nossa igreja diariamente. Seu nome era Lizete. Ou “Liz”, como gostava de ser chamada. Ela era a encarnação de tudo aquilo que se espera de uma mulher baiana: cabelos negros, pele de bronze e um lindo sorriso de porcelana. Aos quinze anos, precocemente mulher.

Ao notar meu interesse por Liz, o pastor Vieira tratou logo de impedir que eu me envolvesse com a moça. Na sua opinião, ela não era a pessoa indicada para mim. Liz frequentava a igreja havia menos de dois meses e somente o fazia porque era forçada pela mãe. Desde que o pai morrera tragicamente, enquanto trabalhava na CHESF, ela se tornara uma jovem fechada e rebelde. Seu relacionamento com as pessoas era extremamente difícil e tudo piorou quando começou a se envolver com um homem muito mais velho do que ela.

Pelo menos de minha parte, começou a brotar um certo interesse. Meu único problema era não saber como demonstrar a ela meus sentimentos. Eu nunca havia tido uma namorada antes. Todos os meus pensamentos e desejos eram voltados para a religião. Prazeres carnis não faziam parte deles. Ensinaram-me que sexo era uma dádiva de Deus, com o propósito de unir o homem e a mulher num só corpo em uma abençoada

conjunção carnal. Uma relação de amor físico que era privilégio exclusivo de casados.

Eu me orgulhava de ainda ser virgem. Era essa a coisa mais preciosa que eu havia consagrado a Deus: a minha virgindade. Fiz a promessa de que me guardaria puro até o dia em que encontrasse a moça pela qual me apaixonaria, e assim, de acordo com os desígnios divinos, seríamos dois em um.

Mas, ao contrário de mim, Liz tinha uma vida sexual ativa e esse foi o motivo da não aprovação do pastor Vieira. Ela era a típica moça mal-falada em uma cidadezinha do interior: "Se perdeu cedo"; "Brinquedo de homem grande", diziam. Ela não merecia o amor de nenhum rapaz direito. Muito menos de um aspirante a pastor.

Sabia que estava errado em me deixar levar por aquele sentimento, mas não conseguia evitar. Pensava nela o tempo todo. Sonhava com ela. Sonhos que jamais tivera. Apesar de tentar disfarçar, não foi difícil para Liz perceber que eu a desejava.

Quando ela começou a me mandar cartas e me olhar de um jeito diferente, achei que estava querendo brincar com meus sentimentos. Mas logo descobri que ela sentia por mim o mesmo que eu sentia por ela. Trocávamos cartas todos os dias. Ela vinha para os cultos e antes de ir embora me dava alguns pedidos de oração e entre eles uma carta. Ao que eu retribuía.

As cartas de Liz eram recheadas de emoção e calorosas revelações quanto ao que ela sentia por mim. Já as minhas eram vitorianas confissões de amor, acrescidas de citações bíblicas. Afinal, não queria apenas tê-la, mas também convertê-la. Sentia-me profundamente culpado por estar gostando daquela moça. Era como se estivesse praticando o maior de todos os pecados, apesar de nunca tê-la tocado.

Aquilo já estava interferindo na minha vida espiritual. Comecei a ter conflitos interiores e me autoflagelava com orações e jejum na busca de purificação.

"Preciso te ver hoje à noite na pracinha."

Não sabia o que fazer quando recebi o bilhete com essa frase. Contar ao

pastor Vieira nem chegava ser uma alternativa. Afinal de contas, ele era totalmente contra que eu tivesse qualquer contato com Liz. Finalmente decidi ir e ouvir o que ela tinha para me dizer.

Depois das sete horas da noite, Paulo Afonso parecia uma cidade fantasma de faroeste italiano. Naquele dia, eu e Liz éramos as únicas pessoas na praça. Sentados em um banco e de mãos dadas, trocávamos olhares apaixonados e tentávamos explicar o que estava se passando entre nós. Disse-lhe que apesar de amá-la loucamente não permitiria pedras no meu caminho rumo à obra de Deus. Eu tinha uma vocação. Um chamado. Uma missão. Nada me impediria de ir até o fim, nem mesmo meu amor por ela. Se era assim, disse-me ela, se a igreja não nos aceitava juntos, então que fugíssemos, que fôssemos morar com uma tia dela em Delmiro Gouveia.

Era como se ela não entendesse nada do que eu tentava explicar. Não havia abandonado os meus pais e renunciado à minha vida para acabar ordenhando cabras e vacas sem leite no interior de Alagoas. Naquela noite, ao se despedir de mim, Liz me beijou cálida e sofregamente. Foi o meu primeiro beijo.

Meu aprendizado em Paulo Afonso chegara ao fim. O pastor Paulo ordenou que eu voltasse para Salvador. Lá, o crescimento da igreja demandava pessoas treinadas e familiarizadas com o trabalho. Mais uma vez, eu me preparava para partir. Ao chegar à rodoviária, encontrei Liz, que me esperava com uma bolsa de roupa.

— *Me leva com você* — disse ela.

— *Liz, eu não posso. Nós já conversamos sobre isso!* — respondi.

Como eu queria beijá-la de novo, repetir aquela noite na praça.

— *Você precisa ficar aqui* — prossegui. — *Pense na sua mãe, nos seus irmãos pequenos. Eles precisam de você.*

— *Eles podem viver sem mim. Estou farta deles. Estou cansada deste lugar, das pessoas fofoqueiras deste lugar. Eu quero ir embora. Por favor, me leva contigo?*

Quando ela percebeu que não conseguiria me demover, mudou de tática.

— *Então promete que volta pra me buscar?* — disse ela chorando.

Não sei como consegui resistir àquelas lágrimas.

— *Liz, eu não posso prometer isso. Nós fazemos planos, mas a última palavra vem de Deus. Os nossos planos não são os dele.*

— *Deus! Deus! Sempre Deus! Será que vocês não pensam em outra coisa? Se não me quer, pelo menos seja homem suficiente pra dizer isso!*

Eu a queria, mas não sabia o que dizer, o que fazer, como agir.

— *Por favor, promete* — insistiu ela.

— *Lizete, eu prometo que voltarei para te buscar... se Deus assim quiser.*

Então, ela me abraçou tão forte que pude sentir seu coração bater junto ao meu peito. Naquele momento, confortavelmente entregue aos seus braços, a ideia de ordenhar cabras e vacas magricelas em Delmiro Gouveia não me pareceu tão terrível assim.

O ônibus começou a longa jornada passando pela placa que, fincada no acostamento da estrada, dizia: “Bem vindo à Princesinha do Nordeste”. Lá atrás, ainda pude ver o vulto de Liz, que me acenava. Até logo! Até amanhã! Volte! Não vá. E todo um discurso sofrido que eu podia ler naquele simples balançar de sua mão. Foi a última vez que a vi.

III

A chegada à Salvador era o princípio da minha ascensão na Igreja Universal. Fui escalado para ficar na sede, na ladeira do Aquidabã. A igreja era um fenômeno de público. Todos os dias centenas de fiéis lotavam o templo. Muita gente esperava a vez de entrar e, finalmente, receber nossas bênçãos. Espalhada pela ladeira, a multidão causava transtornos no trânsito e, muitas vezes, fechava as vias de acesso à Baixa do Sapateiro e à Barroquinha.

Declaramos guerra às religiões africanas, sustentáculo da fé baiana. Guerra à Igreja Católica, nossa maior inimiga. E guerra até mesmo às igrejas protestantes, como a pentecostal Deus é amor, que nós tachávamos de “candomblé evangélico”, e a Assembleia de Deus, para nós um bando de “crentões” e “fanáticos”. Nas rodinhas de pastores sempre aparecia alguém contando alguma piada de profundo mau gosto sobre as mulheres da Assembleia de Deus, que, diziam, não se depilavam e não usavam desodorante por considerarem pecado.

A Igreja Universal, onde era proibido proibir, era apresentada como o único caminho da felicidade. A verdadeira igreja de Cristo ou “o vinho novo”, como gostávamos de anunciar.

Jogávamos pesado nos programas de televisão. Quebrávamos imagens de santos católicos e, durante os cultos, queimávamos as roupas de candomblé e colares de miçangas levados pelos filhos-de-santo que se convertiam. O povo vibrava. Nós o fazíamos vibrar. Não é preciso repetir aqui que o povo gosta de pão e circo.

Desenvolvi um estilo. Defini um discurso simples, mas poderosamente convincente para levar a mensagem da igreja. Isso me rendeu o cargo de terceiro pastor no Aquidabã. Acima de mim, apenas os pastores Paulo e Gonçalves (hoje bispos). Líder e vice-líder.

A promoção me conferia um status. Por exemplo, passei a conduzir as reuniões com centenas de pessoas, além de apresentar programas nas rádios Cruzeiro e Excelsior e participar do “Despertar da fé”, na TV Itapoã. Nos fins de semana, viajava pelo interior do estado fazendo campanhas de evangelização, lotando templos por onde quer que passasse.

Considerando que eu estava na igreja há pouco mais de um ano, minha

escalada era meteórica. Meus dias de dormir sobre assoalho gélido e bancos de madeira haviam chegado ao fim. Logo passei a dividir um confortável apartamento com o pastor Gonçalves e outros dois pastores. As roupas surradas que eu usava deram lugar a ternos de grife e, num piscar de olhos, me vi frequentando restaurantes finos e viajando de avião.

A primeira vez que voltei à São Gonçalo desde que me mudara para a Bahia foi memorável. Cheguei à Boa Vista com uma mala cheia de presentes para minha família e amigos. Naquele dia, transformei-me na sensação da rua. Velhos conhecidos e vizinhos vieram só para me ver. Do alto do meu pedestal, eu criticava a poeira e o calor daquele lugar. E exaltava as maravilhas da civilização moderna. De como era confortável viver com telefone, assistir à televisão em um aparelho que mostrava dois canais ao mesmo tempo, e o que é o progresso, como ter na cozinha uma geladeira que não precisava abrir a porta para tirar a água.

Alguns me chamaram de ladrão, mas eu não dei ouvidos às “vozes da inveja”, como diziam meus pais, orgulhosos do filho que estava na Bahia falando para multidões em rádio e televisão. “Graças a Deus”, diziam eles, “nosso filho não é como Ney ou Denílton, que só dão desgosto aos pais”.

O sucesso da igreja e dos programas de rádio e televisão estava baseado na fórmula infalível criada pelo bispo Macedo: a terapia espiritual. Trabalhávamos diretamente com as emoções das pessoas. Por isso muitas pessoas afirmam que quando ouvem o rádio sentem como se o pastor estivesse falando diretamente com elas. Na nossa programação comentamos, ao som do piano de Richard Clayderman ou da flauta de Zamfir, os problemas que afligem a maioria dos humanos: desemprego, vícios, doenças, problemas conjugais e financeiros. Depois de um debate no qual discutíamos os efeitos desses problemas na vida das pessoas, apresentávamos a solução para tudo isso como uma única visita a um dos endereços da igreja. Uma vez que a pessoa ia à igreja, ela era orientada a fazer uma corrente de doze semanas. Corrente na qual ela viria a se tornar emocionalmente presa. Os que quebravam essa corrente imediatamente passavam a ter visões e ouvir vozes. Como Hollywood, nós sabíamos explorar o medo infantil que as pessoas têm da figura do diabo.

Informado do sucesso na Bahia, o bispo Macedo resolveu marcar uma concentração no maior estádio de Salvador. Ele havia acabado de lotar

o Maracanã e estava disposto a lotar todos os estádios das grandes capitais. Dois meses antes começamos a trabalhar na promoção do que seria o maior de todos os nossos desafios: lotar o estádio Fonte Nova.

Queríamos mostrar aos padres, pastores, pais e mães-de-santo da Bahia que o reinado deles havia acabado. Éramos nós que dávamos as cartas agora. Também queríamos mostrar aos pastores da própria Universal em outros estados que nós, da Bahia, éramos os melhores. Todos os pastores do interior ficaram incumbidos de alugar um ônibus e levar o maior número de pessoas possível. Vinhetas nas rádios e nas televisões, outdoors espalhados pelo estado prometiam curas e soluções.

Durante as reuniões na igreja, distribuíamos envelopes e fazíamos com que os fiéis colocassem ali o que chamávamos de “oferta de sacrifício” algo como o salário do mês e um pedido de oração, que o Bispo levaria para Israel, a Terra Santa (isso foi o início do que hoje chamam na Universal de “Fogueira Santa de Israel”).

No dia da tão propagada concentração, uma multidão já se aglomerava ao redor do estádio muito antes dos portões serem abertos, às nove da manhã. Quando, enfim, o Woodstock religioso começou, milhares de pessoas, pisoteando velhinhas e crianças, travaram uma disputa agressiva para obter um bom lugar para ouvir o Bispo e receber dele os milagres, que era o que interessava àquela gente.

Naquela época em que o termo yupie estava em voga, o bispo Macedo, portando Rolex, Ray-ban, Mont Blanc e a sempre presente “Hermes”, subiu no palanque que fora especialmente armado para ele no centro do gramado. Não conseguia esconder sua alegria. O estádio Fonte Nova estava completamente lotado. Repetia-se em Salvador o fenômeno do Maracanã, no Rio.

Naquela tarde, depois de recolher os envelopes com o “sacrifício” e com os pedidos de oração, que seriam levados para o Monte das Oliveiras, em Jerusalém, o Bispo pediu aos seus seguidores baianos uma oferta especial para comprar uma emissora de rádio em Salvador, assim como seus fiéis cariocas o haviam contemplado com a rádio Copacabana.

— *Será que os cariocas têm mais fé que os baianos?* — perguntou o bispo à multidão.

— NÃÃÃÃAOOOO! — a resposta retumbou como um trovão.

As ofertas vieram em forma de dinheiro e joias. Passamos três dias trancados em uma sala contando os sacos de dinheiro levantados no Fonte Nova. No final, o dinheiro foi depositado na conta da igreja, no Bradesco, em Salvador.

O ouro seria levado para o Rio de Janeiro e transformado em barras. Quanto aos pedidos de oração que seriam levados para Israel — bem, eles foram queimados na praia da “Boca do Rio”.

Quando eu era um simples fiel, não imaginava o que se passava nos bastidores, depois que a cortina cai. Os atos de alguns pastores logo me levaram a descobrir que a Igreja Universal nada mais era do que uma empresa com fins lucrativos como qualquer outra na ciranda financeira. A única diferença era o produto vendido: sal que tira vício, lençinhos molhados no “vinho curativo” (o conhecido Ki-suco) água da “Embasa”, que dizíamos ter vindo do Rio Jordão, azeite “Galo”, que dávamos ao povo como legítimo óleo ungido proveniente de Jerusalém, e uma longa lista de outros produtos tão falsos quanto as gotas de leite extraídos dos seios da Virgem Maria, que eram vendidas na Europa, nos primeiros séculos, aos otários em busca de milagres.

Como ser pastor era antes de tudo uma “vocação” e jamais uma profissão, não tínhamos vínculo empregatício com a Igreja Universal. Nossos salários eram pagos em cash, isentos de qualquer taxa ou imposto. O valor desses salários variava: cada caso era um caso nas leis do Reino. Apesar de sermos estritamente proibidos de comentar nossos ganhos uns com os outros, sabíamos da injustiça salarial. Pois enquanto dirigentes de igrejazinhas de periferia ganhavam salários míseros e insuficientes para sustentar a família, os pastores notáveis trocavam de carro a cada ano e passavam fins de semana em resorts acompanhados de suas belas mulheres trajando Chanel e portando bolsas Louis Vuitton.

IV

A Liberdade era o maior bairro de Salvador. Lugar cheio de gente, vielas e ladeiras com coloridas favelas encrostadas em sua pedra. Berço do internacional Ile-Aye. Ali já existia um templo da Universal que funcionava há quase um ano, mas que não havia ainda alcançado as metas desejadas. Quando ganhei a liderança isolada da igreja naquele bairro sabia que na verdade estava ganhando um abacaxi para descascar.

Durante o pouco tempo de existência da igreja, ela tinha sido sacudida por dois grandes escândalos. O primeiro ficou por conta do pastor que a inaugurou, Rodrigues da Encarnação.

Achando que seria melhor negócio abrir sua própria igreja, o pastor Encarnação saiu, arrastando consigo metade dos membros da Liberdade. O pastor Santos, que lhe sucedeu, além de sofrer de um sério problema de alcoolismo, se envolveu com algumas mulheres que frequentavam a igreja e teve de ser transferido, numa tentativa de abafar os comentários que surgiam entre os obreiros e já estavam chegando ao povo.

Ao colocar-me na Liberdade para arrumar a casa, o pastor Paulo estava me dando um voto de confiança. E eu aceitei o desafio. No início surgiram protestos, no interior da igreja, contra minha posição. Alguns membros achavam que, por eu ter somente dezessete anos, era muito inexperiente para o cargo. A meu favor, eu tinha a opinião do líder e das pessoas que já conheciam meu trabalho.

Apresentando um programa diário com duração de duas horas na rádio Bahia, emissora recém-comprada pela Igreja Universal, em pouco tempo elevei a Liberdade à condição de terceira igreja do estado. Atrás apenas da sede e do templo de Feira de Santana, do pastor Teixeira. Passei então a ser o centro das atenções dos outros pastores, que me pediam uma ponta no programa e disputavam espaço na minha agenda para uma visita à suas igrejas.

O simples anúncio de que eu estaria visitando a igreja tal já era suficiente para arrastar uma grande multidão àquele lugar. Talvez o que me destacasse fosse que, ao contrário da maioria dos pastores, eu ainda me mantinha fiel aos princípios religiosos, que me acompanhavam desde que tinha tomado a decisão de ser um pregador do Evangelho. Esse meu

sucesso me garantiu um lugar no fechado círculo dos notáveis, o primeiro escalão da igreja.

Como eles, passei a ter ganhos extraordinários. Além de um inacreditável salário, recebia também 10% da arrecadação mensal da Liberdade, o que, para um menino de dezessete anos, era muito dinheiro.

Ganhando muito mais do que precisava, eu me dava ao luxo de todo fim de semana entrar num táxi aéreo com destino às praias de Ilhéus e Porto Seguro. Nunca tive problemas de consciência por isso. Afinal, aquilo não era dinheiro roubado. Era o meu salário. Eu não tinha culpa se a maioria dos outros pastores não era bem-sucedida como eu. A única coisa que me causava certo mal-estar era o fato de que todo aquele dinheiro gasto futilmente vinha de pessoas que mal tinham o que comer e iam a pé para a igreja, economizando o dinheiro do ônibus para ofertá-lo durante as reuniões.

Contudo, o comportamento dos líderes me absolvía de qualquer sentimento de culpa. Entre os pastores comentava-se a boca pequena, que as famosas "peregrinações da fé à Terra Santa" não passavam de excursões turísticas ao Oriente Médio, com direito a cassinos, noitadas em Tel Aviv e divertidos passeios de camelo às pirâmides egípcias. Além disso, os líderes estavam constantemente em viagens "de interesse da igreja" a cidades europeias com forte apelo turístico, como Paris, Roma e Londres. Por que, então, eu me sentiria culpado por passar fins de semana em Porto Seguro?

A falta de amigos era uma coisa que me afligia durante a adolescência na Igreja Universal. A diferença de idade entre mim e os outros pastores era uma barreira que me impedia de ter comunhão com eles. A maioria deles era composta de pais de família e mesmo os solteiros eram muito mais velhos que eu. Às vezes sentia falta do convívio com jovens de minha própria idade para ir ao cinema, passear e conversar sobre coisas concernentes àquela fase. A Igreja Universal me prejudicou no sentido de que, me tirando da convivência de meus pais, não assumiu o lugar deles na minha vida. Durante a adolescência, uma fase em que o homem edifica a base do seu caráter, eu fui deixado só, entregue às minhas dúvidas, sem nenhum esclarecimento ou orientação.

Uma das minhas funções como pastor era às vezes de psicólogo. Passava as tardes atendendo às pessoas naquilo que chamávamos de Consultório

Espiritual. Ficava horas atrás de uma mesa aconselhando os fiéis na solução dos seus problemas pessoais. Para mim, além de estressante, isso era embaraçoso. Sem nenhuma ideia do que seria uma relação sexual, eu me via aconselhando senhoras que me perguntavam o que fazer quando o marido queria ir além do sexo convencional.

Outras funções que eu detestava era fazer enterro e visitar pessoais à beira da morte em UTIs. Em uma ocasião, visitando um rapaz que havia sido severamente esfaqueado, simplesmente desmaiei ao ver o sangue que jorrava de sua garganta dilacerada. Uma outra vez fui levado a uma roça em Cachoeira, no interior da Bahia, para orar por um homem que sofria de uma doença rara que comia a sua carne. Ao chegar lá, encontrei aquela massa de carne viva posta sobre folhas — terrível mau cheiro. Em outra ocasião visitei uma moça retardada que tinha sido estuprada no sanatório em que recebia tratamento. O estuprador, certamente um dos empregados do sanatório, deixou a menina em tal estado que vários dias depois da visita eu ainda tinha dificuldades de comer e dormir. Acredito que todas essas cenas explícitas de mundo-cão vividas na adolescência influíram na minha personalidade, fazendo com que eu me tornasse uma pessoa vazia e deprimida.

A questão do sexo era para mim um total mistério, além de tabu. Sem nenhuma orientação dos meus superiores ou de quem quer que fosse, tudo o que eu sabia do assunto havia aprendido nas páginas da Bíblia. Uma vez ejaculei enquanto dormia e, quando acordei molhado, achei que tinha cometido o mais grave dos pecados contra Deus, o que me lançou numa série de jejuns e várias horas de joelhos implorando o divino perdão.

Nesta mesma época um pastor veio para ser treinado por mim. O meu bom desempenho à frente da igreja da Liberdade fizera com que ela se tornasse um dos pontos de treinamento de novos pastores. Por minhas mãos passaram, entre outros, a missionária Lindanil, que veio a ser a primeira pastora do Nordeste, e Alberto Peçanha, que começou o trabalho da Universal na Espanha e na Argentina.

O pastor que eu deveria treinar (por respeito à sua pessoa e família prefiro ocultar seu nome) uma pessoa sorridente e falante, logo ganhou minha amizade e confiança. O fato de ele ser quinze anos mais velho que eu tornava-o mais experiente. Isso fez com que eu confiasse a ele o meu segredo. Ele então me liberou daquelas neuras. Aprendi que amanhecer

molhado era comum em um jovem sem vida sexual. Ele certamente me ensinou muitas coisas.

Continuamos amigos mesmo depois que seu treinamento terminou. Ele foi transferido para uma igreja no subúrbio de Salvador, mas pelo menos duas vezes por semana nos encontrávamos para ler a Bíblia juntos ou sair para um sorvete. Nossa amizade era uma coisa inédita entre os pastores, pois eles normalmente não tinham comunhão.

Desde meus primeiros momentos na cúpula da Universal pude perceber o clima de competição reinante entre os pastores. Todos queriam destaque e consagração. Éramos todos engajados numa verdadeira guerra santa: espionando uns aos outros, copiando ideias, dedurando, fazendo lobby. Era a lei da selva. Esses eram os mesmos indivíduos que ocupavam os microfones e púlpitos pregando irmandade e amor entre os homens. A hipocrisia era parte do nosso trabalho.

Entre mim e aquele pastor existia uma verdadeira amizade. Eu confiava nele e ele em mim. Numa tarde estávamos conversando enquanto tomávamos um sorvete e eu lhe disse que estava gostando de uma moça que era obreira de minha igreja. Percebi que ele mudou imediatamente de comportamento, passando a ficar inquieto e atrapalhado com o sorvete na mão. Em nenhum momento me passou pela cabeça que o motivo de sua visível perturbação era o fato de eu estar querendo ter uma namorada.

No dia seguinte ele me procurou e disse estar apaixonado por mim. Eu tive uma crise de riso. Ele era um cara brincalhão e naturalmente engraçado, do tipo Jerry Lewis. Teria sido um ótimo comediante se não tivesse optado pelo pastorado. Mas naquele momento ele não estava brincando e eu parei de rir quando percebi isso.

— *Você é homossexual?* — perguntei. Jurou que não era e disse não saber o que estava acontecendo com ele. Eu o aconselhei a conversar com o pastor Paulo, em busca de ajuda, e ameacei eu mesmo contar se ele não o fizesse.

Na verdade, tanto ele quanto eu sabíamos que se o líder viesse a ter conhecimento daquilo ele seria provavelmente expulso da igreja. Mesmo porque naquela época ele era um pastor sem nenhuma expressão, o que o tornava facilmente removível. Mas, usando o bom senso, decidimos

então que deveríamos manter distância até que ele superasse aquela fase confusa. Eu só não entendi porque aquilo havia mexido tanto comigo. Passei várias noites depois daquela conversa pensando no assunto. Aquilo serviu para aumentar todas as minhas dúvidas em relação à sexualidade.

Não vi meu amigo nas semanas que se seguiram. Nem mesmo nas reuniões de pastores que eram realizadas nas tardes de segunda-feira. Até que um dia recebi um bilhete dele: "Estou indo passar o fim de semana em Recife. Se você quiser vir comigo, me encontre hoje à noite no aeroporto." O bilhete com as passagens tinha sido enviado por ele por intermédio de um obreiro. O fato de estar se arriscando daquele jeito foi uma prova de que realmente ele sentia alguma coisa por mim.

Ao voltar daquela viagem ao Recife eu sabia que minha vida não seria mais a mesma. Eu sempre havia sido sincero no teor da minha pregação. Pregava aquilo que vivia e esse era o segredo da minha popularidade. Leituras diárias da Bíblia e vigílias de orações eram para mim tão essenciais quanto comer e beber.

Eu amava a Deus de todo o meu coração e seria capaz de morrer pela causa do Evangelho. Procurava levar uma vida pura, respeitando o meu corpo e a igreja. Convivia com constantes escândalos de pastores adulterando e roubando a igreja, mas eu sempre procurava me esquivar de mulheres e dinheiro, as principais razões da queda de um pastor. No entanto, eu havia perdido numa noite todo aquele sentido de pureza que havia guardado intacto dentro de mim. Havia pecado contra Deus e contra mim mesmo. Havia tido minha primeira relação sexual, com um homem, também pastor, da própria Igreja Universal do Reino de Deus.

Pensei em largar tudo, pois já não me sentia mais digno de continuar pregando a palavra de Deus. A condenação de Levíticos martelava diuturnamente a minha mente: "maldito é o homem que se deita com outro homem". Uma terrível angústia tomou conta de mim. Sufoquei todo aquele sentimento e tentei seguir adiante sem pensar no que havia acontecido. Como se isso fosse possível. Não consegui conviver com aquele sentimento de culpa e pecado por muito tempo. Mesmo pensando que seria expulso da igreja, procurei o pastor Gonçalves, que era o novo líder do estado, e lhe contei tudo o que havia se passado entre mim e o outro pastor. Ele me perguntou se mais alguém sabia disso. Com a minha resposta negativa, me orientou a esquecer o ocorrido e

não fazer “uma tempestade num copo d’água”.

V

Por algum tempo eu vinha sendo pressionado pelos líderes para me casar. Achavam que comandando uma igreja do porte da Liberdade, eu precisava de uma esposa, que além de me ajudar na organização de grupos de senhoras e crianças me daria um ar de responsabilidade, fazendo-me parecer mais velho do que meus dezoito anos.

A escolhida foi uma das mais dedicadas obreiras da igreja. Uma moça bonita, inteligente e profundamente cristã. Marcamos a data da cerimônia e convidamos o bispo Roberto Augusto para celebrá-la. A Rua General Savaget estava intransitável naquela tarde. Centenas de pessoas, inclusive do interior do estado, haviam comparecido à cerimônia religiosa, que seria celebrada pelo bispo. Naquela igreja lotada, decorada com uma variedade de flores brancas, fizeram-se ouvir as primeiras notas que saíam do órgão acompanhando um coral que havia sido contratado exclusivamente para a ocasião.

Ali na frente, sem ainda ter certeza do que estava fazendo, eu me preparava para receber a noiva que caminhava em minha direção com passos lentos, trazida pelo braço do pai. Enquanto isso, sua mãe, ao meu lado, enxugava as lágrimas que teimavam em lhe borrar a maquiagem.

O bispo começou o seu sermão nupcial, enquanto na minha cabeça os pensamentos se movimentavam como um furacão. Ele pregava a fidelidade como receita para uma união feliz e eterna. Estavam ali todos os pastores, inclusive o meu amigo. Eu não estava me casando por amor. Casava somente para provar a mim mesmo que era homem.

Num predeterminado momento do ritual, fomos instruídos a olhar um ao outro nos olhos e repetir as palavras do livro de Rute. Na frente do altar, sendo alvo da atenção de todas aquelas pessoas, olhando nos olhos de Graça, pela primeira vez eu percebi o quanto ela me amava, e o quanto esperava o mesmo de mim. "Aonde você for, irei eu", começamos o juramento "...onde dormir, ali dormirei também. O seu povo será o meu povo e o seu Deus, meu Deus". A igreja emocionada, em completo silêncio, nos olhava naquele momento de juras de amor eterno: "...e que não seja outra coisa além da morte a me separar de ti", concluímos.

Capítulo 3

SAMPA

I

A primeira coisa que senti quando soube que o pastor Carlos Alberto Rodrigues seria o nosso líder na Bahia foi uma explicável sensação de pavor. Afinal de contas, todos nós já tínhamos ouvido falar da sua fama de durão no trato com pastores e obreiros.

O pastor Rodrigues era a figura mais popular da Igreja Universal depois o Bispo, a quem ele se dirigia tratando simplesmente por “Edir”. Ele era o único que fugia da linha vaquinha de presépio seguida por todos os pastores. O único que ousava levantar a voz quando discordava de alguma decisão tomada pelo Bispo. A amizade entre eles era mais velha que a própria Igreja Universal. Ela vinha dos tempos em que os dois faziam parte das igrejas Casa da Bênção e Nova Vida.

Naquela época, Carlos Alberto Rodrigues era um obreiro adolescente e o recém-convertido, Edir Macedo de Bezerra apenas um auxiliar de escritório da LOTERJ. Sem ter ainda o sonho messiânico e napoleônico de que no futuro bibliotecas inteiras e evangelhos seriam escritos sobre a sua pessoa.

Sem o apoio dos líderes de suas igrejas aos seus métodos revolucionários de atrair fiéis, como distribuição de sal milagroso, o então evangelista Macedo se juntou a um grupo de amigos evangélicos e fundou a sua própria igreja. Além de Rodrigues, fazia parte desse grupo o missionário R.R. Soares (cunhado de Macedo, que mais tarde rompeu com ele, fundando a Igreja da Graça), o reverendo De Paula (que também brigou com Macedo e saiu), o pastor Joacir (também saiu), o pastor Benedito (saiu), e o contador Naylton Nery (esse, quem diria, acabou no Irajá).

Hoje em dia esses pastores devem estar tão arrependidos quanto aquele quinto Beatle.

Com o crescimento imprevisível do bolo, e com cada um querendo a melhor fatia, começou uma luta interna pelo poder que terminou com a

dissolução do grupo, o que deu a Macedo a liderança total daquilo que viria a ser um milionário aglomerado de empresas que, além da fé, atuaria em ramos tão diversos entre si quanto redes de comunicação e madeireiras, construtora e banco. Além da Universal produções, uma holding que administra uma gráfica, uma editora, um jornal e uma gravadora.

Rodrigues era o único remanescente daquele grupo de 1977 que continuava com o Bispo. Se bem que muita gente achava que essa sua fidelidade ao rei era semelhante àquela de primeiro-ministro de desenho animado. Talvez porque ele nunca se preocupasse em esconder sua gana pelo trono. Com um visual que lembrava John Lennon, um pigarro eterno na garganta e sempre procurando ajeitar os óculos que teimavam em escorregar pelo nariz, era conhecido como o "pastor das multidões".

Seu programa de rádio, de apelo populista, assemelhava-se mais ao Show do Paulo Lopes do que a uma programação evangélica com o propósito de pregar a Bíblia. Seu programa era Sintonizado principalmente pelo ouvinte típico de AM: "As senhoras donas-de-casa e as minhas amigas empregadas domésticas". O seu "Bom dia, vida" era líder no horário. Em um espaço de três horas ele comentava as novelas da Globo, dava o horóscopo do dia, respondia cartinhas assinadas por pseudônimos como "coração abandonado de Vila Valqueire" ou "desesperada de Guadalupe" e criticava a prefeitura pelo buraco na rua tal. Mas o ponto alto do programa era o momento da distribuição de quilos de carne e feijão.

A sua igreja no bairro carioca de São Cristóvão era um verdadeiro sucesso. Diferente de outros estados como Sergipe, Rio Grande do Sul ou Goiás, onde nós tínhamos um número pequeno de templos e seguidores, a Bahia era um porto seguro para a Universal. Houve ali um tempo em que toda igreja que se plantava dava. Mas o pastor Gonçalves, como todo vice que se preza, assumiu o poder e fez uma série de trapalhadas durante a sua gestão, o que veio prejudicar a igreja em todo o estado.

Logo que recebeu a liderança do estado das mãos do experiente pastor Paulo, Gonçalves começou a lidar com problemas graves, como prisões de pastores por envolvimento com drogas (foi o caso do pastor Paulo César), adultérios e rebeliões de pastores que, em massa, abandonavam a Universal para abrir seus próprios templos. Afinal de contas, "templo é dinheiro".

Havia também aqueles cujo nível de vida era bem superior ao que seus salários poderiam proporcionar. Estava claro como azeite santo que desviavam dinheiro da igreja para as suas contas pessoais. O Bispo, então, decidiu enviar Rodrigues, numa tentativa de resgatar a Universal baiana da desmoralização e evitar a perda dos poucos fiéis que teimavam em continuar na igreja.

Gonçalves, por sua vez, foi transferido para a humilhante posição de pastor auxiliar da matriz, na Abolição. Mas, vingança é um prato que se come frio. Anos mais tarde, ele deu a volta por cima e se tornou o líder nacional, enquanto o Bispo se transferia com a família para Nova York, na ilusão de que os americanos comprariam o seu produto.

II

As primeiras reuniões de pastores que Rodrigues realizou foram basicamente uma enxurrada de ameaças e baixarias. A mensagem foi curta e grossa: o pastor que não atingisse a meta de oferta que ele havia estipulado levaria um chute no traseiro (prefiro usar esta palavra).

Sabendo da nossa origem humilde, ele prometeu fazer cada um de nós voltar à antiga vida dura de pedreiros, garis e padeiros caso não levantássemos o dinheiro que ele queria. Depois que mordida, assoprava. Chamava na frente uns matutões, pastores de cidadezinhas como Xique-Xique e Alagoinhas, e dava ao sujeito um vale para a extração do dente podre ou presenteava o infeliz com um terno de tergal lilás. Fico imaginando se é isso o que o setor empresarial quer dizer quando fala de “prêmio de incentivo”.

Rodrigues tinha de positivo o fato de não ostentar a tradicional máscara franciscana com a qual os líderes frequentemente exercitavam sua demagogia. Era evidente que a razão maior de sua transferência para Salvador fora a necessidade que a igreja tinha de fazer mais dinheiro naquele ano de 1985.

Além de ter ainda as últimas parcelas da rádio Bahia para quitar, o Bispo estava comprando quase todos os imóveis em que a igreja operava, incluindo os que ficavam em áreas nobres como a Barra, em Salvador, Copacabana e Ipanema, no Rio e Vila Mariana e Santo Amaro, em São Paulo. Além disso, ele já havia iniciado negociações para a compra de uma “emissora de TV para Jesus”.

Como a Bahia era o segundo maior estado gerador de ofertas e Rodrigues um expert em lidar com o povo, o casamento dos dois foi uma feliz e rentável ideia.

Na sua gestão, o dízimo, secularmente 10%, passou para 30%. Ele criou também o “Pacto da Comunidade”, um carnê de doze prestações que as pessoas pagavam mensalmente. Muito parecido com o Baú da Felicidade, com a desvantagem de que, caso os milagres não acontecessem, o fiel não teria direito a eletrodomésticos nas lojas Tamakavi.

Sob a nova direção, a Igreja Universal do Reino de Deus da Bahia voltou a ser o pátio dos milagres da época de Paulo Roberto. Com o programa de

rádio mais ouvido de Salvador entre oito e onze horas da manhã, Rodrigues arrebanhava diariamente centenas de pessoas para os cultos que realizávamos. Na tentativa de se fazer passar por um “apresentador polêmico”, ele batia boca, ao vivo, com os seguidores de mãe Menininha do Gantois e do cardeal dom Avelar Brandão Vilela.

O ano de 1982 marcou também o período em que a igreja começou a se politizar. Alegando querer salvar o Rio de Janeiro do “comunista” Leonel Brizola e das “mazelas do pedetismo”, o Bispo apoiou abertamente a candidatura da professora Sandra Cavalcanti para o governo do estado. Isso soou como uma espécie de, digamos, quebra de promessa de campanha, pois a pregação de Macedo até o início dos anos 80 era a de que a igreja nunca se envolvesse diretamente com política, que para ele era “uma coisa do diabo”. Mudou o diabo ou mudamos nós?

Foi, porém, em 1986 que vendemos de vez a alma para Satã. Naquele ano, começamos a apoiar candidatos em estados do país e, no Rio, pensava-se abertamente na possibilidade de lançar a própria mulher do bispo Macedo, ou um de seus irmãos, Eraldo ou Edna, como candidatos da igreja.

Já não queriam apenas intermediários. No final, decidiram que o bispo Roberto Augusto seria candidato a deputado federal e Eraldo Macedo a deputado estadual. Poucos anos depois, já eleito, o bispo-deputado brigaria com Edir Macedo e abandonaria a Igreja Universal.

Rodrigues, vendo a sua intenção de ser deputado federal abortada pelo Bispo, teve de se conformar em ser apenas o coordenador político da igreja. E nesta função ele se saiu muito bem. Além de eleger um bom número de vereadores e deputados, elegeu também o prefeito Mário Kertz, que, sendo desafeto de Antônio Carlos Magalhães, jamais teria chegado à prefeitura de Salvador sem o apoio da igreja.

O prestígio político de Rodrigues estava tão alto que o maior problema de Enir, sua mulher e secretária particular, era conseguir espaço na agenda para o grande número de parlamentares em busca de audiência. Ele chegou ao requinte de ser convidado para a posse do governador Waldir Pires, no Palácio de Ondina. O que o governador eleito não sabia era que Rodrigues, em troca de verbas para sua recém-criada “fundação”, jogava nos dois times, trabalhando também, por baixo dos panos, para a eleição de seu adversário, Josaphat Marinho, candidato do PFL, partido

dos “neo-coronessauros” do Nordeste.

Política deve ser coisa do diabo! Enquanto se tornava uma figura importante na política baiana e era endeusado pelo povo, para os seus pastores Rodrigues era cada vez mais um constante pesadelo. Muitos não concordavam com seus métodos, mas, por amor a seus empregos, não tinham coragem de se manifestar. Para mim, não existia dia pior do que as segundas-feiras, dia das reuniões de pastores.

Durante esses encontros, nós éramos psicologicamente estuprados pelo cinismo e pelo sarcasmo do pastor Rodrigues. Toda semana ele mandava pastores “improdutivos” embora. Mas, para não passar aquela imagem de “a gente só pensa em dinheiro”, ele lançou mão de um plano maquiavélico: durante as reuniões, lia cartas anônimas de veracidade duvidosa, em que alguém relatava a má conduta daquele pastor que Rodrigues já pretendia mandar embora.

Depois de lidas as cartas, era feita, na base do “levantar a mão”, uma eleição que decidia a sorte do pobre coitado. Tínhamos então nas mãos, literalmente, um dilema: se levantássemos a mão pedindo a degola do pastor, estaríamos baseados em denúncias de uma carta sem assinatura, traindo um amigo e irmão de muitos anos, com uma família para sustentar e que, como todos nós ali, um dia teve a boa intenção em tempo integral para servir à igreja... Por outro lado, se não o fizéssemos estaríamos comprando briga com Rodrigues, que já havia decidido pela exclusão daquele pastor, mas cruelmente transferia para nossas mãos a tarefa de consumá-la. Covardemente, levantamos a mão pela saída.

Cada pessoa tem uma razão especial para odiar as segundas-feiras. A minha era a agonia da expectativa de saber quem seria o sacrificado do dia. Existia entre mim e Rodrigues uma relação de amor e ódio que aos poucos foi consumindo minha fé e credibilidade na igreja.

Eu era um dos mais populares entre os pastores da Bahia, e o segredo do meu sucesso era a fórmula que havia copiado do próprio Rodrigues, que eu já conhecia do Rio de Janeiro. Eu o imitava na maneira de dirigir os cultos, apresentar os programas de rádio e no falar aos fiéis. Usando sempre a linguagem do “Zé povinho” (esse é o apelido que o Bispo deu à camada pobre que frequentava a igreja).

O pastor Rodrigues nunca aceitou competição e, logo ao chegar à

Bahia, começou uma doentia perseguição aos pastores que eram tão populares quanto ele, ou mais, no estado.

Quando não encontrava motivos para mandá-lo embora, acabava transferindo-o para outros estados. Ao mesmo tempo, ele se cercou de gente menos capaz, como o pastor Torres, a missionária Conceição e o pastor João de Deus. Esse último morreu num acidente de carro, deixando várias mulheres chorando.

Aos poucos comecei a perder o meu espaço. Os programas de rádio que apresentava pela manhã e nas tardes de domingos foram dados para um dos asseclas de Rodrigues. Também fui transferido da Liberdade para o subúrbio de Periperi, onde fui preso e fui espancado, na delegacia, por perseguição religiosa da parte da delegada local. Somente fui liberado depois que o advogado da igreja, que era delegado federal, correu em meu favor.

Mas o pior veio mesmo quando foi decidido que eu seria transferido para Jequié, no interior do estado. Nós tínhamos um bebê de seis meses, e minha mulher não queria se separar da mãe. Minha sogra me pediu para não ir e prometeu usar sua influência para me conseguir um emprego caso a igreja me mandasse embora. Eu não queria sair da igreja. E os meus ideais? E os meus propósitos de pregar a palavra de Deus? Àquela altura, as minhas narinas já haviam percebido algo de podre no Reino, mas acima de Rodrigues, acima do Bispo e da própria Igreja Universal estava o Deus em quem eu ainda acreditava piamente.

“Aquele que lançar a mão no arado e olhar para trás não é digno de Mim.”

As palavras implacáveis do Evangelho ecoavam em minha mente. Eu não queria olhar para trás como a mulher de Ló. Não queria virar uma estátua de sal. E além do mais, como seria minha vida lá fora sem profissão definida e com uma família para sustentar? O meu mundo cabia nos limites da igreja e para mim era como se não existisse vida fora dela. Como aquele personagem de Peter Sellers, a televisão era meu único elo com o mundo exterior. Vivia sem a menor noção da realidade. Estive ausente quando as ruas viraram um mar humano clamando por eleições diretas e mesmo fatos como a morte de Tancredo Neves e o Plano Cruzado me passaram despercebidos. Como começar de novo um mundo que continuou caminhando quando eu parei? Fui para Jequié. Na

noite em que estávamos fazendo a mudança, a minha sogra morreu de parada cardíaca.

Minha esposa Graça era uma pessoa completamente dependente. Primeiro da mãe, depois de mim. Sem nunca ter tomado uma decisão própria na vida, ela saiu das mãos de um pai autoritário para as minhas, um marido que não sabia cumprir o papel de amigo, companheiro e amante. A mãe era tudo o que tinha, e ela a perdera. Não me acusou, mas nós dois sabíamos que sua mãe havia morrido porque eu resolvi acatar a ordem de ir para Jequié.

Era como se aquele fosse o nosso (...). As desgraças começaram a se suceder umas as outras. Três noites após chegarmos àquela cidade, com nossa mudança ainda na caixa, acordamos durante a madrugada com água invadindo o porão da igreja onde havíamos sido temporariamente instalados. Imaginei que fosse uma tempestade e que as precárias condições da igreja não impediam que a água entrasse. Mas vendo que o volume da água crescia assustadoramente peguei Graça e Gabriela e tentei fugir dali. Ao abrir a porta, a água entrou com tanta força que nos empurrou de volta ao porão. Apertando Gabriela contra meu peito, eu pedia a Deus que não nos deixasse morrer ali.

Finalmente conseguimos alcançar a rua, que estava completamente alagada e cheia de gente correndo em desespero. Passaram-se alguns minutos até que percebêssemos que não havia chovido. Era uma dessas madrugadas tediosas em que até as estrelas bocejam.

A enchente tinha sido provocada pela ruptura em uma das represas da cidade. Caminhando entre pessoas que choravam o desaparecimento de parentes nas águas, fomos, molhados e trêmulos, procurar um lugar onde pudéssemos sentar e nos recuperar do susto. Com as estrelas dando lugar aos primeiros raios de sol sentamos numa escadaria bem em frente à igreja e, ali no alto, ficamos em silêncio por algum tempo olhando o porão onde estávamos dormindo completamente tomado pela água.

Tudo o que tínhamos estava ali dentro: dinheiro, roupas e móveis. Mas naquele momento, do topo daquelas escadas, tudo o que pensávamos era o que teria acontecido se Gabriela não tivesse nos acordado para mamar.

III

Aquele ano fechou com a morte de minha mãe. Quando eu soube que ela estava com câncer, procurei não dar muita importância ao fato. Na verdade eu não acreditava que minha mãe morreria. Eu achava que Deus tinha uma dívida comigo. Afinal de contas eu trabalhava para ele e o mínimo que ele podia fazer era curar minha mãe daquela doença. Ela também pensava assim, pois de tanto eu insistir minha mãe era agora também membro da Igreja Universal. Porém, o fato de tentar ignorar a doença de minha mãe não impediu que ela viesse a falecer.

Quando minha mãe morreu, o pastor de sua igreja não se deu conta disso. Cinco meses depois, minha irmã recebeu uma carta endereçada a mamãe, com a seguinte mensagem: "Prezada Irmã, ultimamente temos sentido a falta de sua preciosa presença nos cultos de louvores ao Divino Espírito Santo. Espero ver-te na próxima Ceia do Senhor. Paz seja convosco. Seu escravo em Cristo, Pastor Ricardo Pellegrini.

PS. O dízimo da irmã está atrasado em cinco meses."

Há muito tempo eu vinha querendo visitar minha mãe, mas Rodrigues dizia que minha igreja em Jequié não estava dando lucro suficiente para me premiar com um "passeio" ao Rio de Janeiro. Pouco antes de receber a notícia do falecimento de minha mãe, eu havia sido transferido de volta para Salvador e fui colocado à frente da igreja na Praça da Sé, marco histórico da Universal, por ter sido a primeira igreja a funcionar naquele estado.

Na época de minha volta para a capital eu estava num terrível estado de depressão. Não comia, não dormia e passava as madrugadas chorando. Cada pessoa que vinha a mim contando problemas e pedindo conselhos contribuía para o aumento daquela depressão. Não existia na Universal um único grupo de suporte aos pastores. Os líderes nunca chamavam os pastores para conversar, para saber o que estava se passando em suas vidas, para conhecê-los melhor. Com exceção daqueles que faziam parte do seu grupinho de fins de semana na Pousada do Rio Quente, Rodrigues nunca nos deu atenção e toda vez que se dirigia a nós era para cobrar crescimento nas ofertas.

Eu não era o único pastor com problemas de depressão. Apesar de não

termos coragem de nos abirmos uns com os outros, eu sabia que pastores mais amigos, como Edílson, Edson Menezes e Marcelo sofriam do mesmo mal. Quando o meu grande amigo, pastor João Ferreira morreu (tomou um remédio errado, de acordo com o laudo médico), em seguida a morte de minha mãe, mergulhei numa depressão tão grande que pensei que nunca mais conseguiria sair daquele estado. Tinha medo de conversar sobre isso até com minha mulher, apesar de ela ter percebido que alguma coisa estava errada comigo.

Por meio de um conhecido no Rio, tive acesso ao antidepressivo Lexotan, que me deixava estupidamente ativo e alegre. Naquele estado de falsa serenidade eu procurava continuar a minha vida fazendo as mesmas coisas que sempre fiz, mas agora não com tanto amor e dedicação. O trabalho na igreja havia se tornado uma tarefa insuportável para mim. Eu vivia como se estivesse num palco o tempo todo, assumindo uma personalidade que já não era mais a minha. Representava na igreja e representava mesmo quando estava em casa com minha família.

O vazio deixado pela morte de minha mãe fez com que eu fosse buscar refúgio em uma outra droga, além do Lexotan. Foi então que descobri a maconha, que passei a fumar compulsivamente antes e depois dos cultos. Houve vez em que dirigi reuniões de oração completamente "high".

Para conseguir a droga eu passei a fazer a loucura de frequentar as bocas de fumo da Praça da Sé. Correndo o risco de ser visto por um dos membros da minha igreja, que funcionava naquele local. Procurando pelos vendedores de drogas fui assaltado duas vezes no Maciel, a área mais barra-pesada de Salvador.

Numa das vezes o assaltante, com raiva porque eu não carregava dinheiro suficiente, mandou que me ajoelhasse para morrer e chegou a colocar o cano frio da arma na minha nuca. Acredito que só não o fez porque viu a minha carteira de pastor. Mesmo assim foi embora levando minhas roupas e me deixando de cueca e meias em pleno centro da cidade.

Eu não estava satisfeito com aquela vida. Queria mudar de atitude, mas não sabia como. Queria ajuda, mas não sabia a quem pedir ou onde buscar. Em vez disso, continuava vivendo o meu papel de analista de Bagé, naquela farsa de ajudar as pessoas a resolver seus problemas,

numa absurda tentativa de dar aquilo que não tinha nem para mim mesmo.

Estava mais desorientado e vazio do que nunca. Toda a minha experiência de vida havia sido alicerçada na areia e não estava aguentando a primeira tempestade. Os meus problemas pessoais não afetaram em nada meu trabalho como pastor. A igreja que dirigia na Rua do Tijolo era uma das mais prósperas da capital e por isso ela foi escolhida para ser a primeira de uma série de igrejas a passar por uma reforma que incluía revestimento de mármore, bancos de madeira de lei, calçada de pedras portuguesas e aparelhagem de som de última geração. Também foi a primeira a possuir uma livraria. Fui recompensado recebendo de volta o programa de rádio, que passou a ser apresentado das seis às oito da manhã, de segunda a sexta. Horário nobre em matéria de rádio.

O sucesso do meu trabalho (repetindo o que já disse, o sucesso de um pastor na Igreja Universal depende de quanto ele arrecada) me levou a ser um dos sete pastores escolhidos para serem consagrados pelo bispo Macedo durante sua peregrinação pelo Nordeste. Um fato interessante é que na Universal existiam pastores e pastores, a diferença estava na consagração.

Poucos recebiam esta unção, que era a mais alta condecoração que alguém podia receber, abaixo apenas do bispado, que naquela época ainda era monopólio de Macedo e Roberto Augusto. Durante aqueles seis anos eu havia esperado ansiosamente pelo momento em que seria escolhido para ser consagrado. Os líderes diziam que Deus era quem escolhia a ocasião. Por isso, desde meus primeiros dias na igreja eu vinha pedindo a Deus que me desse aquela unção, que em nosso conceito era o selo definitivo da aprovação divina ao nosso trabalho vocacional. Mas isso tinha sido no passado.

No estado de desânimo em que vivia, pouco me importava ser consagrado ou não. Na verdade, todos os meus sentimentos em relação à igreja haviam mudado. Eu já não pregava nem conduzia cultos como costumava fazer em anos anteriores. Comparecia à igreja, encenava mecanicamente o que eu era pago para fazer e falar e voltava para casa, me perguntando até quando viveria aquela grande farsa. Tudo o que eu tinha sido; todo aquele fervor; todo aquele amor tudo havia passado, dando lugar a uma revoltante sensação de estar preso pelos pés e pelas mãos. Obrigado a servir a Igreja Universal pelo resto da minha

vida.

Enquanto vestia meu melhor terno naquela manhã, me preparando para a consagração, eu ia pensando no quanto aquele dia significaria para mim, apenas alguns meses atrás. Ajeitei o nó da gravata. Engoli meu indispensável Lexotan. Fumei o também indispensável cigarro de maconha e me dirigi para a igreja, na nova sede no largo dos Dois Leões, onde, entre o pastor Oliveira, da Liberdade, e o pastor Vicente, de Catu, esperei pela minha vez de ser consagrado pelo bispo Edir Macedo.

IV

Sexo e dinheiro eram as maiores causas de queda dos pastores. Talvez pelo fato de esses dois itens serem muito acessíveis dentro da igreja. Quase todos os pastores recebiam bilhetinhos de mulheres se declarando apaixonadas e implorando por uma tarde de amor em um motel de beira de estrada. Algumas mulheres que frequentavam a igreja viam os pastores como galãs de telenovelas que povoavam as suas fantasias. Sempre vinham a nós confessando os sonhos sexuais que tinham conosco. O mais estanho é que a maioria dessas mulheres não era mais nenhuma garotinha debutante. Foram poucos os que, pelo menos uma vez, não sucumbiram à tentação.

Sexo, porém, não era motivo para mandar um pastor embora. A não ser quando o adultério ganhava proporções de escândalo e chegava ao conhecimento dos membros da igreja. Mas, sempre que possível, as puladas de cerca de alguns notáveis eram abafadas com panos quentes e tudo acabava em pizza. Ou em acarajé, no caso.

Agora, se a carne, como se sabe, é fraca, e sexo ilícito um deslize da natureza humana perdoado por Deus e pelo Bispo, dinheiro, por outro lado, era assunto muito sério. Tocá-lo sem autorização era pecado capital. Imperdoável. Quem fosse surpreendido com a mão na botija era posto imediatamente no olho da rua, sem direito a mais nada. O desemprego, porém, não intimidava os que se sentiam no direito de, a exemplo de seus líderes, também mamarem nas magras tetas do povo da igreja.

Existiam pastores que mal ganhavam para comer, enquanto outros jantavam todas as noites em restaurantes de cozinha internacional. Havia os que viajavam em ônibus lotados, enquanto outros dirigiam carros do ano. Os de igrejas pequenas vestiam ternos da Casa José Silva, enquanto a elite desfilava Armani. Muitos não tinham condição de colocarem os filhos numa escola particular, enquanto filhos de outros passavam as férias na Disney. Muitos desses pastores injustiçados "roubaram". Eu no lugar deles teria feito o mesmo.

Finalmente, o pastor Rodrigues resolveu atender meu pedido de transferência para outro estado, o que me surpreendeu. Em cinco ocasiões anteriores ele me havia negado isto. Eu achava que era a

convivência com Rodrigues a raiz de todos os meus problemas e, uma vez longe dele, encontraria forças para lutar e sair daquela condição em que me encontrava. Resolvi tentar mais uma vez o pedido de transferência quando veio a ordem para que eu fosse trabalhar na igreja-sede, ao lado do pastor Teixeira e do pastor Jonas Madureira.

Jonas Madureira era a mais nova aquisição do bispo Macedo, a quem ele chamava de "santo homem", pois segundo ele o bispo o salvara das trevas lhe mostrando o caminho da luz. Ele tinha poucos meses de convertido quando foi promovido ao cargo de pastor e mandado a Salvador para ajudar a formar a equipe da rádio Bahia.

Personalidade conhecida do público carioca, Jonas tinha sido por vários anos o repórter de trânsito do Cidinha livre, programa da rádio Tupi apresentado pela deputada Cidinha Campos.

A proximidade do pastor Jonas Madureira com o bispo Macedo causou atrito entre ele e Rodrigues, fazendo com que os dois por diversas vezes trocassem farpas durante aquelas sessões de tortura às segundas-feiras.

Como sempre acontece com todo pastor cedo ou tarde, Jonas Madureira rompeu com a Igreja Universal, moveu uma ação contra o "santo homem", a quem passou a chamar de "canalha", e abriu a sua própria igreja em Santo André, na região do ABC paulista. Nesta época, sabendo dos meus problemas na Universal, pessoalmente me convidou para ingressar na sua igreja, onde assumiria a posição de segundo na hierarquia. Agradei e recusei o convite.

A notícia de que poderia fazer as malas me veio como um sopro de vida. Isso fez até com que eu pensasse em começar tudo de novo. Afinal de contas, a pedra no meu caminho era Rodrigues, longe dele as coisas melhorariam.

Quem sabe poderia até largar as drogas e me dedicar à minha mulher e filha. Talvez pudéssemos ser uma família feliz, como sempre havíamos sonhado. Uma outra razão de eu querer fugir da Bahia era aquele relacionamento que mantinha com o meu amigo pastor, algo que havia começado quando eu ainda era um menino e que já se estendia por quatro anos, mesmo apesar do fato de que nós dois já éramos casados e pais de filhos.

Na verdade éramos dependentes daquela relação. Quando estávamos juntos, era o único momento em que éramos nós mesmos. Sem máscaras. Porém, nós sabíamos que estávamos remando contra a maré e havia uma necessidade de por um ponto final naquela dependência mútua que nos trazia tanta culpa e vergonha. Nós não entendíamos o que se passava conosco. Às vezes, chegava a pensar que estávamos possuídos por um daqueles demônios que expulsávamos.

Homossexualidade era intolerável na igreja. Nas nossas pregações dizíamos que os gays quebravam o plano divino da procriação, eram falsos ao corpo, sexualmente defeituosos e condenados à morte eterna no lago de fogo e enxofre.

Essa era a mais grosseira das nossas contradições, uma vez que existiam pastores homossexuais na Igreja Universal. No começo dos anos 80, houve um episódio em Minas Gerais, de um pastor que mantinha um caso com seu evangelista. Isso fez com que o bispo Macedo transferisse para lá o pastor Renato, para tentar conter os rumores; na igreja de São Gonçalo, o pastor Paulinho, logo que acabava o culto, me pedia para fechar a igreja e remover os bancos para que ele, munido de malha aderente e sapatilhas, pudesse exercitar seu lado Barishnikov, sob os refletores que iluminavam o púlpito; o pastor Pinheiro, de Santo Amaro da Purificação, era constantemente advertido pelo pastor Gonçalves para deixar de alisar o cabelo, usar base no rosto e pintar as longas unhas com esmalte incolor. Mesmo assim o homossexualismo continuava intolerável... na teoria.

Ao me despedir com lágrimas do povo da Bahia recebi flores, beijos, abraços e desejos de boa sorte. Se fosse feita uma pesquisa com o povo da igreja em Salvador eu seria certamente apontado como o pastor mais popular. Aquelas pessoas me acompanharam desde a adolescência. Viram quando eu havia chegado ali, aos dezesseis anos, tão franzino que mal aguentava o peso do microfone. Carinhosamente me apelidaram de "Davinho".

Quando chegou a época em que tive que me alistar, fizeram correntes de oração para que eu não passasse, pois não queriam que eu me ausentasse para servir às forças armadas. Houve uma grande festa na igreja quando fui dispensado. Meu casamento foi um acontecimento em que o povo lotou as ruas ao redor do local em que a cerimônia foi realizada. Quando a minha filha nasceu o povo compareceu em massa.

Alguns, como os reis magos, vieram de longe somente para ver o bebê e trazer um presente. Eu sentia remorso por não jogar limpo com aquelas pessoas humildes, pobres na vasta maioria, que viam em nós a reencarnação dos apóstolos de Cristo. Eu queria fugir dali para tentar fazer a coisa certa desta vez. Achava que em São Paulo as coisas seriam melhores.

O líder de lá, pastor Paulo Roberto, era uma exceção na Universal. Eu o admirava por ser um homem justo e aparentemente cristão. Se não era um primor de líder, pelo menos não nos induzia a saques e humilhações. Graça também vibrou com a notícia. Chegou até mesmo a vir com a ideia de que, uma vez em São Paulo, entraríamos num seminário juntos para aprofundar nosso conhecimento da Bíblia a fim de "melhor servirmos na obra do Senhor". Era como se enfim uma luz fosse acesa dissipando toda a escuridão em que eu estava.

Sentia que mais uma chance me estava sendo dada. A chance de reconstruir minha vida, minha fé e viver em paz com minha família, com minha consciência e com meu Deus. Não demoraria para que essa luz se apagasse me jogando num abismo muito mais escuro do que aquele em que eu estava antes.

Todo o conhecimento que eu tinha da cidade de São Paulo vinha das tardes de domingo no (...). Também já tinha ouvido dos meus conterrâneos cariocas que a dita "locomotiva do Brasil" era uma cidade cinza, sem sol, sem praia, terra de um povo frio e sem graça, tendo Tutu Quadros como sua mais completa tradução.

Quando no Nordeste, eu havia conversado com diversas pessoas que sonhavam em ir para aquela cidade trabalhar, mas "só o tempo de juntar um dinheirinho e voltar porque aquilo não é lugar para se viver".

Para muitos nordestinos com quem eu tive a oportunidade de conversar, São Paulo representava o "brasilian dream", a chance de mudar o curso de suas vidas. Em grandes levadas, tomadas principalmente por baianos, esses nordestinos chegavam à Pauliceia buscando um lugar ao sol, mas percebiam que não eram bem-vindos já na rodoviária, onde assistentes sociais os recebiam implorando para que retornassem ao sertão, de onde não deveriam ter saído.

Os que insistiam em ficar enfrentavam, além do frio e do desemprego, o

preconceito de uma sociedade elitizada que ainda se orgulhava de ter em seus quadros quem ostentava títulos jurássicos como “playboy” e “condessa”. Uma sociedade que, querendo entrar no Primeiro Mundo a tapa, criou a sua versão (...): um grupo de mestiços do subúrbio que alardeava a separação e supremacia dos, pasmem, brancos.

Amei São Paulo desde o primeiro momento em que pisei o seu solo, desfazendo a antipatia que sentia pelo lugar antes mesmo de conhecê-lo. Apesar de o tão falado cinza do céu e a frieza do povo serem mais do que uma verdade, uma marca registrada da cidade, existia no ar, além da poluição, um certo romantismo. Uma nostalgia que me despertava uma doce saudade de algo que não vivi.

Cidade de suntuosos prédios de séculos passados. Cada um contando um pedaço de história: a Estação da Luz, o Museu do Ipiranga, a Catedral da Sé, o Palácio das Indústrias, o Mosteiro de São Bento, o Pátio do Colégio, o Mercado Municipal. O copam, a tal favela com grife, e até a Boca do Lixo, a Rua Saint Denis paulista. E sem falar da convivência democrática na cidade. Talvez a única do mundo onde o brega e o chique vivem em completa harmonia e até dividem o mesmo espaço. Numa mesma calçada é possível observar os visons sintéticos que caminham em direção ao Teatro Municipal se misturarem à classe média que vorazmente consome no Mappin.

Chegando na cidade, fomos morar num apartamento da igreja situado no número 171 da Rua 25 de Março, no parque D. Pedro II. Em pouco tempo eu já havia me incorporado à cidade praticando costumes tipicamente paulistanos, como correr no Ibirapuera, comer pizza no Bexiga e passar o domingo lendo jornal. Como eu havia pensado antes, minha saída da Bahia foi um sopro de vida. Agora eu estava muito mais animado e com uma disposição somente comparada àquela dos meus primeiros passos na igreja.

Uma das razões do meu ânimo era o fato de mais uma vez poder trabalhar com o pastor Paulo Roberto, que era tão parecido com Rodrigues quanto a água ao vinagre. Eu fui mantido na igreja-sede, que funcionava num gigantesco cinema na avenida Celso Garcia, no reduto italiano do Brás. Ali na sede, eu trabalhava não só com o pastor Paulo, mas também com os pastores Francisco e Luiz Eduardo.

Ao ganhar novas responsabilidades e ser tratado com o respeito de que

eu me achava merecedor, voltei a fazer planos e aos poucos fui deixando as drogas. Desde que tinha assumido a liderança do estado, pastor Paulo fazia questão de dirigir pessoalmente a reunião de estudos bíblicos para os obreiros nas noites de sábado.

Aquela reunião era a menina dos seus olhos. Todos os obreiros da Grande São Paulo tinham presença obrigatória nesta reunião que era, na verdade, um curso de formação de novos pastores. Devido aos compromissos nas programações de rádio e televisão, pastor Paulo foi incapaz de continuar à frente dessa reunião e me escolheu como seu sucessor. Passou para as minhas mãos a responsabilidade de transformar, na nova geração de pastores, aquelas centenas de pessoas que lotavam o templo nas noites de sábado.

Também passei a apresentar com um grupo de pastores os programas nas rádios Capital e São Paulo, que mais tarde passou a ser propriedade da Universal. Apesar da Igreja paulista não ter o número de fiéis do Rio e da Bahia, ela era de longe a mais organizada e requintada. Enquanto nos outros estados a igreja conseguia seus seguidores nas camadas mais pobres da população, em São Paulo a maior parte de seus membros era portadora de diploma universitário. Juizes, advogados, engenheiros, médicos e diversos empresários faziam parte do nosso corpo de obreiros.

Na Bahia, por exemplo, o nosso maior problema estava em criar dependências para montar uma creche, onde as dezenas de mães solteiras pudessem deixar sua prole enquanto participavam dos cultos. O nosso problema de espaço em São Paulo era um estacionamento onde os membros pudessem guardar seus carros com segurança. Essa viabilidade econômica de São Paulo fez com que o Bispo levasse para lá as chaves do cofre e brindasse a cidade com o status de "sede mundial".

No quadro de pastores foram introduzidas aulas de inglês, dicção, postura e etiqueta. Os lances de curandeirismo primitivo, que são fortes no Nordeste, como dar ao povo óleo e sal para tomar, nunca existiram em São Paulo. O Bispo sempre dizia que para cada peixe deve ser usada determinada isca.

Na medida em que a igreja crescia na capital e em grandes cidades do interior, como Campinas, Santos e Ribeirão Preto, nós começamos a ganhar inimigos na imprensa. O maior deles era o deputado Afanázio Jazadji. Durante seu programa na rádio Capital ele nos chamava de

ladrões. E a gente retribuía chamando-o de “Satanázio”.

Com esse crescimento, a igreja andou a passos largos na capital, adquirindo imóveis em lugares de grande movimento popular e transformando-os em majestosos templos. O Bispo seguia ao pé da letra a filosofia de Joãozinho Trinta, de que o povo gosta mesmo é de luxo.

Na onda de compras, adquirimos um imenso cinema no centro de São Miguel Paulista e as instalações de uma antiga agência do Bradesco na Rua Clélia, na Lapa, depois de uma reforma milionária, ela podia competir, em termos de luxo, com a casa de Show Olympia, no outro lado da rua.

Compramos também um bordel e videopôquer desativado em Santa Cecília. Mesmo depois de ter virado uma casa de oração, o lugar manteve sua decoração “cabaré anos 30”, que abusava de espelhos variados, paredes forradas de veludo vermelho, lustres de cristal e jardim de inverno. Pela soberba do ambiente, a impressão que se tinha era a de que se estava no Moulin Rouge de Paris e que, a qualquer momento durante o culto, as obreiras se alinhariam para dançar o Can-Can.

V

Não faça do dinheiro uma arma, a vítima pode ser você (não deu para evitar o clichê).

Dinheiro, o sangue da obra de Deus, segundo o pastor Magno, havia se tornado no câncer que ia aos poucos comendo as vísceras da Universal. Era como se tudo ali dentro fosse feito em função de se fazer mais e mais dinheiro.

As reuniões de pastores, que nos anos anteriores continham leituras de salmos, cânticos espirituais e longas horas de oração, assumiam agora as características de reunião do conselho administrativo de mega-empresa. Os assuntos do dia eram compra e venda de imóveis ao redor do mundo, as cotações do ouro e do dólar ou os movimentos da bolsa de São Paulo e Londres. O único Evangelho pregado nesses encontros era aquele segundo Lilian Wite Fibe.

Ser roubado por seus próprios pastores sempre foi o maior temor do bispo Edir Macedo. Naquela época estava havendo uma explosão de roubos em todo Brasil e havia quase a certeza de que ativos e ex-pastores estavam por trás desses assaltos. Na Bahia, um ex-pastor comandou um assalto frustrado à sede da igreja no largo Dois Leões.

No Rio de Janeiro, houve o assalto que resultou na morte de um pastor que estava a caminho da tesouraria. Somente quem conhecia muito bem o esquema da Igreja Universal saberia exatamente o horário e a rota do pastor. Nem a mansão do Bispo foi poupada, ela sofreu duas tentativas de assalto apesar de seus seguranças e dos muitos cães de guarda.

Alguns pastores não tinham nem mesmo a pachorra de esperar terminar o culto para checar a sacola com o dinheiro obtido: ajoelhados diante do povo numa alusão à sua humilhação diante de Deus, com o microfone numa mão faziam as suas orações decoradas. Com a outra mão iam abrindo envelopes para ver quanto haviam faturado naquele dia.

Nesse ambiente em que todos eram culpados, uma das táticas do Bispo para ser menos roubado foi colocar gente sua nos postos-chaves da igreja. Mesmo assim o dinheiro continuou escoando. Como em qualquer outra grande organização, o cabide de emprego e o nepotismo faziam

parte do jogo interno da Universal. Por esta razão tínhamos de conviver com aquela regrinha que parecia ter sido extraída do poema: fulano, que era casado com a irmã de sicrano, que era tio de beltrano, que amava a filha do bispo, que não amava ninguém.

Exemplo clássico deste nepotismo era o pastor Ronaldo Didini, que depois apresentaria o programa 25 horas, na TV Record. O sujeito tinha por única qualidade ser cunhado do pastor Manuel Francisco, naquela época homem forte da Universal nos Estados Unidos. Didini tinha sido oficial do Exército, afastado do serviço porque passou a desenvolver “fortes problemas emocionais”.

Não sei como ele tratava seus subalternos nos quartéis. Na igreja, Didini gritava e esbravejava com os obreiros como se estivesse comandando soldados em um treinamento de sobrevivência na selva. Freud explica. Nisso a igreja paulista se assemelhava às suas irmãs nos outros estados. Na prepotência daqueles que, se não se achavam melhores, pelo menos se achavam mais iguais que os outros.

Em São Paulo começamos a participar de reuniões que trouxeram à mesa de discussão um assunto que até então era um tabu: a vida sexual do pastor.

Quando aumentou sensivelmente o número de escândalos sexuais, a liderança se sentiu forçada a fazer alguma coisa para frear aquela onda. Num espaço de apenas alguns meses, dois grandes escândalos abalaram as estruturas da Igreja Universal em São Paulo.

O primeiro aconteceu quando o pastor Francisco, dono do rosto angelical que apresentava o programa na TV Bandeirantes, foi visto saindo de um motel com uma de suas ovelhas. Para quem não sabe, o disse-me-disse dentro da igreja é como fogo morro acima. Em pouco tempo todos os membros comentavam o affair de Francisco. Mas o escândalo maior veio quando o pastor Antônio, meu auxiliar no bairro A. E. de Carvalho, na Zona leste da capital, abandonou a mulher e o filho de três meses e fugiu com uma menina menor de idade que frequentava a igreja.

O bispo Macedo e o pastor Paulo começaram então a promover conferências sobre sexo em reuniões de casais realizadas em hotéis-fazendas espalhados pelo interior do estado. Os assuntos explorados iam

desde sexo oral até sadomasoquismo. Nada que Marta Suplicy não comentasse na televisão. Mas, vindo do Bispo, aqueles comentários causavam um certo constrangimento na audiência. O efeito seria o mesmo se o papa reunisse sua bancada de cardeais e explicasse com detalhes pormenores como bater uma punheta com arte.

Nestas reuniões passamos a conhecer a faceta "latin lover" do Bispo que até então era exclusividade de sua mulher. Ele se mostrava como o grande homem capaz de satisfazê-la. "Plena e completamente", fazia questão de deixar bem claro.

Na piscina com a mulher, Sua Excelência Reverendíssima não perdia a oportunidade de dar uma demonstração rapidinha do dragão sexual que era. Afirmava que, se todos seguissem seus conselhos, não haveria a necessidade de se procurar sexo fora do casamento. "Quem come bem em casa não tem fome na rua", profetizava.

Na medida em que estes encontros aconteciam, os casais iam se descontraindo e participando mais confortavelmente do debate. Mulher de pastor, que no princípio corava somente de ouvir a palavra "cueca", já levantava a mão, toda assanhadinha, para pergunta se banho-de-gato era pecado. O auge dessas reuniões foi quando chegamos ao consenso de que o casal tinha liberdade para fazer o tipo de sexo que bem quisesse. Ponto para a democracia. Só não era permitido usar chicotes ou algemas. Mesmo assim, ponto para a democracia. Também ficou permitido visita a motéis e assistir filminhos de sacanagem durante a "trepada". Era o "liberou geral". A partir dali, sempre que um pastor encontrava o outro, já não mais trocavam conhecimentos bíblicos. Em vez disso, comentavam os últimos lançamentos do cineasta David Cardoso e da porno-star Cicciolina. Enquanto a Igreja Universal aderia aos novos tempos, no Vaticano ainda discutiam a absolvição de Galileu Galilei.

Há muito eu já havia deixado de ver a Universal como um lugar espiritual. Os únicos que ainda viviam esta ilusão eram os que se limitavam aos bancos da igreja. Qualquer um que fosse um pouco além disso descobria a triste verdade do Reino.

Um operador de áudio que era membro da igreja e trabalhava no estúdio da rádio São Paulo comentou comigo, durante uma sessão em que gravava o meu programa semanal, que ele estava pensando em pedir a

sua dispensa, pois não suportava mais ouvir as conversas dos pastores sobre dinheiro quando eram levados ao ar. Esse mesmo rapaz desistiu de vez da igreja quando foi fisicamente agredido pelo pastor Alexandre, aquele que se orgulhava da fama de “nervo exposto” da Universal.

Na medida em que fui amadurecendo passei a querer viver uma vida normal. Eu queria ser uma pessoa comum. Queria ter um trabalho decente e voltar a estudar. Comecei a fazer planos de frequentar uma universidade e preparar um futuro para minha filha. Não queria que ela crescesse naquele ambiente da igreja.

Às vezes conversava com minha mulher sobre meu desejo de deixar a igreja e reconstruir a vida lá fora, mas ela era contra e eu não lhe tirava a razão. Como sobreviveria numa cidade como São Paulo alguém como eu? Chefe de família aos 23 anos, com o segundo grau incompleto e absolutamente nenhuma experiência profissional. Que emprego me pagaria o salário que eu tinha na Universal? Eu tinha medo de sair e por isso ficava. Mas a única coisa que me prendia à igreja era a covardia de tentar ir à luta. E a falta de amor-próprio.

Quando o Bispo fechou a compra da Record, por 45 milhões de dólares, nós tivemos que pagar o pato. Apesar de que não havia necessidade disso, nossos salários foram cortados por três meses com a desculpa de que a igreja precisava economizar dinheiro para o investimento. Ninguém se atreveu a protestar. Poucos anos mais tarde, o pastor Carlos Magno, líder da Universal e braço direito de Macedo, dirigente de estados como Ceará e São Paulo, irado com o Bispo por não ter recebido seu apoio na tentativa de se eleger deputado, fez a denúncia de que a Record tinha sido comprada com a ajuda de traficantes que queriam lavar no Brasil dinheiro de seu comércio de drogas.

O pastor Carlos chegou a dar detalhes de como atravessaram as fronteiras do país com o jatinho de Macedo abarrotado de dólares. Não houve CPI e nem mesmo investigação por parte da Polícia Federal para averiguar as origens da denúncia. Por muito menos, nos Estados Unidos, o televangelista Jim Baker amargou vários anos na prisão.

Aproveitei a euforia da compra da Rede Record para tentar ganhar minha liberdade. Esperava que com essas novas empresas debaixo da supervisão da igreja eu poderia conseguir um emprego e deixar de atuar como pastor. Sabia que ainda assim estaria ligado à igreja, mas me

consolava a ideia de que ao menos estaria mais livre.

Ao levar a minha proposta ao pastor Paulo tentei explicar que estava estressado e precisava dar um tempo para por meus sentimentos em ordem. Na verdade, o que eu queria dizer era que estava cansado daquele joguinho de mentiras, que, se antes me deprimia, agora me enojava. Procurando ganhar sua simpatia eu disse que assim que me sentisse em condições voltaria a exercer a "tão amada função de pastor".

Não colou. A resposta do pastor Paulo foi sem rodeios: eles precisavam de mim como pastor. Para as outras funções existia gente muito mais qualificada. Quando tentei contra-argumentar, ele me disse que se eu não quisesse mais ser pastor da igreja, eu tinha todo o direito de seguir meu caminho. Falava como se "seguir meu caminho" fosse a coisa mais fácil do mundo.

Tentei negociar meus oito anos de trabalho para a igreja. Oito anos sem direito a férias, décimo terceiro salário, assistência médica e tudo aquilo que a Constituição assegura ao trabalhador.

A resposta dele às minhas reivindicações foi além da minha imaginação: tudo o que eles me dariam seria um mês do meu salário e trinta dias para entregar o apartamento da igreja que eu ocupava.

Caía assim pastor Paulo, meu último herói ali dentro. Se aquelas palavras tivessem vindo de Rodrigues não teriam me ferido tanto. Ali em frente ao pastor Paulo, me deixei cair numa das confortáveis cadeiras do seu gabinete ministerial, todo equipado com computadores, aparelhos de fax e um compacto superestúdio de onde ele transmitia ao vivo o seu programa na rádio São Paulo diretamente da comodidade de seu escritório.

Ainda aturdido pelo que acabara de ouvir, viajei no tempo por alguns segundos até aquela manhã quando com apenas quinze anos de idade, tentava explicar à minha mãe por que abandonava o colégio e saía de casa para seguir a Igreja Universal. A imagem de suas lágrimas corria nítida em minha mente. "Filho, quem sou eu para brigar com Deus pelo teu coração?"

Pastor Paulo disse que gostava de mim porque eu era um dos raros

pastores que não tinha conhecimento adulterado ou roubado. Ele não queria que eu sáísse e, por isso me deu um tempo para que eu estudasse minha decisão. Para isto, peguei minha família e fui para São Gonçalo, no Rio, esperando que, da poeira vermelha das ruas de barro da Boa Vista, pudesse encontrar uma direção para minha vida.

Vários anos tinham se passado desde a última vez que tinha visitado minha família. Engraçado como o tempo muda nossa opinião. A tão odiada Boa Vista era agora um lugar que me trazia maravilhosas recordações de minha breve infância. Com exceção de uma moenda de cana que meu pai havia montado no quintal, tudo continuava do jeito que eu deixei. Com a chegada da água encanada, o progresso começava a dar os primeiros passos naquela região.

Estavam todos ali: seu Lillinho, dona Dilce, dona Guiomar, dona Marlina, dona Dina, Raime, Armiro (que eu acredito já ter nascido pesado), Maneco e Paulo Maluco. Havia também muitas crianças. A nova geração de moradores daquele lugar. Essas crianças eram os filhos dos meus amigos de infância e legítimos herdeiros da poeira vermelha. Todos estavam ali. Menos minha mãe.

VI

Atravessei o portão do cemitério São Miguel e, enquanto caminhava, um misto de saudade e remorso machucou meu coração. Por uma série de razões nunca imaginei que um dia faria aquela visita. Já fazia mais de dois anos que mamãe havia morrido e nem mesmo naquela ocasião eu tinha ido ali. Mas pela primeira vez eu sentia uma imensa falta dela. Como eu queria poder correr para ela. Aos prantos. Do mesmo jeito que fazia quando era criança. Naquele tempo em que seus braços eram o meu bom e quente refúgio. Para mim, o lugar mais seguro do mundo.

As lembranças de minha mãe invadiram minha mente e eram tão reais que podia claramente ouvi-las. Minha mãe era tudo o que eu precisava naquele momento de minha vida. Pela sua pouquíssima experiência, tudo o que me diria seria: "Tenha fé em Deus que tudo terminará bem".

Essas simples palavras vindo dela seriam suficientes para me fortalecer. Todo o fardo que carregava seria muito mais leve se ela estivesse comigo. Enquanto conferia os números dos túmulos com aqueles que minha irmã me havia dado, eu ia lendo as mensagens gravadas no mármore e deixadas ali pelas famílias e amigos daqueles mortos: "Que ao soar da trombeta do arcanjo anunciando o arrebatamento dos santos eu possa me levantar daqui para me encontrar nas nuvens com meu redentor"; "Aqui jaz Maria, uma grande mulher"; "Te amava, te amo e sempre te amarei".

Por alguns momentos fiquei imaginando se, quando vivas, aquelas pessoas sabiam o quanto eram amadas. É impressionante a vergonha que temos de dizer a alguém que o amamos.

Vendo a minha dificuldade em encontrar o túmulo que procurava, um velhinho simpático se ofereceu para me ajudar. Pelo jeito como conhecia o local, devia trabalhar ali. Finalmente encontramos. Minha mãe havia sido sepultada no fundo do cemitério, quase perto do cruzeiro. Não estava em túmulo, mas em algo semelhante a um arquivo de concreto. Identifiquei-a pelo número escrito a lápis. Algumas gavetas não continham nem mesmo a identificação a lápis. Não sei bem descrever o que senti naquele momento. Era como se alguma coisa dentro de mim se partisse ao meio. Como se todo o meu ser entrasse em ebulição.

Sem tentar segurar deixei extravasar toda a minha saudade e dor. Lágrimas grossas correram dos meus olhos a molhar o chão seco do cemitério. Minhas pernas enfraquecidas não sustentaram mais meu corpo e me deixei ajoelhar em meio aos tocos de velas e flores secas deixadas ali por alguém que não conheceu minha mãe, numa dessas bonitas homenagens anônimas. Ao soldado desconhecido.

Sussurrei algumas palavras. Não me lembro se foi uma oração ou palavras de gratidão. Ou de amor. Talvez um pedido de perdão ou alguma tentativa de explicação. Não importa. De qualquer forma, ela não me ouvia. E isso era o mais doloroso. Saber que, sem que ela tomasse conhecimento, minhas lágrimas e lamentações, declarações de amor e gratidão se perdiam num vazio tão grande e tão profundo quanto existente dentro de mim.

Capítulo 4

APESAR DE VOCÊS

I

Ao informar pastor Paulo que estava deixando a igreja para tentar reconstruir minha vida, fui tratado com menosprezo e gargalhadas de cinismo. Cumprindo as ameaças que me havia feito, ele me deu um mês de salário e trinta dias para entregar o apartamento da igreja. Ele também se negou a fazer minha mudança de volta a Salvador.

Apesar disso continuei firme e seguro na minha decisão. Então, ele me fez assinar alguns documentos que me impediam de abrir um processo trabalhista contra a igreja, ação em que muitos pastores tinham sido bem-sucedidos. Em troca, quis uma carta da igreja declarando que eu havia prestado contas de cada centavo recebido em nome dela e que estava saindo por livre e espontânea vontade. Fazendo isso, eu me precavi de ser a próxima vítima das táticas baixas que a igreja usa para desmoralizar os que desistem.

Antes que eu sáísse, o pastor Paulo me disse que eu não estava preparado para o mundo lá fora e que eu voltaria rastejando, mas não teria uma segunda chance. Tentando mostrar uma coragem e determinação que não tinha, respondi a ele, num tom de voz que me surpreendeu, que nada lá fora me faria metade do muito que a igreja me fizera, que arrumaria um trabalho e que seria feliz, porque, apesar deles, eu ainda acreditava em Deus. Depois saí batendo a porta.

Apesar do medo do futuro, eu estava orgulhoso de mim. Havia feito tudo aquilo sem o suporte da família ou dos amigos. Mas Graça, minha mulher, não apoiava minha decisão. Ela achava que eu deveria ficar lá. Deixar de ser pastor naquele dia foi como se uma carga saísse de meus ombros. Andei por horas a fio pelo centro da cidade observando as pessoas e me sentindo uma delas. Entrei numa loja e não esperei chegar em casa para trocar aquelas roupas sisudas que usava por jeans, tênis e camiseta.

Terminei a tarde em um cinema da avenida paulista comendo pipoca e assistindo Batman como qualquer jovem de minha idade. Mas em algum

lugar dentro de mim existia uma ponta de tristeza pelo sonho ter chegado ao fim.

Nos jornais que comprava para procurar emprego, o colegial era o mínimo exigido. Eu estava tão desinformado do mercado de trabalho que fiquei surpreso quando alguém me disse que antes de qualquer coisa eu precisava da carteira profissional. Depois de ter sido dispensado em todos os lugares em que fui, cheguei à conclusão de que a única função em que eu me enquadrava era a de "office-boy". Era vergonhosa a cena: eu numa fila de emprego, aos 23 anos, competindo com candidatos cuja idade variava de catorze a dezessete anos. Mas vergonhoso mesmo foi quando, ao chegar a minha vez de ser entrevistado, a mocinha da mesa, sabendo que eu estava procurando meu primeiro emprego, deu uma gargalhada e se saiu com essa: Nossa, meu filho! Onde você esteve nestes últimos anos, em Marte? Os moleques na fila adoraram.

Vendo que não conseguiria emprego pelas vias normais, ingressei no bloco daqueles que ficam mandando lacrimosas cartinhas com pedidos de emprego para o governo ou presidentes de grandes empresas. Enviei três cartas: uma para o presidente José Sarney, outra para o governador Oreste Quércia e uma outra para o Hélio Smidt VARIG.

Quércia foi o único que não respondeu. José Sarney, apesar de também ocupado com a ferrovia Norte-Sul e com as comemorações do bicentenário da Revolução Francesa, ainda arrumou tempo para se desculpar e dizer que não podia ajudar. Hélio Smidt mandou que eu me apresentasse ao setor de pessoal da companhia, no aeroporto de Congonhas. No mesmo dia compareci à VARIG, onde fiz um daqueles testes psicotécnicos em que o nosso possível grau de insanidade é medido. Depois de passar por esse pequeno "vestibular", fui dispensado com a informação de que, se os profissionais de recursos humanos me julgassem com Q.I. suficiente para varrer o chão e servir cafezinhos, então eu seria avisado pelo correio.

Ao chegar em casa encontrei Graça chorando ao lado da irmã, que estava acompanhada do marido, também pastor da Igreja Universal. Eles eram os sorridentes portadores de uma carta assinada pela advogada da igreja me intimando a desocupar o apartamento que eu havia "invadido". Caso ignorasse a ordem, dizia a carta, seria "despejado por ação policial". Conhecendo a igreja profundamente como eu conhecia, sabia que eles não estavam blefando.

A minha mulher, então grávida de dois meses, e minha filha de quatro anos, foram levadas para a casa da irmã. Proibidos pela igreja, eles ficaram impedidos de me acolher.

Na rua com a mudança, eu fui recebido por uma senhora idosa que era obreira da igreja. Comovida com a minha situação, ela me deixou dormir no sofá de sua sala até que eu me afirmasse. Naquela situação cheguei a pensar em voltar atrás na minha decisão. Pensei em seguir o exemplo daquele ministro militar, que jogou às favas os escrúpulos da consciência, e adotar de vez o perfil fariseu exigido para ser pastor da Universal. Eu só ficava imaginando onde estaria Deus naquela história toda. Afinal de contas tudo começou porque eu pensei ter ouvido um chamado dele. A verdade era que eu começava a duvidar da existência desse Deus. A Igreja Universal que me deu a fé foi também quem a tirou.

Eu estava vindo de mais uma fracassada procura por emprego e para passar o tempo entrei numa livraria e acabei comprando um livro que me atraiu pelo título. Seria aquele o primeiro livro não religioso que leria. Nem por um momento imaginei que aquele mesmo livro me acompanharia até hoje, atravessando comigo os momentos mais difíceis. Apesar de não ter sido escrito para esse fim, Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva, foi o meu manual de autoajuda. Com o livro embaixo do braço, continuei minha caminhada pela Avenida Ipiranga, em direção ao metrô da República. Era o final da tarde de 31 de dezembro, e a animação do réveillon tomava as pessoas nas ruas.

Enquanto andava, tudo o que tinha em mente era Gabriela, que eu não via há mais de uma semana. A frieza com que eu era tratado todas as vezes que ia na casa de minha cunhada fez com que eu recebesse a mensagem de que não era bem-vindo ali. Então eu decidi evitar essas visitas. A última vez que vi minha filha tinha sido pouco antes do Natal, quando levei um presente para ela. Desde seu nascimento, seria aquele o primeiro Natal que passaríamos separados.

Ao passar pela entrada do edifício Itália, fui atropelado por uma multidão de smoking e tubinhos pretos que aparentemente se dirigia a alguma festa de confraternização de fim de ano. Na esquina com a Avenida São Luís, fui atingido por uma chuva de papel picado e serpentina, atirados pelos funcionários dos escritórios daqueles edifícios. Alheio a tudo isso, e com a cabeça cheia de confete, continuei a minha caminhada ao

metrô. A felicidade daquelas pessoas não me incomodava, mas eu era indiferente porque, ao contrário delas, não tinha motivos para comemorações.

Repetindo os dois anos anteriores, 1988 tinha sido um péssimo ano e tudo o que eu queria era que meia-noite chegasse logo. Acreditava que o cheiro de novo de 1989 traria algumas mudanças positivas. Bobagem. Atravessei a tempestade de papel jurando a mim mesmo que nunca mais passaria um fim de ano como aquele. Sobreviveria e faria com que dias melhores viessem. Mas desta vez confiando em mim mesmo, em vez de entregar tudo nas mãos de Deus.

Quando a VARIG me contratou, passei para a fase seguinte de minha vida. Apesar de ter entrado na empresa ganhando pouco mais de um salário mínimo e exercendo a função de "auxiliar de serviços gerais", eu me sentia a pessoa mais feliz do mundo. Afinal, tinha um emprego honesto, com carteira assinada e tudo o mais. Eu adorava trabalhar na VARIG. No pouco tempo em que lá trabalhei, recebi promoções, além de inúmeros cursos de aperfeiçoamento profissional no Brasil e no exterior. Eu e Graça ainda estávamos tentando organizar a nossa vida quando Raphael nasceu, em março de 1989. Algumas coisas nós já tínhamos conseguido, como alugar um pequeno apartamento na COHAB de Itaquera e colocar Gabriela numa escola.

Com a chegada de um novo bebê, as despesas naturalmente aumentaram e nem com um segundo emprego noturno eu estava conseguindo manter as despesas. A solução foi Graça ir procurar emprego. E lá foi ela trabalhar como caixa num supermercado da Praça Roosevelt. Entristecia-me ter de deixar as crianças numa creche, mas não encontramos outra saída. Todas as manhãs, por volta das seis horas, com as crianças enroladas em mantas e cobertores, nós enfrentávamos a gélida neblina da Zona Leste em direção à estação de trem.

Não demorou muito para que Raphael, com apenas três meses, fosse parar numa UTI, vítima de pneumonia. Apesar de nunca ter falado nada diretamente (nós tínhamos um sério problema de comunicação), Graça me responsabilizava por aquela situação. Pela sua vontade, eu ainda estaria na igreja. "Ruim com ela, pior sem ela", filosofava.

A falta de amor na nossa relação também contribuiu para o desgaste daquele casamento, que tinha a estrutura de uma bolha de sabão. Num

espaço de seis meses partimos do primeiro encontro para o casamento. Ela se apaixonou por mim e recebemos a bênção de seus pais, que não me conheciam e tampouco conheciam a minha família. Tudo o que sabiam de mim era que eu pertencia ao glorioso quadro de pastores da Igreja Universal. E isso era suficiente.

Em uma situação em que romeus e julietas veem seus relacionamentos abalados, o que esperar de uma união como a nossa? Aos poucos fomos nos afastando um do outro, a ponto de falarmos somente o necessário.

Graça agora passava os dias contando as crianças como era linda a Bahia e que em breve "eles" voltariam para lá. Eu sabia que a estava perdendo e não fazia nada para trazê-la de volta. Apesar de achar que não a amava, eu era tão dependente dela quanto ela de mim.

Naqueles terríveis últimos anos, ela havia sido a minha única fonte de força. A única pessoa que ficou comigo, me dando sempre o que nunca recebia, me oferecendo sempre o seu amor. Incondicionalmente. Nos momentos decisivos a sua presença calada foi mais valiosa do que todos os conselhos que pudesse me dar. Não. Eu não queria perder Graça. E esse medo não era outra coisa senão o egoísmo tentando se passar por amor.

Em meio a essa crise conjugal, conheci uma moça que era em tudo diferente de Graça e de qualquer outra mulher que eu conhecera. Eu a conheci no setor de crediário de uma loja de roupas, na Barão de Itapetininga. Ela não tirava os olhos de mim, o que já estava me deixando constrangido, pois eu nunca fui do tipo paquerador. Vendo que eu não respondia às suas investidas, ela veio a mim fazendo uma pergunta sem sentido a pretexto de puxar conversa. Disse-me que seu nome era Eunice (talvez estivesse mentindo) e que era estudante universitária (ela estava mentindo).

Na medida em que levamos adiante a conversa, eu descobri que aquela moça de roupas mundanas e maquiagem de Jezebel era uma jovem alegre e que falava pelos cotovelos sem dar importância a quem estivesse ouvindo. Ao sair dali fomos a um barzinho e, depois disso, ela me convidou para ir a um daqueles hotéis pulquentos do centro da cidade.

A caminho do local, eu ia me recriminando por ter aceitado aquele convite. Mas não tive outra escolha. O que fala um homem a uma mulher

que com todas as letras o convida para o sexo? O jeito com que ela fez o convite, me olhando pelo canto dos olhos delineados por uma sombra azul que combinava com a blusa de cetim da mesma cor e brevemente passando a língua nas bordas do copo de chope, parecia uma não convincente cena de sedução do cinema nacional.

Apesar de mal decorada e mal interpretada, a atuação dela elevou meu ego e fez com que eu me sentisse tão irresistível quanto um galã de cinema. Um Newman. Um Connery. Um Richard Gere. Ou um Tony Ramos (só para combinar com o cenário do botequim). Mas agora, enquanto andávamos a caminho do hotel, eu me sentia tão panaca e atrapalhado quanto Woody Allen. Diversas vezes tive vontade de parar, pedir desculpas, fazer o pagamento e fugir. Antes, porém, que pudesse fazer isso, chegamos ao hotel.

Eu tremia tanto que precisei me amparar no corrimão para subir as escadas que nos levaria ao segundo andar, onde estava localizado o quarto. Eu nunca havia feito sexo com outra mulher. Eu sabia que aquilo seria um desastre. Tudo em que pensava era na experiência que o jeito malandro da moça não conseguia esconder. O seu jeito de ser me passava a imagem de que ela sabia tudo sobre o assunto, de A a Z, incluindo o Y e o W. A imagem era a de que ela já havia sido virada pelo avesso, usada e abusada. E o que faria eu, "papai- mamãe"?

Para meu desespero, entramos no quarto. Ela sugeriu que tomássemos um banho, pois "gostava dos corpos com cheiro de sabonete". Eu primeiro. Ela faria o mesmo em seguida. Ao sair do banho, tudo o que encontrei foi minha roupa espalhada pelo chão e a porta aberta. Ela roubara o pouco dinheiro que eu carregava no bolso e algumas poucas roupas que eu havia comprado para as crianças. Apesar de me sentir aliviado por não ter tido relações sexuais com ela, fiquei arrasado por me deixar cair num truque que, descobri mais tarde, era mais velho que andar para frente.

Exatamente duas semanas depois desse incidente, recebi uma inesperada ligação no escritório. Era Eunice. Lamentou o que tinha feito, tentou explicar, disse que eu era "um rapaz de ouro" e que não merecia aquilo. Marcamos, então, um novo encontro para depois do expediente. Ao chegar ao bar, ela já me esperava. Procurei ser o mais rápido possível e dessa vez tentei fechar meus ouvidos ao seu canto de sereia. Ela disse que tinha me roubado porque estava com o aluguel vencido e sem dinheiro para comer.

Com minha experiência de pregador, tentei lhe passar um sermão argumentando que ter problemas financeiro não era motivo para sair por aí roubando os outros. Eu lhe disse que ela não pensara nos meus problemas e que aquele dinheiro podia ser vital para mim. Ela me pediu perdão e devolveu as roupas das crianças que havia roubado. O dinheiro ela tinha usado para pagar a conta de luz. No final, estávamos bebendo e falando bobagens, como no dia em que nos conhecemos.

Depois de trocarmos confidências e desgraças, terminamos no mesmo hotel em que havíamos ido na primeira vez. Quando trancamos a porta do quarto, Eunice foi logo cheirando cocaína e, percebendo que me recusava a acompanhá-la, acendeu um cigarro de maconha e me deu. Tentei argumentar que havia fumado maconha no passado e que larguei por ter me viciado.

— *Você é muito bom para ser verdade* — disse Eunice com gargalhadas histéricas já provocadas pela droga. — *Deixa de bobagem, rapaz, maconha não vicia ninguém não. Isso é só um calmante, é só relaxar.*

Aceitei a maconha e fizemos sexo. Eunice viera com a mãe, do Maranhão, para morar em Santos, no litoral paulista. Aos dezesseis anos, sem família para socorrê-la, ela começou a se prostituir na zona do porto da cidade, ocupando a vaga aberta com a morte da mãe. Sua paixão era cantar e achava que um dia seria reconhecida. E, justiça seja feita, ela cantava bem. Disse que havia homens que pagavam só para ouvi-la cantar... tudo bem, nua.

Numa de suas rondas no porto, ela conheceu um sujeito que lhe prometeu emprego para cantar em São Paulo. Com essa promessa, pegou as poucas roupas que tinha e deixou Santos. Na verdade, o trabalho que o sujeito lhe deu era exercido num pequeno quarto no Itatiaia, edifício de prostituição no centro da cidade. Mesmo assim Eunice não desistiu de seu sonho de ser cantora e acabou conseguindo um bico nos finais de semana em uma churrascaria da Radial Leste. Ali ela se apresentava cantando o repertório de Alcione. Mas o que ela adorava mesmo era rock e tinha paixão quase fanática por Raul Seixas. Porém, como sua voz era de cantora de samba, tinha de se contentar com Alcione. Se falasse inglês, poderia tentar Tina Turner.

Aos poucos fui me envolvendo com Eunice. Não conseguia passar mais

de dois dias sem transar com ela. Pelo menos três vezes na semana a gente se encontrava num hotel na Consolação para passar a noite entre sexo, drogas e Raul Seixas. Para lhe dedicar mais tempo larguei o emprego noturno e isso somente serviu para aumentar os meus problemas financeiros. Do pouco que ganhava para sustentar a família, tinha que tirar para comprar a cocaína de Eunice. Eu sabia que esta era a única razão de ela estar comigo. Sabia que, no momento em que parasse de prover-lhe com a droga, ela me abandonaria.

Eu acompanhei Eunice em algumas das poucas apresentações que ela conseguia nas churrascarias da Zona Oeste. Naquele ambiente em que se misturavam fumaça de cigarro e gordura de carne, ela, acompanhada somente de um playback, cantava para uma plateia que entre conversa alta e gargalhadas nem mesmo se dava conta de sua apresentação. Era preciso que no final de cada música eu puxasse as palmas.

Eunice achava que nunca seria reconhecida em São Paulo. Até o final do ano juntaria um dinheiro e iria primeiro para o Rio de Janeiro e depois para a Europa. Dizia que os gringos adoravam as mulatas brasileiras e que tinha uma amiga se dando muito bem imitando Clara Nunes na Holanda. Meu relacionamento com essa moça acendeu o estopim de uma bomba que levaria alguns anos para explodir. Numa noite, após mais uma de suas apresentações, fomos a uma festinha em Santana, na casa de um de seus amigos. Como não podia deixar de ser, esses seus amigos cheiravam coca e ao chegarmos lá a droga estava sendo servida com fartura. Até então, eu me recusava a usar cocaína, preferia me limitar à maconha. Mas naquela noite, talvez para não passar a imagem de careta, cheirei cocaína.

Depois de ter cheirado, me senti a pessoa mais estúpida do mundo. Fiquei ali sentado no sofá não sei por quanto tempo, lutando para pensar em alguma coisa, mas meu cérebro estava mergulhado num vazio, num enorme vácuo. Eu nunca me senti daquele jeito em toda a minha vida. Por mais que tentasse, não conseguia pensar. Não conseguia aprovar ou reprovar o que acabara de fazer. Não tinha medo de morrer e nem mesmo a alegria excitante que algumas pessoas dizem sentir ao usar coca. Tudo o que sentia era uma dormência da cabeça aos pés e um peso tão grande sobre o corpo que me deixou por um longo tempo na mesma posição, impossibilitado de mover um dedo sequer.

Era notório entre os presentes que eu usava a droga pela primeira vez. Aos poucos comecei a perceber pessoas me abraçando e dando tapinhas na minha cabeça, dizendo que era assim mesmo e que em breve eu estaria tão descontraído quanto eles. Nem bem havia saído do transe começaram uma outra rodada de cocaína. Desta vez a droga seria injetada na veia. Sentamos em círculo no chão da sala e alguém apareceu com uma seringa que lentamente foi passando de mão em mão.

Eu não sabia por que não tinha forças para dizer não, para me levantar daquele lugar e ir embora. Se eu não queria fazer aquilo, por que, então fiz? Como gostaria de ter uma resposta! Nos dias que se seguiram àquela noite eu vivia com a estranha sensação de que alguma coisa muito ruim estava para me acontecer. E sempre que eu me sentia culpado, era automático, a minha mente vinha logo com alguma condenação bíblica. Desta vez a maldição era: “O salário do pecado é a morte”.

Era isso dia e noite martelando a minha cabeça. Decidi que deixaria de ver Eunice e pararia de usar drogas. Não consegui esconder de minha mulher o que estava acontecendo. Vendo o meu estranho comportamento, ela começou a me fazer perguntas, e aos poucos comecei a compartilhar com ela todos os meus segredos. Inclusive aqueles que tinham poder suficiente para implodir meu casamento. Além de falar sobre Eunice e o uso de drogas, falei sobre o relacionamento sexual mantido por vários anos com o meu colega pastor, que ela conhecia muito bem. Dupla traição.

O alívio que senti enquanto vomitava todo aquele lodo que por anos carregara dentro de mim não compensou o sofrimento de ter de encará-la nos olhos enquanto despejava aquelas coisas. Pela primeira vez me dirigia a ela sem mentiras e sem a máscara que no decorrer de cinco anos de casamento ela imaginara ser a face do marido. Mas achar que seria perdoado e os meus lances de infidelidade jogados no mar do esquecimento foi uma das minhas últimas doces ilusões.

Graça não me perdoou, muito menos teve simpatia pelas lágrimas que eu derramava, enquanto professava arrependimento. Ela me odiou. Seu rosto pálido, de olhos embaçados, parecia petrificado pelo nojo. Único sentimento que ela conseguia ter por mim naquele momento.

Graça tinha dezoito anos, um ano a mais que eu, quando nos

conhecemos. Na época ela era uma obreira que se preparava para entrar na faculdade e namorava um jovem professor de natação. Com a pressão da igreja para que eu arrumasse um casamento, comecei então a deixar visível que me interessava por ela. O fato de ser pastor, posição que é ou pelo menos deveria ser sinônimo de confiança e respeitabilidade, fizera com que ela se apaixonasse por mim e terminasse o namoro, com o apoio da mãe e do resto da família.

Poucos meses depois, estávamos casados. Gabriela nasceu no mesmo ano e juntos tentávamos passar para o povo a ideia de que éramos uma perfeita família cristã. Porém, não éramos felizes. Apesar de que nunca brigamos, existia um grande vazio no nosso casamento. Um vazio que por diversas vezes, das mais variadas maneiras, Graça tentou preencher e nunca conseguiu. Eu sempre achei que não a amava e que havia casado com ela sob pressão. Na medida em que meu desapontamento com a Igreja Universal ia crescendo, minha indiferença por Graça seguia na mesma escala.

Para mim, ela personificava uma cruz imposta pela igreja sobre meus ombros, uma cruz que eu teria de carregar até os últimos dias da minha vida. Nunca escondera que minha verdadeira paixão tinha sido Liz, de quem eu ainda carregava uma fotografia na carteira, depois de todo aquele tempo. Nos três anos que se passaram desde aquela despedida na rodoviária, eu havia conservado a imagem de Liz me abraçando e implorando em lágrimas que não a esquecesse e voltasse para buscá-la.

Numa ocasião, após conversar sobre Liz com um amigo, a saudade bateu e eu entrei num jatinho da Nordeste Táxi Aéreo com destino a Paulo Afonso. Chegando lá, bati palmas na porta da casa de Liz e a mãe dela apareceu na janela. Não me convidou para entrar e falou que Liz havia fugido para Roraima com um homem que “tinha idade para ser o pai dela” e que fazia sete meses que não recebia qualquer notícia. Desiludido, voltei para Salvador.

Apesar de saber que eu havia ido procurar uma ex-namoradinha no interior do estado, a única coisa que Graça me perguntou quando voltei para casa foi se podia pôr a mesa do jantar. Tudo ela aguentou ao meu lado: falta de atenção, de amor, de um carinho que fosse. Não me lembro de lhe ter uma única vez elogiado a comida. Nem quando tentava as receitas mais difíceis, como o “frango cremoso da Raquel”, que ela aprendeu assistindo aquela novela da Odete Roitman.

Como uma gueixa, sempre serviu silenciosa. E partiu dela a ideia de colocar as crianças numa creche e ir trabalhar das oito da manhã às seis da tarde como caixa de supermercado. Agora, depois de lhe contar tudo, não reconhecia a mulher que, na minha frente, aos gritos, dizia não suportar minha falsidade e minha indiferença. Com o dedo no meu nariz, me acusou de ter destruído sua vida e matado sua mãe, a única pessoa que realmente a amara; de jogar por terra todos os seus planos e de reduzi-la a um escudo para proteger meu mau caráter e minha homossexualidade.

Por fim, acusou-me de uma proeza talvez inédita: odiá-la tanto a ponto de me casar com ela.

Mandando que calasse a boca todas as vezes que eu tentava dizer alguma coisa, começou a quebrar pratos e copos, atirando-os contra mim. Assistindo toda a cena do canto da sala, as crianças tinham os olhos arregalados e assustados. Como dois bichinhos.

II

Naquela manhã quando eles viajaram de volta a Salvador, percebi que a partir daquele momento estava realmente sozinho. As noites eram arrastadas e solitárias. O remorso e a saudade de meus filhos não me deixavam dormir. Apesar de me sentir profundamente triste, não recorri mais a nenhum tipo de droga. Procurava encarar meus problemas lucidamente e encontrar uma solução para aquela situação. Como todo marido abandonado, descobri que amava minha mulher. Eu a amara todo o tempo e nunca tinha percebido. Ela era a mulher ideal: perfeita esposa e mãe. Nunca deveria tê-la deixado partir.

Pensando que nunca é tarde para ser feliz e ignorando o jeito como a havia tratado todos aqueles anos, liguei para ela na Bahia e, chorando ao telefone, declarei meu amor e meu arrependimento por tudo que havia feito. Pedi uma chance e sugeri que se ela não quisesse voltar a São Paulo eu pediria a minha transferência para Salvador.

Após um longo silêncio, ela me respondeu que não era mais a mesma e que depois de tudo que lhe revelei, seria muito difícil convivermos como marido e mulher. Mas não me descartou completamente. Existiam duas crianças naquela história e ela tinha de pensar nelas.

Uma das coisas que eu achava que trariam Graça correndo de volta para mim era meu retorno à Igreja Universal. O simples pensamento de voltar a portar coleiras depois de ter conquistado a liberdade me fazia tremer. Mas depois de pensar no assunto resolvi voltar, se não como pastor, pelo menos como obreiro. Na época do meu retorno, a igreja estava em polvorosa. Era período de eleição e todos estavam mergulhados no processo eleitoral.

O bispo Macedo dizia ter recebido uma mensagem celestial em que o Criador em pessoa com a mesma intimidade com que se dirigia aos seus profetas nos primórdios da humanidade, ordenara que a igreja apoiasse Fernando Collor de Mello para Presidência da República, pois ainda de acordo com o Todo-Poderoso, Collor, era o melhor candidato para o país e o único capaz de derrotar o "anti-Cristo" (leia-se Lula). Como todos nós na época, o Senhor dos Exercícios ainda não conhecia PC Farias. Errar é divino.

O Bispo era um dos maiores cabos eleitorais de Collor (abaixo de Jeová, é claro). Ele fazia reuniões e se deixava fotografar vestindo camisetas do PRN. E no melhor estilo "aiatoloide", proibiu todos os pastores e obreiros de votar em qualquer outro que não fosse o "escolhido", e ameaçou: "Quem não é por mim é contra mim".

Entendemos a mensagem. Naqueles poucos dias em que estava de volta percebi que o clima ali dentro havia piorado muito desde a minha saída. Os cultos religiosos naqueles meses de 1989 haviam se transformado em comícios eleitorais com o púlpito transformado em palanque onde se revezavam os candidatos próprios da igreja e os que eram apoiados pelo Bispo. Pregação do Evangelho era só um detalhe.

O resultado das urnas com a eleição de todos os candidatos lançados ou apoiados pela igreja, revelou ser o Bispo um líder com extraordinário poder sobre os seus seguidores. O mesmo poder que já vimos em elementos como Jim Jones e David Koresh, nos Estados Unidos e, mais recentemente, como Shoko Asahara, no Japão. Edir Macedo é mais do que um líder espiritual, ele é o ópio do seu povo.

A ida do pastor Paulo para Portugal me incentivou a voltar a ser pastor fora do país. Eu resolvi fazer isto como uma desesperada tentativa de reunir minha família, que morava na Bahia enquanto eu estava em São Paulo. Por diversas vezes tentei reconquistar Graça, que relutava em me dar uma chance, mesmo quando fui a Salvador para lhe dizer pessoalmente que estava voltando para a igreja. Ela não acreditava que eu pudesse me reintegrar à igreja com o mesmo espírito de antes. Achava que eu era muito crítico e que jamais me incorporaria ao sistema da igreja. Mas eu pensava que talvez fora do Brasil, longe da onipresença do Bispo, a coisa seria diferente.

A igreja estava entrando na Europa a partir de Portugal. Eu teria a chance de começar tudo de novo e ainda recuperar minha família. Liguei para o pastor Paulo pedindo que me aceitasse em Lisboa e logo acertamos a minha ida para aquele país.

Enquanto trabalhava na VARIG, me reconciliei com o pastor Paulo e foi isso que facilitou a minha rápida reintegração ao ministério. Se não fosse por isso teria sido impossível, após eu "ter olhado para trás", voltar a ser pastor na Igreja Universal. Ao me despedir das crianças em Salvador, prometi que em dois meses no máximo voltaria para buscá-las e junto

iríamos começar uma vida nova em outro lugar. Por alguma razão eu não acreditava que cumpriria o que estava prometendo.

Anoiteceu quando saí cedo do prédio em que morava em São Paulo. Carregava uma única bolsa de roupas. Era uma noite chuvosa e fria. Enquanto buscava um táxi, procurava repetir para mim mesmo que tudo iria acabar bem. Cheguei ao aeroporto de Guarulhos bem em cima da hora. Apressadamente fiz o check-in e pouco depois estava a bordo do avião que ia para Lisboa com escala no Rio de Janeiro.

Meu corpo completamente fraco se deixou cair na poltrona. Eu havia ficado doente quando fora me despedir de meu pai na Boa Vista. Por oito dias tive forte febre e tosse dia e noite.

Meu pai me disse que aquilo era sintoma do dengue, doença tão normal ali como gripe em qualquer outro lugar do mundo. Quando me despedi de meu pai, ele me beijou na testa e me disse que não ficasse longe dos meus filhos por muito tempo. Com a cabeça recostada na janela do avião, fiquei por alguns minutos observando o imenso tapete de luzes, enquanto sobrevoávamos São Paulo. Curiosamente, eu estava cansado e fatigado como se tivesse feito algum serviço braçal por semanas a fio sem nenhum momento de descanso. Eu precisava fazer planos. Pensar na vida que começaria em Portugal. Pensar em como fazer para convencer Graça a voltar para mim. Mas eu não encontrava forças. Meus olhos com suas pálpebras pesadas se fechavam contra a minha vontade. Não sabia explicar porque estava tão fraco e não queria pensar naquilo agora. Pensaria mais tarde. Amanhã, talvez. Sem oferecer nenhuma resistência, adormeci. Ou desmaiei.

Capítulo 5

BRASIL, NUNCA MAIS

I

Enquanto, no Brasil, Fernando Collor deixava os pobres indignados, os ricos perplexos e a poupança “imexível”, desembarquei em Lisboa. Portugal era tudo aquilo que imaginara quando li “O primo Basílio” e outros livros ambientados na terra de Camões. A sua beleza logo me cativou. Apesar de que em qualquer padaria no Brasil é possível ouvir louvores à “terrinha”, o encanto do lugar superou até os mais exagerados elogios que tinha ouvido.

Era como se o tempo tivesse parado em Portugal. Sua arquitetura, a torre de Belém, onde partiam as caravelas dos grandes descobridores, as praças, as igrejas. Tudo estava ali. Bem conservado e nos fazendo regredir meio milênio. Mas, curiosamente, o encanto do lugar contrastava com o seu povo. A melhor definição que encontrei para Portugal foi aquela que escrevi a um amigo no Brasil: “Um país colorido habitado por um povo preto e branco”.

A sede da igreja ficava localizada na Estrada da Luz, em Benfica. Funcionando no térreo de um prédio residencial, o local já era pequeno para acomodar a enorme multidão que comparecia aos cultos. Fizemos uma estrondosa campanha publicitária nas rádios e em outros meios de comunicação. Logo ganhamos fama e percorremos todo o país arrebanhando milhares de fiéis em cidades como Coimbra, Porto, Faro, Ilha da Madeira e Açores.

Ainda traumatizado com a ditadura de Salazar, o povo português se rendeu às nossas investidas, repetindo assim o fenômeno brasileiro: uma terra famosa pela sua fé católica — no caso de Portugal, palco, inclusive, das “aparições” da Virgem Maria em pessoa — abraçava a Igreja Universal do Reino de Deus com as suas promessas de milagre a curto prazo. Em pouco tempo, a igreja estava tão grande quanto no Brasil. Com a vantagem de as ofertas serem feitas em moeda forte e que por intermédio de Portugal ganhamos livre trânsito pelos países membros da União Europeia.

Nesse esquema, visitamos a França, a Itália (o sonho do Bispo era construir um imenso templo da Universal em Roma, para competir em pé de igualdade com o papa), a Espanha, a Inglaterra, a Suíça e a Holanda. Houve visitas também à África. Não a Ruanda ou Burundi, mas à próspera África do Sul, que já sinalizava para Nelson Mandela.

O nosso estilo de vida em Portugal era semelhante àquele dos tempos áureos na Bahia. Eu recebia quinzenalmente o equivalente a 450 dólares e a igreja ainda pagava o aluguel do apartamento em que eu morava na Reboleira, subúrbio de Lisboa. O pastor Paulo, por sua vez, ocupava um luxuoso apartamento num condomínio fechado reservado à classe alta lisboense, localizado próximo à embaixada brasileira.

Fomos orientados a não demonstrar sinais de “posse excessiva”, pois isso poderia ofender os novos convertidos, que eram quase todos portugueses pobres e centenas de angolanos e moçambicanos que haviam fugido da guerra civil em seus países. Assim sendo, tomamos alguns cuidados: ternos comprados em Milão, por exemplo, só deveriam ser usados aos domingos de manhã ou durante a celebração de algum casamento importante. Íamos para a igreja de táxi, deixando na garagem os ofensivos conversíveis. Como o exemplo vem de cima, pastor Paulo se dirigia à igreja com o Hyundai da mulher, em vez de no seu genuíno Mercedes Benz.

O fato de que eu estava novamente na igreja não fez com que Graça mudasse sua opinião sobre o nosso casamento. Ela relutava mesmo quando a igreja já tinha dado sinal verde para que eu levasse a família para Lisboa. Disse-me que havia perdido a confiança em mim e além disso achava que não me amava mais. Mesmo assim eu ainda não me dava por vencido. Não acreditava que ela se lançaria na louca aventura de criar dois filhos sem a presença do pai. Achava que cedo ou tarde ela voltaria para mim. Com todos os meus erros e defeitos. Felizmente eu estava errado.

A música era uma indústria que começava a crescer dentro da igreja. No começo dos anos 80, foi fundada a Gravadora Universal (hoje Line Records), que tinha astros como Roberto Augusto, Rosalba, Nelson Monteiro da Mota (intérprete do famoso “Segura na mão de Deus”), além do versátil bispo Macedo.

Mas a gravadora só deslanchou quando começou a gravar novos talentos, como Martinho Lutero, Jonas Madureira, Márcio Santos, pastor Renato Suhett e Thalita, entre outros. Um dos segredos para a vendagem de discos era dar roupagem evangélica a sucessos populares. Nesse esquema, foram regravados sucessos de Elvis Presley, Paul Simon, Morris Albert, Frank Sinatra e Kenny G.

Caindo logo no paladar do povo, a indústria musical passou a ser um dos braços mais lucrativos da Universal. Assim como acontecia no Brasil, a música começou também a ser explorada em Portugal. As centenas de LPs que chegavam semanalmente do Rio eram todos vendidos em questão de horas. Vendo o interesse do povo português pela música, foi importado do Brasil o cantor-pastor Gilmar para incrementar a parte musical dos cultos com o seu talento no órgão e sua voz maravilhosa.

Durante muito tempo, o pastor Paulo vinha comentando seu desejo de adquirir para a igreja em Lisboa o mesmo órgão existente na sede brasileira, em São Paulo. Esse órgão era último lançamento da Yamaha. Fabricado no Japão, era praticamente impossível adquiri-lo na Europa. O meio mais fácil seria comprá-lo no mercado americano, onde o instrumento saíria em torno de 5 mil dólares.

A igreja nos Estados Unidos concordou em fazer a negociação e ficou acertado que um dos pastores que estava em Portugal iria a Nova York. Estava previsto voltar a Lisboa...

II

Aos poucos o Bispo foi descobrindo que a sua chamada "missão norte-americana" seria mais espinhosa do que ele havia imaginado. Ele e seus pastores, com um "inglês macarrônico" feito às pressas num cursinho do Fisk, não conseguiram convencer os americanos. Um povo que, depois do escândalo de Jimmy Swagartt, duvida até mesmo da sinceridade de Billy Graham.

Para piorar a sua situação, o programa jornalístico da NEC transmitido ao vivo no horário nobre e assistido por milhões de americanos de costa a costa do país, mostrou durante meia hora um raio X do bispo Macedo, a quem chamaram de "pastor de muitos milhões de dólares".

Classificaram o trabalho de libertação espiritual da igreja de "exorcismo de péssimos efeitos especiais" e mostraram os bens do Bispo no Brasil e nos Estados Unidos. O programa dedicou atenção muito especial às suas mansões e a uma coleção de BMW, numa época em que possuir esta marca de carro era sinônimo de opulência.

Já me preparava para voltar a Portugal quando o pastor Manuel me avisou que eu seria mantido em Nova York. Ele disse que ali havia mais necessidade de pastores do que em Lisboa. Na verdade adorei a decisão e não me pareceu nada má a ideia de morar em Nova York.

No Brasil eu devorava qualquer revista que tivesse aquela cidade como tema de reportagem. Lia, inclusive, o "Diário da Corte", do Paulo Francis, mesmo que os artigos me fizessem mal depois de cada leitura, por causa da dose indigesta de fascismo (mas, como um bom Sonrisal, Caio Túlio Costa, então ombudsman da folha de São Paulo, aliviou minha alma, com a polêmica em que Francis foi duramente desmascarado).

Fiquei nos Estados Unidos e ingressei no pequeno time de pastores da igreja no país: Manuel, Márcio, Natanael, Haroldo e o hondurenho Carlos Moncada. Em matéria de gente e dinheiro, a igreja em Nova York estava indo muito mal. Macedo logo descobriu que a compra daquele teatro no Brooklyn tinha sido um péssimo investimento.

Parecia que desta vez o seu faro de Tio Patinhas o enganara. O dinheiro arrecadado nem mesmo compensava abrir a igreja pela manhã. Os

gastos, que incluíam salários de pastores, secretárias e motoristas, contas de luz, telefone e fax, excediam as pouquíssimas ofertas dadas pela meia dúzia de (não tão) fiéis que frequentavam os cultos. Para arrebanhar mais pessoas houve todo tipo de apelação.

Além de distribuição de panfletos e cultos em pracinhas ao ar livre, práticas que a Universal condenava no Brasil por achar serem típicas de “igrejinhas de crentes”, foram colocados televisores na porta do templo que exibiam durante o dia inteiro imagens de grandes cultos realizados no Brasil em locais como Quinta da Boa Vista, Maracanã, Pacaembu e uma série de outros estádios espalhados pelo país. Mas nem mesmo as imagens de paralíticos andando, cegos enxergando e mortos ressuscitando faziam com que as pessoas parassem para dar uma olhadinha.

Descobrimos o quanto é verdadeira a ideia que se tem de que os americanos, e principalmente os residentes em Nova York, são pessoas indiferentes. A piadinha da conversa entre dois nova-iorquinos retrata fielmente essa indiferença. O primeiro diz para o segundo: “Minha mãe teve um ataque cardíaco na Quinta Avenida. O segundo responde: “Não diga. Quinta com o que?”. Rejeitado pela classe média e branca dos americanos, o Bispo, após quatro anos de murros em ponta de faca, repensou o papel da Igreja Universal no país e voltou às origens jogando sua rede na direção do único peixe que engole a sua isca o peixe latino.

O inglês, como um demônio, foi expulso dos cultos, que passaram a ser realizados num único idioma: o portunhol. Começamos então a dizer coisas ridículas como “Dios te bendiga y te acompañe, meu irmano”. Nesta sua volta às raízes, a igreja passou a distribuir seus templos entre as comunidades latinas do país: a do Brooklyn passou a ser dos porto-riquenhos da área, e a de Manhattan ficou para os brasileiros e poucos americanos que restaram.

Também foram inaugurados novos templos na portuguesa New Bedford, na brasileiríssima Newark e em Miami, a Canaã cubana. E para mostrar que não estavam brincando, contrataram Néelson Ned para uma série de shows. Os bons ventos voltaram a soprar e já havia até quem falasse em concentração no Madison Square Garden, a maior casa de shows da cidade.

III

Durante o tempo em que fiquei no Brooklyn comecei, com a aprovação da igreja, um namoro com uma moça que servia como obreira. Por dar as maiores ofertas que a igreja arrecadava e por ser ela uma das poucas americanas que frequentavam a igreja, H. era paparicada por todos os pastores, inclusive pelo bispo Macedo. Quando demonstrou interesse por mim, recebeu a bênção de todos.

O fato de eu ser casado e pai de dois filhos no Brasil era apenas um detalhe. H. costumava me pegar para longos passeios de carro pela noite de Nova York. E sempre após os cultos íamos comer em Little Italy ou Chinatown, ou passávamos a noite em longos bate-papos nos barzinhos cabeça do Soho.

Ela era uma moça muito carente e tinha sempre uma expressão triste no rosto. Quando a conheci, ela estava se divorciando de um fuzileiro naval que, na época, lutava na Guerra do Golfo. Depois da minha chegada à igreja, H., que só ia aos cultos durante o dia, mudou seu horário de trabalho como obreira e passou a participar de todas as sessões noturnas. Era sempre a última a sair e só ia embora quando eu já estava prestes a fechar o templo.

Sabendo que eu dormia na igreja, muitas vezes ela voltava no meio da madrugada com a desculpa de que havia esquecido os óculos ou a chave. Não demorou para que passássemos a fazer sexo. Nós transávamos em sua casa, no seu carro, em um quarto no terceiro andar da igreja e sempre que tínhamos alguma oportunidade. H. me dava roupas, dinheiro e comida. Eu sabia que ela estava gostando de mim. E pequei pelo fato de deixá-la ir adiante.

Na mesma época em que isso acontecia, voltei a ter os mesmos sintomas que quase me haviam matado dias antes de viajar para Lisboa. Com a diferença de que também passei a acordar durante a noite, ensopado de suor, e a ter constantes crises de diarreia. Não queria pensar no pior. Repetia para mim mesmo que era algum problema intestinal causado pela mudança de clima e que logo passaria. Para piorar, emagreci visivelmente em questão de dias e ainda surgiram algumas manchas nos pés e nas mãos.

Não sabia como procurar um médico. O meu inglês ia pouco além do good morning e good evening e, além disso, alguém já tinha me dito que ilegais (éramos todos ilegais no país) não tinham direito nem mesmo a receber socorro de emergência em hospital público. Uma mentira como tantas outras que ouvi ao chegar. Eram os primeiros meses de 1991 quando, vendo que alguma coisa estava errada comigo, resolvi escrever a fatídica carta para o pastor Gonçalves, que eu considerava meu amigo e confidente. Naquela época, Gonçalves era uma espécie de Dom Lucas Moreira Neves.

Ele presidia o Conselho de Bispos no Brasil. Corria uma piadinha entre os pastores de que nenhum integrante desse conselho sabia responder rapidamente, sem gaguejar ou sem pedir tempo para pensar, o que vem primeiro na Bíblia, se o Velho ou o Novo Testamento. Não demorou muito para que eu voltasse a me sentir sufocado pela igreja. Graça estava certa quando disse que eu jamais me readaptaria aos moldes da organização. Eu havia perdido o que eles chamam de “primeiro amor”. As escamas nos meus olhos haviam caído e agora eu enxergava a igreja como ela é. Este fenômeno é raro, mas quando acontece é irreversível.

Se eu não conseguia reunir a família, única razão pela qual votara à igreja, não fazia sentido ficar mais tempo ali. Foi então que, buscando o conselho de um amigo, naquele momento em que estava tão confuso, e confiando naquele papo furado de “ama o teu próximo como a ti mesmo”, escrevi para Gonçalves. Contei-lhe tudo o que havia feito e pedi uma orientação. Evitando a palavra AIDS, escrevi que pensava ter contraído “aquela doença incurável”. Pouco depois de colocar a carta no correio, eu já me questionava se havia feito a coisa certa. Mas estava disposto a arcar com as consequências. Que me chamem de estúpido, mas eu ainda pensava que, mesmo se viesse a ficar doente, a igreja ficaria do meu lado. Logo descobriria que estava fatalmente errado.

Sempre que me sentia triste andava sem destino pela cidade durante horas a fio. Para mim, as ruas de Nova York são um ótimo lugar para curar problemas emocionais. Os Yellow Cabs, as pessoas que me ignoram, os rappers, o Time Square, os botequins da Rua 46, a esquina da 42 com a Oitava Avenida, a estátua de José Bonifácio nos fundos da biblioteca pública (“cortesia dos Estados Unidos do Brasil”) tudo é uma ótima terapia. Quase sem perceber, acabei no alto do World Trade Center. Por horas fiquei sentado ali, no topo do mundo, vendo a cidade aos meus pés e evitando pensar nos meus problemas. Acreditava que daria a volta por

cima do mesmo jeito que já tinha dado tantas outras vezes.

Pensava estas coisas quando vi um rapaz de rosto familiar se aproximar de mim. Eu tinha certeza de conhecê-lo do Brasil, mas não conseguia me lembra de onde seria. Coincidentemente, ele ficou parado ao meu lado olhando a cidade na mesma direção que eu olhava. Ainda na dúvida, puxei uma conversa em português e logo vi que estava certo. Ele era um cantor brasileiro. Disse-me que estava gravando em Los Angeles e resolvera dar uma parada em Nova York. Não consegui lembrar o nome dele e fiquei sem jeito de perguntar. Nos quinze minutos que conversamos fiz de conta que sabia quem ele era, mas na verdade não tinha a mínima ideia. A caminho de casa na tentativa de lembrar o seu nome, fui cantarolando a sua música que tinha sido sucesso no Brasil, uma versão de "Hei, Jude".

— *É isso!* — pensei, — *Kiko Zambianchi.* (...)

Agora pare sua leitura aqui. Marque esta página, e volte ao início deste livro. Leia novamente o "Prelúdio", pois ele é o elo para que você continue a leitura a partir daqui novamente...

(...) Depois de o bispo Macedo me expulsar da igreja, fui morar na casa de Eliane até encontrar um lugar para ficar. Mas logo Eliane, que era uma obreira, passou a sofrer pressão da igreja para me colocar na rua. Sendo, inclusive, ameaçada de ser suspensa dos serviços.

Eu sabia o quanto aquilo significava para ela e não queria que o fato de me acolher, a impedisse de exercer o seu trabalho vocacional. Por isso resolvi sair, mesmo sem saber para onde iria. Com a voz cortada por soluços, Eliane me pediu para que a perdoasse por nada poder fazer para me ajudar. Ela me deu uma nota de cem dólares e um beijo na testa. Fez uma referência à história de Hagar "mãe do filho bastardo de Abraão" e disse que Deus haveria de mandar seus anjos para me proteger.

Fiz menção de um debochado sorriso incrédulo e saí, carregando nas costas a mochila de roupas que o pastor Natanael havia rasgado. Diante da situação, H. terminou nosso namoro. Nas duas noites que se seguiram, dormi nos frios bancos do metrô da Rua 42. Várias vezes, durante a noite, a polícia me fez levantar, porque era proibido deitar nos bancos das estações.

Alguns mendigos, que julguei mais experientes, me disseram que durante a madrugada, eu deveria dormir nos trens que faziam a linha Brooklyn-Queens, para não ser perturbado pela polícia. Não deu muito certo. A primeira e única vez que fiz isso acordei com uma faca no pescoço e o sujeito gritando que eu não olhasse para sua cara, ou ele seria obrigado a me matar. Resultado: perdi setenta dólares e minha mochila.

Fiquei só com a roupa do corpo. Sem qualquer documento ou outra alternativa, tive de pedir esmolas, por mais que aquilo me incomodasse. Algumas pessoas, ao me ver pedindo na porta da catedral de São João, "O Divino", me disseram para procurar ajuda no consulado brasileiro. Uma senhora americana chegou a me levar ao escritório do consulado, na Quinta Avenida. Mas, chegando lá, a eficiência que caracteriza o serviço público brasileiro nada pode fazer para me ajudar. Aquela senhora, então, me levou ao departamento de assistência social de Nova York.

Os assistentes sociais me conduziram a um shelter, lugar em que vivem os homeless (mendigos) da cidade. O shelter para o qual fui enviado era o maior da cidade. Funcionava num antigo quartel na avenida Bredford, no Brooklyn, e tinha sido construído durante a Segunda Guerra para treinar os civis que atendiam ao chamado do Tio Sam.

Logo ao entrar, observei pessoas visivelmente drogadas e com distúrbios mentais falando sozinhas enquanto andavam pelo pátio. Depois de preencher uma ficha, recebi roupas de cama e uma toalha. Depois, com passos lentos, comecei a escalar as escadas que levavam para o terceiro andar, onde se localizava a minha cama. Na mediana em que eu caminhava naquele longo corredor escuro, pessoas sujas e mal-encaradas saíam à porta de seus dormitórios para assistir à minha chegada, numa deprimente recepção de boas-vindas ao mais novo prisioneiro de Alcatraz.

Apesar do ambiente, eu estava feliz por ter encontrado um lugar para comer e dormir. Depois de três dias, finalmente, tomei um banho. Eu me sentia leve quando entrei na fila do bandejão. Ao ser servido, ocupei um lugar na mesa, mas, em vez de comer, fiquei só olhando a comida na bandeja. Não tinha fome. Tudo o que sentia era ódio. Pensava compulsivamente no bispo Macedo, que, àquela hora, devia estar degustando frutos do mar, o seu prato predileto. Camarão, lagosta, ostras, paella.

Meu jantar consistia em um pão, três batatas cozidas, algumas ervilhas, duas salsichas e uma caixinha de leite. O ódio me roubava a fome e me causava ânsia de vômito com mais intensidade que o mau cheiro que era predominante naquele shelter. Enquanto meus olhos se mantinham fixos na comida eu pensava em quem tinha sido e no que havia restado de mim. Não tinha fome, mas sabia que precisava comer. Eu tinha de comer para continuar vivo. E continuar vivo pelo menos até pôr em prática o que estava determinado a fazer. Com esse pensamento, comecei a comer. Mesmo que não sentisse o gosto da comida.

IV

O dia no shelter começava às seis da manhã, quando uma sirene era tocada. Nesse momento éramos forçados a deixar a cama para o café da manhã. Depois, todos eram obrigados a deixar as instalações do albergue e só voltar às sete da noite para comer e dormir.

Nós ficávamos, então, perambulando pelas ruas. Alguns iam pedir esmolas para comprar drogas e bebida. Eu me juntava ao grupo que em troca de alguns centavos ficava lavando os vidros dos carros que paravam nos sinais de trânsito.

O dinheiro que ganhava lavando carros não chegava a dez dólares por dia. Algumas das pessoas que conheci na rua me disseram que se eu realmente quisesse ganhar dinheiro deveria entrar no ramo de drogas. Se eu quisesse (afinal, para que servem os amigos?) eles poderiam me apresentar às pessoas que me dariam a droga para revender. Faziam isso e sempre tinham dinheiro, apesar de gastarem tudo comprando a própria droga que revendiam. O desespero de querer voltar ao Brasil não fez com que eu me envolvesse com drogas desta vez. Já tinha me envolvido no passado e sabia que aquilo não era uma boa.

Fiz alguns amigos no shelter. O melhor deles era um velhinho que tinha vindo de Louisiana para tentar encontrar a filha que não via há quinze anos. Acabou não encontrando a filha e virando homeless. Ele adorava fazer perguntas sobre o Brasil. Principalmente sobre a floresta amazônica, que ele dizia ser o único pedaço restante daquilo que um dia tinha sido o jardim do Éden. Também quis saber de Pelé, o ídolo cuja mão sonhava apertar antes de morrer. Ele dizia não entender porque eu havia saído do Brasil, “o melhor país do mundo”, na sua opinião.

O velho me perguntava muito sobre o meu pai. Mas, apesar de tentar, eu não conseguir responder à maioria das perguntas. Eu não sabia, por exemplo, a idade de meu pai, o lugar em que ele tinha nascido, nem o nome de quem tinha sido o meu avô. Ou mesmo se eu teria tido um. Mas, apesar de não saber a idade dele, eu acredito que meu pai tenha vivido muito, pois em suas conversas ele mencionava fatos da Primeira e da Segunda Guerra Mundial como se fossem acontecimentos atuais. Além disso, ainda achava que o Catete fosse o Planalto, chamava o Brizola de Carlos Lacerda e o dinheiro de tostão. Vargas, “o pai do trabalhador e de

Alzirinha”, nessa ordem, era o seu ídolo político.

Nessas conversas com o velho, eu ia despertando imagens da minha infância que permaneceram, todo aquele tempo, dormentes em algum lugar dentro de mim e que por alguma razão não se deixaram apagar. Vinham-me à mente imagens em que eu, criança, sentava no ponto final da “baratinha” todas as tardes, esperando ansioso papai chegar do trabalho. A ansiedade era por causa do sanduíche de peixe à milanesa que ele recebia para o almoço, mas sempre guardava e trazia para mim.

Eu fiquei impressionado com a perfeição de detalhes dessas memórias. Eu via minha mãe recolhendo as roupas do varal, enquanto o sol, se espreguiçando por trás do Morro dos Escravos, tingia o céu de uma tonalidade maravilha que, misturando-se ao vermelho do barro cru, dava aos fins de tarde da Boa Vista a ilusão de um crepúsculo em Marte. Enquanto isso, no rádio, a voz de Júlio Louzada anunciava a Ave-Maria. Naquele momento sagrado e solene em que até as galinhas, reverentes, paravam de ciscar.

Cheguei a me lembrar de quando completei dez anos, e meu pai me levou para conhecer o seu local de trabalho. Ele trabalhava no Estaleiro Mauá e aquela foi a única vez que eu vi um navio de perto. Papai me deu um capacete e nós passeamos pelo navio. Enquanto andávamos eu pude perceber o quanto gostavam dele ali. Todos o cumprimentavam e alguns chegavam a pará-lo para fazer comentários sobre o Flamengo, que sabiam ser sua paixão. De mãos dadas com meu pai, eu empinava o nariz como se fosse o filho do comandante. E ele se portava como se fosse o próprio. Na verdade tanto ele quanto eu sabíamos que a sua função ali era varrer o navio. Sem ter aprendido a ler e escrever, conseguiu aquele biscate para complementar a paupérrima aposentadoria conseguida após sessenta anos de trabalho, também como faxineiro. Mas ele não comentava isso, nem eu. Guardamos, assim, com cumplicidade, o nosso segredo.

Papai era uma espécie de “pajé” naquela tribo em que nós morávamos. As pessoas da redondeza sempre corriam a ele quando precisavam de algum remédio, pois ele os tinha todos plantados no próprio quintal. Ele, então, sem cobrar nada, ia distribuindo as plantas, de acordo com os sintomas: erva-cidreira para o estômago, santa-maria para vermes, saião para dores no corpo e inchaços, capim-limão e flor-de-maracujá para os nervos, boldo para cólicas menstruais, e assim por diante. Chegava até a

arriscar dicas de beleza: babosa para o cabelo, rodela de pepino para pele oleosa... e para ter dentes mais brancos bastava apenas escová-los com as cinzas do fogão a lenha.

Quase três décadas depois do meu nascimento, eu começava a descobrir meu pai. O velho ignorante, com seus conselhos ultrapassados, errado antes mesmo de abrir a boca para opinar, transformava-se agora numa fonte de conhecimento. Alguns ditos seus que eu detestava como: "Quem fala demais dá bom dia a cavalo", soavam agora como pérolas de sabedoria. Eu descobria que meu pai era um bem valioso que eu possuía.

De repente, comecei a achar que deveria voltar para morar com ele. Era a minha obrigação. Eu deveria voltar para cuidar dele. Não me incomodaria de ajudá-lo a cuidar do aipim e da batata-doce que cultivava numa pequena horta no fundo do quintal.

Então, com essa ideia de voltar, liguei para Graça, em Salvador. Queria pedir pela enésima vez que ela me aceitasse de volta e que fôssemos juntos, eu, ela e as crianças, viver com meu pai na Boa Vista, o lugar em que tinha nascido e de onde nunca deveria ter saído.

Antes que eu falasse qualquer coisa, Graça me disse que há muito tempo queria falar comigo, mas não sabia onde me encontrar. Disse que não tinha boas notícias. Meu pai havia falecido. Estava enterrado há mais de um mês. Eu falei que aquilo não era possível. Ela disse que sentia muito por estar me dando a notícia por telefone e depois de tanto tempo. Continuei repetindo que não podia ser verdade. Eu estava voltando para morar com ele. Ela me disse que sentia muito. Consegui chorar, depois de muito tempo. Era como se uma válvula abrisse dentro de mim. Sem me importar com as pessoas que passavam e viam a cena, sentei ao pé do telefone público e ali chorei por muito, muito tempo.

Eu e meu pai não passamos muito tempo juntos. Nunca nos conhecemos profundamente e poucas vezes nos relacionamos como pai e filho. A atenção que eu dava a ele era nas ocasiões em que se dirigia a mim. Na verdade não tive tempo para ele. Trabalhando para Edir Macedo, eu estava sempre de cidade em cidade, de estado em estado. O velho do shelter, com suas perguntas, me forçou a encarar meu pai. E, encarando-o, eu o descobri como parte fundamental de mim.

Muita gente diz que meu pai foi uma pessoa maravilhosa. Lamento ter perdido a oportunidade de conhecê-lo melhor.

V

Eu havia acabado de tomar banho e estava sentado na porta do shelter quando começou a nevar. Aquele era meu primeiro inverno fora do Brasil. Nunca tinha visto neve antes e não resisti à tentação de correr para fora e brincar com ela, do mesmo jeito que via nos filmes americanos. Apesar do protesto dos outros, que diziam que eu poderia ficar doente, passei um bom tempo ali fora pulando e atirando bolas de neve nos colegas que saíam à porta para me ver brincar. Em pouco tempo eu estava sendo acompanhado pelos outros naquela farra que varou a madrugada.

Fazia quatro meses que eu vivia naquele lugar. Já conhecia quase todos ali, que também me chamavam pelo nome. Todo fim de tarde nós nos reuníamos ao redor de uma fogueira improvisada nos fundos do shelter e, enquanto uma garrafa de vodca passava de mão em mão, compartilhávamos os acontecimentos do dia. Mas sempre procurando contar alguma coisa engraçada para despertar o humor dos colegas. Havia noites em que o velho, meu amigo, abria uma cancha e mandava ver alguns blues de sua saudosa New Orleans.

Inúmeras razões levam uma pessoa a viver em shelter.

Alguns, por terem perdido a casa em dívidas ou desastres naturais. Outros são runaways, jovens aventureiros que simplesmente abandonam suas casas e passam anos vagando pelo país. Outros são mesmo mendigos por profissão.

Há também os imigrantes, grupo formado na maioria por mexicanos, colombianos, porto-riquenhos e vietnamitas. Todos, porém, tinham em comum o fato de não terem parentes ou amigos na cidade. Por isso procurávamos fazer do nosso companheiro de infortúnio a coisa mais próxima do que poderia ser chamado de "família". Sempre que alguém saía dali por ter encontrado um emprego ou decidido voltar para o lugar de onde veio, nós fazíamos uma festa de despedida e juntos rezávamos para que aquela pessoa tivesse sorte em sua nova caminhada. É surpreendente como a miséria iguala as pessoas. No limbo se vive acima de qualquer tipo de preconceito e solidariamente com os que estão na mesma condição.

Na semana do Natal fizemos um mutirão para limpar o shelter e enfeitá-lo para os festejos de fim de ano. A árvore doada por uma instituição de

caridade foi colocada no centro do pátio. Não me lembro de ter passado em toda a minha vida uma noite de Natal como aquela. Quando era pastor na Bahia, eu costumava fazer a ceia de Natal com os membros da igreja. Cada um trazia uma bandeja de alguma coisa e nós fazíamos uma grande festa com uma mesa farta de frutas e de todo tipo de comida. Por ser o pastor, eu recebia dezenas de presentes para mim e minha família. E muito depois do Natal eu ainda estava abrindo os presentes recebidos.

Passei aquele Natal, que em nada lembrava meus outros Natais, compartilhando de uma mesa em que estavam mendigos e viciados. À nossa frente, alguns perus, também doados por instituições de caridade. Meu único presente tinha sido um cartão em que se lia:

“Quando acreditamos naquilo que queremos, todo o universo conspira em nosso favor.”

Logo nos primeiros dias do ano novo, fui expulso do shelter por ter sido flagrado fumando crack com alguns dos amigos que havia feito ali dentro. Em princípio, relutando, eu fui aos poucos me aproximando das drogas, que me eram frequentemente oferecidas. Todas as noites me levavam um cigarro de maconha misturada com pequena porção de cocaína. Logo estava fumando crack escondido nos fundos do shelter.

Em poucas semanas eu estava viciado em crack e para comprar a droga, que não me era mais dada gratuitamente, gastei todo o dinheiro que estava juntando para comprar a passagem de volta. Eu não pensava mais em voltar ao Brasil. O que iria fazer lá sem emprego e praticamente sem família? A única coisa que eu ainda planejava fazer era matar o bispo Macedo, que eu odiava mais a cada dia que passava e que, no meu entender, era o responsável direto por eu estar naquela situação. Eu precisava matá-lo para ter paz interior, mesmo que fosse gozar esta paz no fundo de uma cela.

Surpreendido numa daquelas rodas de crack nos fundos do shelter, tive de ir procurar outro lugar para morar. Fiquei triste com o acontecimento, porque eu já havia me habituado ao clima fraternal do shelter, e também por ter de deixar para trás a amizade do velho. Mas os que foram expulsos comigo disseram que na rua teríamos mais liberdade para usar e comercializar drogas. Fizemos então um juramento do tipo “um por todos e todos por um” e fomos morar nos subterrâneos do metrô de Nova York.

Capítulo 6

DANTESCO HARLEM

I

Os passageiros dos trens, que deslizavam como um relâmpago nos trilhos sobre nós, nem por um momento imaginavam que, no fundo daquele abismo escuro, pudessem existir algumas dezenas de pessoas que tentavam fazer naquelas galerias subterrâneas um mundo à parte.

Convivendo entre baratas e ratazanas, esta sociedade era formada por aqueles que se consideravam marginalizados pelo mundo exterior. Eles se autodenominavam "outside's". Ali não havia regras. Cada um tinha a sua própria lei e a colocava em prática quando bem lhe conviesse. Um mundo sem cara. De todas as raças. De pessoas vindas de todos os lugares. Falando diferentes línguas. Um universo em que se misturava o rock and roll, o rap, a salsa, o merengue, o soul, o country, o gospel e o gregoriano. O Capital, a Bíblia e o Alcorão. Um mundo que bem se adaptaria a uma cena de alguma obra de Kafka. Com a única diferença de que era real. Dolorosamente real.

O silêncio do lugar era constantemente quebrado pela passagem de um trem, pelo delírio da heroína ou por algum homem que espancava a sua parceira sem que ninguém tomasse qualquer iniciativa, pois ali homens não brigavam entre si. Às margens de um Nilo de esgoto, crianças passavam o dia brincando em meio às seringas usadas e garrafas vazias de cerveja e vodca. Entre as pichações no muro, alguém timidamente escreveu: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que...", a frase tinha sido bruscamente interrompida. Do outro lado do muro, numa das entradas do subterrâneo, em gigantescas letras vermelhas, escrito em inglês e espanhol lia-se:

"Bem vindo ao New York Underground". E logo abaixo um trecho da Divina Comédia: "Deixai toda a esperança, ó vós que entraís".

No lugar havia um homem que atuava como administrador e precisei de sua autorização para viver ali. Meus amigos não precisaram, uma vez que já haviam estado ali antes. Aquele lugar parecia uma versão subterrânea

de algumas favelas brasileiras. Ao longo do enorme calçadão que ligava a estação Fulton à West Four, foram construídos barracos feitos de caixas de papelão e pano, onde viviam os que tinham mulheres e crianças. Os sozinhos, como eu, tinham de dormir em camas de papel e plástico colocadas às margens do Nilo.

Na primeira noite ali, acordei ouvindo alguns gemidos de dor que vinham da parte mais escura do túnel. As pessoas próximas a mim continuaram seu sono sem se deixar perturbar pelos gemidos. Movido pela curiosidade, caminhei na ponta dos pés na direção do barulho. Quando meus olhos se acostumaram à escuridão tive uma amostra de como se fazia sexo na pré-história: um casal transava explicitamente sobre jornais, enquanto um bando de homens e mulheres se masturbava ao seu redor. Não sei se aquilo era parte de um culto religioso ou uma terapia de grupo. Não esperei para me certificar. Trêmulo, voltei pé ante pé para minha cama.

Durante o tempo em que estive ali, testemunhei muitas cenas de sexo, mas nada comparado ao que tinha visto naquela primeira noite. Fui morar ali prometendo a mim mesmo que sairia logo, assim que conseguisse algum dinheiro para alugar um quarto ou ir para uma pensão qualquer. O frio naqueles bueiros era humanamente insuportável. Vários pares de luvas, meias e muitos cobertores não eram suficientes para amenizar o frio que castigava severamente Nova York naquele mês de janeiro. As goteiras que minavam dos tetos, se transformavam em espetos de gelo que faziam daquele lugar uma enorme gruta. Tenebrosa e fria.

Na tentativa de amenizar aquele frio insuportável, procurávamos nos dividir em bandos e várias fogueiras eram acesas. Espremidos ao redor do fogo, ficávamos batendo palmas, acompanhando o ritmo de uma música indígena cantada por um dos integrantes daquela comunidade. Dizia que os "Onondagas" usavam a cantiga para espantar o frio. Eu não entendia a letra, mas fazia qualquer coisa para me livrar daquele frio que me feria até os ossos.

Nós passávamos horas seguidas, durante a madrugada, com as mãos estendidas em direção à fogueira. Algumas vezes sem cantar ou pronunciar uma só palavra. Movendo-se somente quando tinha de passar adiante a garrafa de vodca ou o cigarro de maconha. Sem trens a correr aquela hora da madrugada, o único ruído que nos chegava aos ouvidos vinha do fogo estalando a madeira.

Num desses momentos de incômodo silêncio, levantei a cabeça e passei os olhos naquelas pessoas. Eram brancos, negros, amarelos e vermelhos (índios). Pessoas estranhas, com estranho comportamento. Falavam comigo, mas nunca se interessaram em saber o meu nome. A maioria era terrivelmente mal-encarada, cheios de cicatrizes e pesadas tatuagem. Fiquei então pensando em quantas daquelas pessoas não teriam suas caras pintadas nos cartazes de "Procura-se" do FBI. Quantos ali não eram serial killers, adeptos das práticas de Charles Manson ou Jeffrey Damner.

Por um instante fui tomado de pavor, como se tivesse acordado naquele momento depois de um longo sono. Tive vontade de sair correndo aos gritos. Fugir daquele lugar e daqueles marginais. Mas voltando a observar aquelas pessoas, com o reflexo do fogo em seus rostos pálidos de olhos fixos em lugar nenhum, olhando talvez o passado, percebi que elas não eram mais perigosas do que as pessoas com quem eu tinha convivido durante toda a minha vida. O que as teria levado àquele lugar? O que as teria feito "outside's"? Eu não sabia explicar. Como não sabia explicar as minhas próprias razões de estar ali.

II

Os trens correndo anunciavam o amanhecer. Neste momento, todos começavam a sair daquele buraco, procurando igrejas e instituições que distribuía chocolate quente e pão. Depois de alimentados, saíamos a vagar pelas ruas.

Meus companheiros prometeram me levar a um distribuidor de drogas que iria nos abastecer para que pudéssemos vender. Eu havia decidido entrar no ramo. Afinal, seria um jeito rápido e fácil de ganhar dinheiro. Além disso, pensava, abandonaria o comércio tão logo conseguisse juntar o dinheiro de que precisava para executar o meu plano.

A pessoa para quem iríamos trabalhar estava viajando a “negócios” e enquanto esperávamos o seu retorno pensamos num outro meio de conseguir dinheiro. Tentei voltar a lavar carros, mas logo descobri que o americano tem um carro específico para inverno e não se preocupa em lavá-lo. Também tentei vender o Sheet New’s, o jornal que os homeless vendem nos trens do metrô. De cada jornal, que custava um dólar, eu ficava com 7 centavos, o restante ia para instituições que trabalhavam para tentar reverter a situação de pessoas que vivem nas ruas. Mas achei que estava ganhando pouco dinheiro. Então resolvi entrar com meus companheiros na perigosa aventura de roubar mercadorias nas grandes lojas de departamentos da cidade.

Nós entrávamos em lojas como o Macy’s, as galerias Lafayette e a Bloomingdale’s e saíamos carregando tudo o que podíamos: roupas, relógios, sapatos e perfumes. Fui preso várias vezes. Os seguranças nos levavam para os porões da loja, nos espancavam e depois nos soltavam.

Eu tentava não pensar no que estava fazendo. Ficava louco se começasse a me repreender com um senso de moral baseado no modelo bíblico de bons costumes.

Durante a noite, enquanto deitado às margens do Nilo, por mais que tentasse evitar, meus pensamentos me levavam de volta ao tempo em que eu era a pessoa mais feliz do mundo. No tempo inocente em que tinha entrado na igreja e me foi dito que Deus me amava. Nada é pior do que saber não ser amado por ninguém. E era isso o que eu sentia nesta fase da minha vida. Eu me sentia sozinho e odiado por todos. Por Deus,

inclusive.

Na primeira vez que saí para vender drogas, tremia tanto que por diversas vezes deixei cair ao chão saquinhos de maconha e cocaína, deixando à vista de quem passava o tipo de negócio em que estava metido. Outra bandeira que eu dava era quando passava um policial. O desespero de ser preso me fazia bater em retirada, correndo até não aguentar dar mais um passo.

Mas logo aprendi que em Nova York se vendem drogas com a mesma facilidade com que se vendem jornais. Eu recebia a droga na esquina da Rua 43 com a Oitava Avenida das mãos de um homem de quem não sabia o nome e não via o rosto, já que ele usava chapéu e óculos escuros. O homem falava inglês com um forte sotaque que eu nunca consegui discernir. Ele me dava a droga e estipulava a hora em que eu deveria estar de volta com o dinheiro da venda e com a devolução do material que não conseguisse vender. Meus companheiros me alertaram para seguir as determinações do homem, e sempre ser honesto com ele, pois alguns haviam pago caro por tentar enganá-lo.

Eu recebia de acordo com o que vendia, o que geralmente era um bom dinheiro, pois a procura por drogas na cidade era enorme. Meu ponto-de-venda era na Washington Square, em frente à New York University. Eu não precisava fazer nada, ficava apenas sentado ali embaixo da réplica do Arco do Triunfo e as pessoas vinham a mim.

Eu era o “drug dealer” preferido do pessoal da universidade. Diziam que eu não tinha aquela cara assustadora de marginal que era característica dos meus colegas de trabalho (isso é péssima notícia para um vendedor de drogas).

Como era incrível a minha mudança. E logo eu que nunca engoli esses filmes em que um homem de negócios, usando óculos e gel no cabelo, parte num cruzeiro e, sendo o único sobrevivente de um naufrágio na costa africana, aparece na cena seguinte montando zebras e apaziguando guerras entre tribos inimigas.

Além de irreconhecível aos meus próprios olhos, eu estava totalmente absorvido pelo meu novo mundo. Algumas vezes saía com os meus companheiros de rua para fazer shows de rap em lugares turísticos como Battery Park, de onde partem os “ferrys” com destino à Estátua da

Liberdade, ou em locais de grande movimento, como o Port Authority e a Pennsylvania Station.

Assim como o restante do grupo, eu me vestia a caráter. No melhor estilo hip-hop: cabelos de tranças em "dreadlock", argola no nariz, dedos forrados de anelões, pesadas correntes de ouro, roupas de medida cinco vezes maior que a minha.

Sempre, durante as apresentações, um grande número de pessoas se aglomerava ao nosso redor para assistir. No chão colocávamos um boné dentro do qual eram atiradas algumas moedas. Eu, como o DJ, controlava o som enquanto meus amigos se contorciam para o deleite da plateia. Eu soltava "Snoop Doggy Dog e Dr. Dre". Meus amigos se contorciam. "Tupac Shakur. Queen Latifah. Mc Lite..." Meus amigos se contorciam. Ujerê! Aplausos. Algumas moedas no boné.

Numa tarde, estávamos começando uma apresentação em frente à estação de trem na Rua 32, quando vi alguém que conhecia. Era o velho, meu amigo do shelter. Ele tinha uma bolsa e caminhava rápido em direção ao trem. Eu o chamei e ele quase não me reconheceu no meu novo look. Pude perceber que ele não gostou do que viu.

— *Pensei que tivesse voltado para o Brasil* — disse-me.

— *Meu pai morreu* — respondi.

— *Well, ele deve ter te deixado a terra. Tenho certeza de que ele gostaria que você cuidasse do pedacinho de terra que te deixou.*

— *Eu não entendo nada de terra* — repliquei com um sorriso brilhante causado pela alegria de rever o velho.

Ele estava voltando para Louisiana. Talvez cansado de procurar pela filha. Disse-me para tomar cuidado em Nova York e escapar dali o quanto antes, para o meu próprio bem. "Isso é a cidade engolidora de gente" — falou.

Pedi-me para que voltasse ao Brasil ou que fosse para o Sul. "Georgia ou Louisiana", opinou.

— *You, man what's up. The show must go on* — gritaram os "brothers" aborrecidos porque eu havia parado a música.

O velho me deu um número de telefone e me fez prometer que o

chamaria caso estivesse com problemas ou me machucasse.

— *Camon man* — o grupo continuava reclamando e, desta vez, com apoio das pessoas que, aglomeradas, esperavam pelo show.

— *Fuck you all* — disparei.

O velho precisava ir. Seu trem anunciava a partida. Antes de ir ele me abraçou e meus olhos se encheram d'água.

— *Good luck* — disse ele — *Lembre-se do que eu te disse sobre Nova York.*

— Eu continuava a abraçá-lo fortemente, como se não quisesse deixá-lo partir.

— *Seja um bom menino e não se esqueça de dar lembranças minhas ao Pelé.*

— *Darei* — falei com a voz embargada — *Darei.*

— *Camon, motherfucker!*

III

Com o dinheiro da venda de drogas consegui sair do subterrâneo e aluguei uma quitinete na East Harlem, o lado hispânico do Harlem, chamado de "El barrio". A alegria de estar saindo do subterrâneo logo se dissolveu quando vi que minha nova morada era uma extensão do inferno em que vivia.

O East Harlem é o retrato da decadência de um lugar superpovoado, no melhor estilo terceiro-mundista. Seus duzentos quarteirões são constituídos de terrenos baldios com dezenas de carcaças de carros roubados, centenas de garrafas quebradas no chão, prédios abandonados e queimados e inúmeros projetos de habitação popular, do tipo COHAB, onde vivem cerca de 120.000 pessoas. Um mundo em que os fantasmas do crime e da morte assombram cada mulher e criança que ali tenta sobreviver.

É impossível viver ali e não ter contato com drogas. Qualquer criança tem acesso a elas em centenas de lugares no El barrio, principalmente nos mercados, as "groceries", onde comerciantes fazem mais dinheiro vendendo cocaína, crack e toda a parafernália para o uso do que propriamente frutas e legumes.

A presença das drogas em El barrio é devastadora. A maioria das crianças que nascem no North General Hospital, situado na Rua 124, é defeituosa, viciada em cocaína ou portadora do vírus da AIDS. As que conseguem sobreviver passam a infância vendo a mãe se prostituir para comprar drogas.

Mas o Harlem não foi sempre assim. Em meados dos anos 40, essa parte da cidade era conhecida ao redor do mundo pela sua agitada vida noturna. As centenas de turistas que lotavam as ruas do bairro em busca de uma noite de jazz podiam escolher entre uma apresentação de Billie Holiday, Nat King Cole, Louis Armstrong ou Duke Ellington. O lugar também é o berço do Cotton Club e do até hoje famoso teatro Apollo, a Meca da música negra americana.

Mas o Harlem não resistiu à invasão dos imigrantes e ao boom das drogas.

Logo aprendi que para viver ali eu teria de ser, digamos, "cool". Não

encarar ninguém, vestir sempre roupas escuras demais ou coloridas demais e andar de cabeça erguida arrastando o corpo. Ah! E nunca se esquecer de manter as mãos fora dos bolsos.

Da única janela existente na minha quitinete, eu tinha uma vista privilegiada dos campos verdes do Central Park, de iates deslizando serenamente nas águas do East River e dos suntuosos prédios do Upper East Side, a parte glamorosa e milionária de Manhattan, que tem por moradores gente como Donald e Ivana Trump, Mia Farrow, John Kennedy Jr. De meu cubículo infestado de baratas, eu também avistava o lendário Edifício Dakota, morada de Yoko Ono e Lauren Bacall. Como a Rocinha contemplando São Conrado. Um mundo tão perto. E ao mesmo tempo tão distante.

Ao mudar para o local, ingressei num esquema de vendas de drogas infinitamente superior àquele ao qual pertencia. O Harlem tinha seu esquema próprio: alguém apelidado por "bookie", provavelmente um figurão residente no Upper East Side, entrava com o dinheiro. Um outro chamado "carrier" comprava a droga nos pontos de entrada nos Estados Unidos e passava para os "runners" que levavam o material para locais secretos na nossa vizinhança.

Neste lugar, que a gente não conhecia, o "bookie" preparava a droga para ser distribuída. Depois de preparada, o "runner" levava a mercadoria para o "pitcher", categoria na qual eu me incluía, e nós a vendíamos na rua. Eu era o canal entre o "bookie" e o consumidor. Ou seja, cabia a mim a parte mais perigosa e mais suja do esquema.

Os vendedores tinham uma escala de trabalho religiosamente respeitada. Se um de nós faltasse um dia de trabalho, teria de dar uma explicação convincente ao supervisor, um sujeito de pouca conversa que sempre exibía uma arma na cintura para impor respeito.

Meu ponto de venda era na esquina da Lexington com a 11th, lugar visado pelos "cops" do Departamento de Polícia de Nova York, a temida NYPD. A venda nas ruas do East Harlem não era fácil como na porta da New York University. Se na Wahsington Square os "cops" faziam vista grossas, no El barrio eles davam uma blitz a cada meia hora. Havia também o perigo de vender para um "cop" à paisana, o que daria no mínimo dez anos de cadeia. Por isso, fui alertado para não vender a pessoas estranhas.

O problema da disputa pelas esquinas, que já estava causando mortes, e as investidas dos “cops”, que apertaram o cerco depois da massiva entrada da heroína no mercado, fez com que a coisa se informatizasse e passássemos a utilizar bips, os mais prósperos portavam celular. Assim, saímos das ruas para atender no aconchego das nossas ratoeiras.

Eu gastava todo o dinheiro que fazia com drogas comprando-as para o meu próprio uso. Cometi o pecado capital de quem vive desse comércio: me deixei viciar pelas drogas que vendia. Eu não conseguia passar três horas seguidas sem fumar uma pedra de crack. Era a única coisa que me fazia funcionar, que me jogava para cima. A única coisa que não me deixava ter medo e não me permitia pensar.

Pensar no que tinha sido e no trapo humano que era agora. O que me consolava, era o fato de não ser o único trapo humano ali. Do meu prédio, passando pela rua onde eu morava, até o último quarteirão do Harlem hispânico, éramos todos trapos. Farrapos humanos.

As pessoas daquele gueto não trabalhavam. O paternalismo do governo dava-lhes tudo: moradia, comida, roupas, móveis, dinheiro, assistência médica. Tudo que tinham a fazer era ficar em casa usando drogas até morrer.

Eu vivia como um morto-vivo. Geralmente levantava às três horas da tarde e ficava acordado a noite inteira. Não sentia fome ou vontade de fazer qualquer outra coisa. Tudo o que eu fazia era fumar crack incessantemente. Eu nem me importava mais em vender. Trancava-me no apartamento e passava horas seguidas fumando.

Usava um cachimbo d’água que fazia com que a droga atingisse meu cérebro em questão de segundo. Mas o “high” não passava de cinco minutos, o que me fazia fumar o tempo todo, na tentativa desesperada de manter a excitação ilusória proporcionada pela química.

IV

Na primeira vez que usei heroína pensei ter achado a fonte da felicidade eterna. Desde que havia mudado para ali, percebi que vizinhos e companheiros de rua raramente usavam crack, que consideravam ultrapassado, apesar de que o vendiam. O forte do momento era a heroína.

Com medo de me tornar dependente da nova droga, comecei a usá-la comedido. No princípio me limitava ao "speedball", uma combinação de heroína e cocaína. Mas logo a abandonei, porque a mistura colapsava minha veia e me fazia suar abundantemente. Passei então a usar Methadone 60, uma heroína sintética. Mas o que fez minha felicidade mesmo foi uma qualidade de droga conhecida como "Tango and Cash". Desde que passei a injetá-la, vivia constantemente dopado, com poucos intervalos de sobriedade.

A presença da heroína no sangue me dava sentimentos totalmente opostos àqueles de quando fumava crack ou cheirava cocaína. Com heroína me sentia eufórico, com disposição, rápido no pensar, sexualmente disposto e, o que mais gostava, quando sob efeito da droga eu conseguia bolar os planos mais mirabolantes possíveis. Foi num desses momentos que planejei meticulosamente a morte do bispo Edir Macedo.

Eu sempre tinha um ataque de nervos quando via os primeiros raios da manhã atravessarem com dificuldade o vidro empoeirado da minha janela. Eu chorava, gritava, quebrava algumas coisas, depois dormia. Dormia no mesmo lugar em que havia passado toda a noite me drogando. Dormia sobre toda a parafernália: cachimbo d'água, "stearner", agulhas, seringas, giletes, velas, fósforos, espelho. Dormia vestido de jaqueta e botas. Ao lado, uma faca para me defender no caso de alguém invadir o apartamento. Vivia constantemente com medo. Durante o sono era o único momento em que eu tinha paz. Único momento em que não estava mentindo, roubando ou me prostituindo para comprar drogas. Um sono sem sonhos. Somente um vácuo. Um vácuo que permanecia quando eu despertava.

Eu não tinha certeza de nada, muito menos se sairia daquela situação. A única certeza que eu tinha era a de que morreria em breve, mas não sem antes destruir quem havia me jogado naquele abismo. Enquanto, como

um vampiro, me recolhia ao amanhecer, ouvia o barulho vindo do apartamento ao lado. Choros, gritos e coisas quebrando.

“Deixai toda a esperança, ó vós que entraís.”

A advertência de Dante deveria ter sido colocada no fim da Rua 96, começo do East Harlem.

Capítulo 7

DANUSA

I

Quando comecei a vida de garoto de programa, pensava que isso seria mais seguro do que vender drogas, uma vez que tinha sido ameaçado pelo cara que me fornecia o produto para revender. Sempre nas minhas prestações de contas eu não conseguia explicar por que o total em dinheiro não batia com a quantidade que dizia ter vendido. A verdade era que eu simplesmente usava as drogas e não tinha como repor o dinheiro. Eu já havia recebido três advertências e, quando fui ameaçado de morte, resolvi pagar o que devia e cair fora do “business” antes que fosse tarde demais.

Na época em que eu vendia maconha na Washington Square, conheci um casal brasileiro que estava começando um pequeno negócio no rendoso campo do telesexo. Ela era go-go girl e atuava nos barezinhos, ele strip-teaser no eixo Newark-Atlantic City. Ele, um desses “leopardos” da vida, com mais músculos no cérebro que no tórax.

Além de dançar, eles atendiam seus clientes em domicílio. E, só para provar que existem mais coisas entre o céu e a terra do que eu seria capaz de imaginar, o casal tinha filhos e se dizia apaixonado e fiel, apesar de seu não tão ortodoxo meio de ganhar o pão.

Na época em que me convidaram para trabalhar na agência, não aceitei, por considerar que não ganharia muito dinheiro. Achei também que isso poderia ser extremamente exaustivo. Mas, ao me ver sem dinheiro para comer e sustentar meus vícios, resolvi dar-lhes um telefonema e no mesmo dia comecei a trabalhar.

Os clientes pegavam o número da agência em anúncios que eram colocados em jornais e revistas. Se eu tivesse as características que procuravam, a minha cafetina ligava no meu bip com o número da pessoa. Eu ligava de volta e acertávamos o local. Depois de um encontro que geralmente durava 30 minutos, eu estava de volta em casa com dinheiro para comprar mais heroína. Eu atendia cerca de três clientes por

dia, entre homens e mulheres.

Certa vez, um fotógrafo procurou a agência querendo alguém como eu, para um ensaio de fotos eróticas para uma revista alemã. Fiquei animado quando soube que aquilo me renderia um bom dinheiro. Fechado o negócio por telefone, eu me dirigi ao local onde seriam feitas as fotografias.

Ao chegar ao hotel, encontrei o quarto transformado em um estúdio fotográfico. Câmeras, luzes e roupas exóticas. Em um espaço de três horas, fizemos vários rolos de filmes. Ao terminar ele me deu seu cartão e mandou que eu passasse na manhã seguinte no apartamento dele, em Jersey City, para receber o pagamento. Quando cheguei lá, no dia seguinte, a pessoa que atendeu a porta me disse que o cara havia se mudado e tudo o que sabia era que ele tinha voltado para a Alemanha.

Durante todo aquele tempo, entre o dia em que fui expulso da igreja e a vida no Harlem, eu alimentei o ódio que sentia pela Universal na pessoa de Macedo. Esse ódio era alimentado por cada ato autodestrutivo que eu praticava. Cada garrafa de vodca, cada pedra de crack, cada carreira de cocaína, cada vez que fazia sexo por dinheiro eu alimentava esse ódio. Cada vez que rasgava minhas veias em busca de um incentivo para continuar vivendo eu alimentava esse ódio. E o engordava.

Várias noites passei em frente à igreja no Brooklyn, onde de longe via os pastores pregando e o povo cantando. Aquilo me fazia regredir no tempo. Mas eu não sentia saudade daquela época. Aquelas lembranças somente aumentavam meu ódio. Eu não ia ali movido por um espírito de nostalgia, mas sim para sondar os passos de Macedo. Os dias em que ele dirigia cultos, a hora que chegava e saía, se tinha guarda-costas.

Numa dessas sondagens, enquanto tentava ler o quadro de avisos para me certificar das noites em que Macedo estaria ali, fui surpreendido pelo pastor Haroldo. Talvez por causa da barba por fazer, do cabelo rastafári, do brinco no nariz e dos olhos esbugalhados, típicos de quem fuma crack, Haroldo não me reconheceu e chegou a me convidar para participar do culto. Algumas vezes eu tinha curiosidade de saber o que eles pensavam ter acontecido comigo. Se tinha voltado para o Brasil. Se tinha morrido. Eles nunca se importaram.

Pelo tempo em que estive na igreja do Brooklyn, eu sabia que Macedo

preferia entrar pelos fundos do prédio localizado na Dean Street. Ao lado desta entrada havia um grande depósito de lixo e ali seria o lugar em que eu ficaria escondido esperando por ele.

“Que tipo de criatura sou eu?”, me perguntei enquanto vestia capa e chapéu, me preparando para pôr em prática o plano que por vários meses friamente premeditara. O que Macedo e sua “troupe” me haviam feito legitimava o ódio que sentia e me dava o direito de matá-lo? Isso não importava agora. Pensaria nisto depois de feito o trabalho.

Armei-me com um punhal e uma pistola automática que consegui por meio de um acordo que fiz com um pivete na rua. Logo ao anoitecer me coloquei, estrategicamente, por detrás das latas de lixo que ficavam ao lado da garagem, lugar em que Macedo obrigatoriamente teria de passar. Uma vez que usasse a outra entrada, na Quarta Avenida, teria de passar pelo meio do povo e eu sabia o quanto ele tem aversão ao assédio de suas próprias ovelhas. Eu tinha de ser cuidadoso. Houve uma época, no Rio, em que ele andava armado, com medo de ser sequestrado. Dizia que se com a Bíblia não podia ganhar a alma do sequestrador para Deus, com a arma a ganharia para o diabo. Seria no mínimo cômico se, em vez de matar Macedo, eu fosse morto por ele.

Macedo chegaria a qualquer momento e eu não havia ainda decidido se o mataria à faca, ou à bala. A tiro seria bem mais fácil, mas o problema é que eu nunca havia usado um revólver antes e para piorar a situação minhas mãos tremiam, sem controle. Quanto às punhaladas, eu tinha alguns traumas de infância. Quando pequeno, eu via minha mãe cortar o pescoço das galinhas (aquelas que ficavam em reverência na hora da Ave-Maria) e, mesmo assim com a cabeça dependurada, as aves saíam correndo pelo quintal, deixando uma trilha de sangue.

Certa vez meu pai, após apunhalar um porco, lhe soltou as patas, achando que o animal estivesse morto. Para sua surpresa, o suíno se embrenhou no meio do mato carregando aquele facão enterrado no coração. E se o mesmo acontecesse com o Bispo?

Mas, independentemente do jeito que o mataria, não o faria sem antes permitir que soubesse quem o estava matando. Como Don Diego, revelaria minha identidade secreta antes de seu último suspiro.

Eu me comparava ao justiceiro mascarado quando uma limusine

apareceu. Parando em frente à entrada automática da garagem, a geringonça abriu uma de suas seis portas e saiu Ester, a mulher do Bispo. Logo em seguida saiu o próprio, acompanhado de Moisés, seu filho adotivo. Enquanto isso, eu ali, atrás das latas de lixo, estava mais para Tonto que para Zorro. Sem saber por que vacilava, quando a coisa saía exatamente como havia planejado.

O Bispo se aproximou das latas de lixo e eu tive de me controlar para que não ouvisse a minha respiração. Ficou com a jugular apenas alguns centímetros de mim. Eu também tinha a oportunidade de estourar-lhe os miolos, mas por alguma razão hesitava em fazê-lo. Dois pastores "baba-ovo" desceram da limusine. Um carregando o paletó de Macedo, o outro a sua Bíblia. O Bispo reclamava do motorista, dizendo que o dispensaria na manhã seguinte. Depois, exalando aquela arrogância que lhe é peculiar, ouvi quando ele subiu as escadas com passos pesados em direção ao púlpito. Ainda agachado atrás das latas de lixo, ouvi os gritos da multidão hispânica, que explodiu em histeria fanática ao vê-lo surgir na nave do templo.

Voltei para casa naquela noite carregando a capa embaixo do braço e sem entender o porquê de não ter ido até o fim. Hoje fico imaginando quantos dos seus pastores, principalmente aqueles que estão na linha de sucessão, não estariam me agradecendo por ter dado cabo de Macedo. Perdi uma boa chance de entrar para a história como o Lee Oswald da Igreja Universal.

II

A heroína passou a ser o inimigo número um dos que a consumiam em Nova York. Nas ruas circulava o boato de que a droga pura estava sendo vendida nas ruas do Harlem e do Bronx, famosos pontos de venda na cidade. Alguns “dealers”, tentando derrubar a concorrência, comercializavam a droga sem os diluentes. Outros, mais inescrupulosos ainda, vendiam uma outra droga sintética como se fosse heroína. Essa droga, usada como sedativo em cirurgias, chamava-se fentanyl, mas na rua a gente a conhecia como “China cat”. Ela era cem vezes mais poderosa que a heroína e saía mais barato produzi-la em laboratório do que bancar todo o esquema que envolvia a entrada da heroína no mercado norte-americano.

Em pouco tempo, corpos começaram a espocar ao redor da cidade e os estados vizinhos da Pensilvânia e Nova Jersey. As vítimas eram desde pacatos e respeitados professores de piano, passando por inofensivas senhoras estudantes de música erudita até chegar aos “outside’s”, que amanheciam com seus corpos sem vida em posição fetal pelas ruas e parques da cidade.

Eu vi nitidamente que estava no risco, mas continuei injetando. Mesmo quando a minha vizinha, que era quem me aplicava a droga, morreu da “China cat” que comprou das mãos da mesma pessoa que meu “dealer”.

O medo estava estampado no rosto de todos os usuários em todas as esquinas, desde o East Harlem ao South Bronx. Ao comprar a droga, as pessoas não sabiam se estavam levando heroína ou “China cat”. Tudo o que sabiam era que a próxima dose poderia ser fatal.

Após quase uma semana tentando me abster numa noite, não resisti e resolvi injetar heroína. Não sabia que aquela seria a última vez que usaria a droga. Meu coração batia disparado quando me preparei para fazer a aplicação (geralmente eu pedia a outras pessoas para me injetar). O que era antes alegria e expectativa, agora me parecia um martírio. Amarrei o braço com a borracha e isso fez com que a veia, latejante, se deixasse à mostra. Com a seringa cheia do que achava ser heroína, empurrei a agulha contra a pele fina que cobria a veia. Pela primeira vez sentia dor fazendo aquilo.

Nesse mesmo instante ouvi carros da polícia cruzarem a vizinhança, alertando em alto-falantes que a morte estava sendo vendida nas ruas. Mas a agulha agora já estava dentro da minha veia e, como sempre acontecia, filetes de sangue escorreram pelo meu braço, enquanto a droga entrava, queimando, na minha corrente sanguínea. Mordi os lábios de dor. Também, como sempre acontecia, logo em seguida senti uma dormência envolver todos os membros do corpo. Mas parecia que alguma coisa estava saindo errado daquela vez.

Sentia como se a cabeça fosse explodir, enquanto meu corpo era atravessado por correntes elétricas de alto a baixo. Escorria suor das minhas mãos e quase caí do sétimo andar em que morava quando tentei abrir a janela em busca de ar. Fiquei nauseado e senti os músculos do peito encolherem. Achei que estava tendo um ataque cardíaco e, com a vista escurecendo, abri a porta para pedir ajuda no apartamento ao lado. Bati ali por alguns minutos, até me lembrar de que lá não morava mais ninguém. A vizinhança havia morrido de overdose uma semana antes. Voltei me arrastando para o apartamento e, quase sem enxergar, não tive outra escolha senão pegar o telefone e discar 911. Logo em seguida, caí ao lado do aparelho. Ainda tive tempo de ver um batalhão de uniformes azuis, antes de perder a consciência.

Haviam se passado duas semanas desde que dei entrada no setor de emergência do Hospital Saint Vincent. Os médicos do hospital me disseram que eu não estava fora de perigo e que alguns exames preliminares mostraram que meu sistema imunológico estava baixíssimo e que, por isso, eu deveria fazer um teste para o vírus da AIDS. Apesar de desconfiar de que era portador do vírus, nunca havia feito o teste, por acreditar que, neste caso, a dúvida seria melhor do que a certeza.

“O mal que eu temia me sobreveio.” Foram essas palavras de Jó que vieram à minha mente no momento em que recebi os resultados confirmando que eu estava infectado com o HIV. Também fui diagnosticado com Sarcoma de Kaposi, um câncer de pele que me tomava os pés e as mãos; meu sistema imunológico estava abaixo de cem, o que me deixava vulnerável a todo o tipo de infecções oportunistas. Principalmente a “terrível”, um tipo de pneumonia que é a principal causa da morte entre as pessoas com AIDS. Mas a notícia de que morreria em breve não me causou a devastação esperada.

Por dias seguidos fiquei naquela cama de hospital pensando em como a

minha vida tinha disso um equívoco. Gostaria de fechar os olhos e não abri-los mais. Como desgraça pouca é bobagem, ainda no hospital recebi um comunicado de minha mulher, informando que estava morando com outro homem e queria o divórcio. Apesar da vida que levava, eu ainda tinha a absurda esperança de que voltaria para minha mulher e meus filhos. Mas agora eu via que nada me havia restado. Tinha chegado ao fim da linha. Ao fundo do poço.

Não conversava com ninguém ali. Ficava todo o tempo no quarto e somente falava um pouco quando a enfermeira vinha me dar as injeções de Interferon e recolher meu sangue, para acompanhar a gula com que o tal do HIV devorava as incompetentes células que deveriam supostamente me defender.

Também passei a frequentar, no próprio hospital, um grupo de apoio chamado "Narcóticos Anônimos", uma versão barra pesada do A.A. Mas eu entrava mudo e saía calado desses encontros.

Preferia ficar no meu quarto assistindo à televisão. Foi aí que descobri que a telinha deve ser chata em qualquer lugar do mundo. Ali estava eu com o controle remoto na mão, oitenta canais à minha disposição e nada para assistir além de dramalhões com munição suficiente para fazer Silvio Santos Vomitar.

Na CNN, Larry King entrevistava o que restou de Marlon Brando. A cena era triste: sem nada ali que lembrasse os bons tempos em que era "O selvagem", o bonitão de "Um bonde chamado desejo", ia dando respostas que nada tinham a ver com as perguntas formuladas. Suas toneladas de peso se derramavam confortavelmente sobre uma poltrona do tipo "lazy boy". Enquanto os pés, repousados sobre um banquinho, mostravam ao planeta, via TV a cabo, um inchado e azulado festival de varizes. Durante a entrevista, Juilius Caesar ia cuspidando na câmera os biscoitos que tirava de um engordurado saco de papel que manteve à mão ao longo de todo o programa.

Uma prova cruel de que os deuses também envelhecem, mas Greta Garbo, pelo menos, teve uma saída mais digna. Mas o pior da televisão americana ficava por conta de um sujeito de cor púrpura chamado Barney. O indivíduo é um dinossauro que apresenta um programa infantil durante a semana. Ele tenta fazer o tipo "rei dos baixinhos", mas o saco das crianças americanas não tem a mesma dimensão dos saquinhos

brasileiros. A baixa audiência de Barney, como um meteoro, ameaça extingui-lo do ar.

Até que ele tem boas intenções, mas seu programa é muito educativo, muito politicamente correto, muito Primeiro-Mundo. Barney deveria contratar uma empresária e mudar o estilo do seu programa. Sei lá, usar um shortinho curto, falar mais bobagens, tirar aquelas crianças negras do palco, arrumar um time de ajudantes louras...

III

Um problema com o qual esbarrei foi a imigração. Eu era ilegal no país e teria de legalizar minha situação para receber tratamento médico e os benefícios que o governo americano concede às vítimas de AIDS. Tentando ajudar, minha médica entrou em contato com o GMIC, uma organização não governamental criada no começo da epidemia para prestar auxílio às pessoas afetadas pela AIDS, numa época em que os médicos não tinham a menor ideia de contra o que exatamente estavam lutando.

A agência mantém um escritório de advocacia que dá assessoria jurídica aos imigrantes ilegais. Entre esses seus serviços, há o programa "Budlies", formado por um grupo de pessoas não remuneradas que ajudam os doentes terminais executando tarefas como lavar roupa, limpar a casa, fazer serviço de banco, cortar o cabelo, levar para tomar sol, ao cinema, ao teatro, ao médico. Ou apenas para marcar presença ao lado dessas pessoas para mostrar-lhes que não estão sozinhas.

Sabendo que eu era brasileiro, a agência me enviou um rapaz, também brasileiro, que atendia pelo nome de "Danusa". Não quis recebê-lo quando descobri que se tratava de um travesti. Ele, então foi embora, mas deixou na recepção do hospital um pacote com um bilhete que dizia: "Darling, você não quis me receber, mas mesmo assim estou lhe deixando alguma literatura brasileira para amenizar esse ócio que você deve estar sentindo". A tal "literatura brasileira" consistia em fotonovelas italianas e revistas Amiga, Capricho, Bianca, etc. Joguei tudo no lixo.

Vendo que o tal Danusa não desistia, mesmo após me recusar a recebê-lo em três ocasiões, permiti que desta vez o deixassem subir. Falaria pessoalmente que não precisava de amigos e muito menos de um amigo travesti. Quando ele entrou na sala, não acreditei no que vi. Vestindo um macacão de couro preto que combinava com os salto-altos, longos cabelos louros de raízes pretas, quilos de maquiagem no rosto e com um perfume francês que ia abrindo caminho anunciando sua presença, aquela mistura de Cinira Arruda com Dolly Parton invadiu meu quarto.

Morri de vergonha quando ele se sentou ao lado de minha cama, chamando a atenção de todos para mim. Querendo ser rude, perguntei se a agência não tinha alguém mais discreto para mandar.

— *Well, você deveria estar feliz com a minha presença aqui, Darling, porque eu vim para te ajudar* — respondeu-me sem perder a classe.

De enorme bolsa de pele de jacaré (ele se dizia ecologista), tirou vários papéis para que eu assinasse e que seriam levados para a Imigração e para a Previdência. Assim, além do tratamento médico, eu passaria a receber também uma pensão mensal de 540 dólares do governo americano.

Passado o efeito da primeira impressão, comecei a conversar com Danusa amigavelmente. E quando eu lhe disse que não me importava com documentos e ajuda, porque a vida não tinha nenhum sentido para mim, ele me disse:

— *Poderia ser pior, Darling. Você poderia ter...* — pensou por alguns segundos e não encontrou uma doença pior para comparar. — *Tudo bem. Tem AIDS. E daí? O que você vai fazer, se matar? Se quiser se matar é muito fácil. Pode, inclusive, se enforcar com essa bata azul-turquesa linda que você está usando. Agora, se quiser morrer em glória, suba no Empire State, enrolado na bandeira do Brasil, mas tem de ser assim, ahhhh!!... gritando, fazendo escândalo, derrubando avião que nem o King Kong. Daí, Darling, você pula lá de cima. Olha, Darling, vai ser Jornal Nacional na certa.*

Não aguentei, explodi em gargalhada.

Danusa era assim. Parecia criação do Almodóvar. Com seu jeito de ser e de existir ele enchia de vida e alegria por onde quer que passasse. O seu humor era puro e sincero e não existia uma só pessoa que não fosse alcançada por ele. E ele vivia desse humor. Durante as noites se apresentava em clubes de comédia pela cidade. Entre eles, o consagrado "Corohne's Comedy Club", do Greenwich Village. "Eu não sou Geni. Trabalho duro e decentemente", falava. Durante o dia ele fazia trabalho voluntário lavando roupa, cozinhando, trocando fraldas dos doentes terminais ou auxiliando nos assuntos jurídicos (havia cursado direito na UFRJ). Danusa dedicou sua vida ao sagrado esforço de tentar aliviar o sofrimento das pessoas que vivem, acordadas, o pesadelo da AIDS.

Quem lhe atirá a primeira pedra?

Falava que seu nome era uma homenagem à musa Danuza Leão, que ele dizia ser a Jackie Onassis brasileira (“Absolutely fabulous!”). Conhecia a vida da socialite carioca como ninguém, a quem acompanhava desde os tempos em que era a “primeira-dama do “Última Hora” (“Divina!”). Na sua sala ele tinha pendurado uma cópia ampliada de uma foto em que Danuza Leão é recebida em Pequim pelo líder chinês Mao Tse Tung (“Arrasou!”).

Durante o tempo em que fiquei no hospital, Danusa me visitava quase todos os dias, fazendo, assim a alegria dos outros doentes, enfermeiros e médicos. Eu mal podia esperar pela hora de sua visita. Às vezes, passávamos horas seguidas conversando e rindo. Ele me contava um monte de casos da sua vida que me faziam chorar e rir. Eu nunca soube que podia rir daquela maneira.

Numa de suas visitas ele me levou um jornal brasileiro que cobria o impeachment do presidente “Indiana Jones do saco roxo”. Para mim foi difícil de acreditar que, talvez querendo mostrar aos franceses que somos um país sério, a Câmara de Deputados dava um passo daquela grandeza. A mesma Câmara que já havia servido de palco para Aguinaldo Timóteo e Ruth Escobar.

Apesar de não estar por dentro dos fatos que levaram o outro a ser varrido do poder, aquilo não me surpreendeu. Afinal de contas o que esperar de um político elogiado por Alexandre Garcia e frequentador da coluna do Ibrahin?

Enquanto me deliciava com a reportagem, Danusa disparou essa pérola:

— *Darling, quem é essa Glorinha Pires Rebello?* Os únicos momentos em que eu ria era durante as visitas de Danusa. Um dia ele me disse que eu era uma pessoa muito amargurada e quando lhe contei toda a história do meu passado, ele me disse:

— *Eu sabia, Darling. Esse Bispo nunca me enganou.* — Depois veio o conselho que mudou a minha vida: — *Mas deixa isso pra lá, Darling. O que passou, passou. É história. E olhar pra trás é retrospecto. Pra que ficar se remoendo com esse ódio? Se liberta disso. Joga esse passado para trás, lambe as suas feridas, se cure disso e seja feliz. Eles não merecem que você se autodestrua desse jeito.*

Nunca tinha ouvido algo tão verdadeiro.

— *E além disso, Darling, esse danado desse Bispo vai ter o dia dele. Não se engana todos por todo o tempo.*

IV

Todos disseram que eu tive uma inacreditável recuperação. Depois de passar um mês no hospital, recebi alta, por estar completamente “clean”. Liberto de drogas e com a saúde improvisada. Logo ao deixar o hospital, passei a frequentar os grupos de suporte no GMHC e também passei a trabalhar como voluntário no programa “Buddies”. Informe-me sobre HIV e AIDS e descobri que o meu problema era o mesmo de mais de 2 milhões de pessoas somente nos EUA. Trabalhando com o GMHC, passei a ter contato com pessoas que eram infectadas por muito tempo e que levavam a vida normalmente, se libertando da síndrome da morte.

Em pouco tempo eu estava frequentando os encontros sociais exclusivos para soropositivos. Estas reuniões tinham o propósito de reunir pessoas com o mesmo problema. Uma espécie de clube do Bolinha às avessas.

Naquele ambiente, a cumplicidade fazia com que as pessoas falassem sobre assuntos relacionados com a sua condição sem medo de sofrer discriminação. Embaladas pelo som dos Eagles, as conversas das rodas distribuídas pelo salão tinham tópicos que iam desde as últimas novidades no campo do tratamento alternativo até com que frequência ocorriam as crises de diarreia do sujeito.

Na primeira vez em que eu fui nessas reuniões, uma loirinha de óculos comandava a conversa no meu grupo. Com informações obtidas em tabloides de supermercado, ela tentava passar um verniz de glamour na doença. Ela abria a mão como se fosse uma lista e ia separando os dedos na medida em que citava celebridades que, segundo ela, eram vítimas da AIDS:

— *Fred Mercury, Nureyev, Liberace, Magic Jonhson, a mulher do Paul Glaser. Ahh!... Deixa eu ver... Ah, tá! Andy Warrol, Arthur Ashe, o líder do Nirvana...*

— *Quem, o Cobain? Ele não se matou?* — perguntou um mal informado.

— *Tá, mas depois que pegou o resultado positivo. Quem mais? Ah, sim! Madonna...*

— *Madonna também?*

— *É isso aí! Dela eu já sabia* — confirmou um outro intelectual, enquanto mexia com o dedo os pedaços de maçã que boiavam no seu copo

cheio de um líquido cor-de-rosa.

E a listagem nos dedos seguia: um diretor de Hollywood, o dono da Forbes, uma diva da ópera, um jogador do Lakers, do New York Rangers.

— *E a Liz Taylor* — acrescentou uma outra loirinha do grupo.

Entre minhas novas amizades estava o Dr. Allan Smith. Ele era professor de história na Universidade de Syracuse, uma das mais conceituadas dos Estados Unidos, e foi uma das pessoas responsáveis pelo meu resgate do abismo. Graças ao Dr. Allan, consegui um emprego de bibliotecário e mudei para o norte do estado, deixando para trás as drogas e o submundo nova-iorquino.

Allan era o primeiro negro que eu conhecia que tinha ido além do colegial. Era doutor pela UCLA e YAIE e lecionou em várias universidades ao redor do mundo: em Portugal, Itália, África do Sul, Quênia, República Dominicana e Brasil. Além do inglês falava com fluência francês, italiano, português e línguas africanas como o suahili.

Durante nossas conversas sempre discutíamos a situação do negro no Brasil. Ele afirmava que o Brasil injustiçava os negros, e eu defendia dizendo que morava num país tropical, abençoado por Deus, bonito por natureza e possuidor da única democracia racial vigente no planeta. Bobagem. Ele dizia que o Brasil tem a maior população negra fora da África. Sua estatística deve ter sido baseada na regrinha americana que diz que se escapou de branco é preto.

Ele incluiu na mesma senzala os mulatos, os sararás, os morenos escuros, moreninhos, cabo-verdes, escurinhos, pardos, enfim, todas essas categorias que não se consideram pretos. Aliás, ninguém quer ser preto no Brasil. Lembro-me de uma menina que conheci no ginásio que, do auge de sua negritude, jurava ser bisneta de suecos.

Allan também achava que o Brasil deveria criar algo como o NAACP, uma espécie de "Funai" dos negros americanos, que gerencia seus interesses desde direitos civis ao ingresso nas universidades. Tentando defender o "paraíso racial" eu sabia que estava querendo tapar o sol com a peneira. Uma vez que, sendo negro brasileiro, eu conhecia de perto o racismo verde-amarelo, que, apesar de ser ignorado, é real e tão cruel como em qualquer outro lugar do mundo.

Quando eu estava no primário, uma professora, após eu fazer alguma

coisa de que não me lembro, disse (para que toda a classe pudesse ouvir) não saber onde a princesa Isabel estava com a cabeça. E, sádica, ela gostava de me amedrontar dizendo que a Lei Áurea tinha disso assinada a lápis. De novo, ela era uma professora primária.

Aos catorze anos, por meio desses “cantinho da amizade” dos gibis, comecei a trocar correspondência com uma menina de Parati. Quando lhe enviei minha foto, dessas tiradas em lambe-lambe, ela imediatamente parou de me escrever. Na Bahia, predominantemente negra e terra do “negro doutor”, eu fui alvo muitas vezes de preconceito em restaurantes e hotéis, onde as pessoas me olhavam como se eu fosse uma ave rara ou a me perguntar o que estava fazendo ali entre eles.

Na “única democracia racial do planeta”, também existem aqueles elogios que são tão brasileiros quanto a caipirinha: “Ele é preto, mas é honesto” ou “Minha empregada é preta, mas é tão limpinha” ou ainda “Fulano é um preto de alma branca”. Isso sem falar nas piadas extremamente racistas que são tão naturalmente contadas no rádio e na televisão, que acabaram por se incorporar ao cotidiano das pessoas e são contadas até pelos próprios negros. Até na igreja eu tinha de conviver com isso.

Durante as reuniões de pastores, às segundas-feiras, eu, por ser o único pastor negro na época, era sempre escolhido como o alvo das piadinhas de mau gosto do pastor Rodrigues. Ao comentar a aparência e a higiene do pastor, Rodrigues dizia que eu, principalmente, deveria dar muita atenção àquele detalhe porque “ninguém aguenta ficar perto de um preto com desodorante vencido”.

Dizem que o racismo está mais na cabeça da vítima do que na do agressor, mas eu considero alguém racista quando essa pessoa repete para um negro todos os dias: “Você ainda vai aprontar uma”. “Preto quando não faz na entrada, pode esperar que ele vai fazer na saída”. Era o que Rodrigues sempre me falava. Bem, depois deste livro ele deve estar achando que estava coberto de razão.

V

Eu estava terrivelmente cansado quando me recostei na poltrona do trem da Amtral, que me levaria de volta a Syracuse. Os acontecimentos daqueles últimos dias me deixaram completamente exausto. Fazia três dias que eu não dormia, mas agora estava aliviado. Tudo havia acabado. E eu estava tristemente aliviado.

O trem cruzava agora por baixo da ponte George Washington e corria às margens do rio Hudson. Com o corpo jogado em uma de suas confortáveis poltronas, eu tinha o olhar pregado na janela, mas não prestava atenção naquela linda paisagem que sempre me cativava todas as vezes que eu fazia aquela mesma viagem. Não dei importância nem mesmo quando passamos rapidamente pela academia de West Point. A morte de Danusa tinha sido uma perda tão grande que, pelo menos naquele momento, nada mais tinha importância para mim.

Apesar de me ter mudado para Syracuse, eu e Danusa ainda mantínhamos contato por telefone. No meu aniversário ele me mandou um "Forte Apache" com quinhentas figurinhas, entre índios, soldados ianques e cavalos. Nós éramos grandes amigos e graças à sua amizade e dedicação eu consegui fazer o caminho de volta numa estrada que é mão única para muita gente.

Danusa sentia muita saudade do Brasil, que deixou durante a ditadura militar. Nunca mais voltou. Expulso de casa pelo pai, comeu o pão que o diabo amassou nas sarjetas do Rio e de São Paulo, até "casar" e se mudar para os Estados Unidos.

Na capital do entertainment, tentou produzir uma peça no circuit off-off-off Broadway. O fiasco era intitulado "Danusa", uma cafonérrima cópia do musical "Gilda". "Nunca houve uma mulher como Danusa", dizia a chamada do show. Não deu certo. Então, resolveu explorar o que tinha de melhor: o talento para fazer as pessoas rirem sem esbarrar no besteiro, no pastelão ou na grosseria. Apenas sendo ele mesmo.

Danusa vingou-se de sua vida triste se tornando comediante. Não sei de onde tirava tanta alegria e humor. Uma vez me forçou a participar com ele de um concurso de fantasias numa festa de Halloween. Eu fui de neguinho e ele de membro da Ku-Klux-Klan. Ganhamos o prêmio de

originalidade.

Chorava de rir quando me contava os acontecimentos no Brasil entre as décadas de 1950 e 1970. Como um Forrest Gump, esteve presente em quase todos os principais fatos ocorridos no país durante aquele período, como se eles acontecessem no fundo de seu quintal. Algo trágico como o incêndio do Joelma, se tornava hilário quando ele tentava, entre gestos e munhecas, mostrar o seu desespero em tentar apagar as vítimas que pulavam para a morte.

Não duvido que tenha sido Danusa as tais forças “ocultas e terríveis” denunciadas por Getúlio Vargas e Jânio Quadros. Ele dizia ser a versão drag da Irmã Dulce. Adorava ajudar os outros e era considerado um anjo pelos doentes que ajudava. Após passar a noite pelos clubes de comédias, levantava cedo e começava sua peregrinação por hospitais, orfanatos e asilos, ou em qualquer outro lugar em que existisse alguém sofrendo de AIDS. Além de ser voluntário no GMIC, também voluntariava no God’s Love We Delivery, uma organização que faz entrega de comida pronta, do tipo quentinha, nas casas de pessoas com AIDS. “Faço isso porque gosto, darling. Não ganho nem um centavo. Faço por amor”, dizia. “É assim que me vingo da danada!” A “danada” em questão era a AIDS, que ele se recusava a chamar pelo nome “só para não dar confiança”.

Uma vez lhe perguntei se não tinha vontade de voltar ao Brasil e fazer o mesmo trabalho lá. “Imagina, Darling. Aqui as pessoas, se não me aceitam, pelo menos me respeitam como gente. Quem respeita drag Queen no Brasil? As crianças me apedrejariam na rua.” Concordei, mas fiquei quieto.

Danusa dizia que acreditava em Deus, mas não era uma pessoa religiosa. Da Bíblia sabia apenas que Deus disse “quem canta seus males espanta”.

A única vez que nos desentendemos foi quando ele, tentando me ajudar a vencer aquele ódio que sentia pelo bispo Macedo, me mandou que colocasse os pés no chão. “Quem é você para me falar em colocar os pés no chão, quando é um palhaço dentro dessas roupas femininas, tentando 24 horas por dia ser o que não é?”

Quando soube que ele estava internado, viajei imediatamente para Nova York. Ao entrar no seu quarto no Bellevue Hospital quase não acreditei no

que vi. Pela primeira vez encarei a face da AIDS e pela primeira vez tremi de medo por carregar aquele vírus.

Danusa estava jogado na cama e não pesava mais do que uma criança de nove anos de idade. Ele havia se resumido a um esqueleto vivo, forrado por uma transparente pele que não escondia o interior de seu corpo, deixando à mostra o emaranhado de veias e a intimidade dos movimentos de seu aparelho digestivo. Seus cabelos, que eram motivo de orgulho, não tinham resistido à agressividade da quimioterapia a que fora submetido, na tentativa de combater a toxoplasmose — uma doença que, antes da AIDS, era exclusiva de gatos — e o câncer que oportunisticamente lhe apareceu nos pulmões já debilitados pela não menos oportunista pneumonia. Com 75 por cento da visão ceifada pela CMV, ele não conseguiu ver quem tinha entrado no seu quarto.

— *Olá, como você se sente? Te trouxe alguma literatura brasileira.*

Não respondeu. Tinha os olhos grudados no teto. Coloquei, então, o pacote de “Biancas” e “Sabrinas” no chão e me aproximei dele. Seu rosto estava tomado pelo sarcoma de Kaposi e os lábios rachados e inflamados deixavam à mostra a ferrugem dos poucos dentes que lhe haviam restado.

Ao me aproximar dele, coloquei minha mão na sua e senti seu esforço inútil em querer apertá-la. Também percebi duas finas lágrimas rolarem dos seus olhos pregados no teto. Teve uma crise de tosse e a enfermeira entrou carregando um aparelho com uma enorme borracha que foi introduzida até seu pulmão, na tentativa de aspirar a secreção que lhe tomava os brônquios. Meu amigo se debatia, no meio daquela brutalidade médica. Seus olhos, antes no teto viraram-se para mim como a implorar que eu impedisse aquela violência. Sem poder fazer nada para aliviar seu sofrimento, apenas pus as mãos no osso do seu ombro e assisti a toda a cena.

A minha vontade era de gritar àquelas pessoas que elas não tinham o direito de fazer aquilo, mesmo que fosse para tentar salvá-lo. Eu queria fugir dali, não ver aquele espetáculo de dor. Mas tive de ficar. Ele havia ficado ao lado de dezenas de pessoas que morreram do mesmo jeito. Eu não o deixaria sozinho. E fiquei. Até quanto tudo terminou.

Eu ainda pensava em Danusa quando cheguei em casa. Meu único e

verdadeiro amigo. Ríamos de nossas vidas quando estávamos juntos. Mas também falávamos de coisas sérias como perdão, amor e Deus. Ele foi a única pessoa que me influenciou. E o fez de tal maneira que dividiu minha vida em antes e depois dele. Com seus atos de bondade samaritana me deu um exemplo a ser seguido.

É irônico, mas após passar a vida entre bispos e pastores, foi com os "marginais" que eu aprendi que somos todos anjos de uma asa só e que precisamos abraçar uns aos outros se quisermos voar.

Sentei ao lado do "Forte Apache" com seus quinhentos soldadinhos e índios armados no chão do meu quarto. Na minha mente ainda entoava o "Amazing Grace" cantado durante o funeral. Por algum tempo fiquei ali olhando aquele "Forte" com sua bandeira americana hasteada a meio pau, numa homenagem singela, porém sincera, ao vagabundo que, à moda de Chaplin, jogou luz e alegria no meu coração, quando eu vivia na mais densa das trevas.

Epílogo

MUITO ALÉM DO REINO

I

A repórter da “Veja” já estava se preparando para partir. O seu voo de volta a Washington sairia às sete. Ela havia viajado da capital norte-americana a Syracuse para ouvir a minha história. Nós havíamos passado cinco horas conversando e durante esse período expus minha vida como nunca havia feito antes. Nunca havia confiado a ninguém, de uma maneira tão aberta, aqueles segredos guardados por treze anos. Concluí que havia chegado a hora de revelá-los.

Alguns amigos em Syracuse me aconselharam a tornar pública a minha história e abrir um processo contra a Igreja Universal. Em um país em que uma cliente processou o McDonald’s em 1 milhão de dólares por servir seu café acima da temperatura normal, não entendiam porque eu não buscava na justiça reparações morais e trabalhistas. Entusiasmado, contatei no Rio o famoso advogado Jorge Beja, que prontamente aceitou me representar. Também entrei em contato com a revista “Veja” e foi acertado que Flávia Sekles, correspondente em Washington, faria a reportagem.

Enquanto aguardávamos o táxi que a levaria ao aeroporto ficamos em silêncio por alguns minutos. Flávia me olhava e pude perceber compaixão nos olhos dela. Queria me dizer alguma coisa, mas não encontrava palavras.

— No grupo de apoio de que você participa, eles acreditam em uma cura?

Quando ia abrindo a boca para responder, o táxi dela chegou. Estendi-lhe a mão para me despedir. Flávia não aceitou a minha mão. Ela me puxou para junto de si, me abraçou, me beijou o rosto e se foi.

Eu não queria que ela fosse. Talvez porque ela era a única brasileira que eu via em mais de um ano. Isso fez com que eu me sentisse em casa. Perto de minha família. Em meu país. Mas agora ela estava indo. A

entrevista havia terminado e tudo voltaria a ser como antes. Solidão e neve.

Havia começado a nevar outra vez. Isso era uma rotina diária naqueles últimos quatro meses. Era aquele o mais rigoroso inverno do século. Da janela eu vi o táxi que se afastou patinando naquelas ruas coberta de gelo. Como que hipnotizado pelos pesados flocos de neve que pintavam de branco toda a paisagem lá fora, fiquei por alguns minutos meditando sobre as revelações que aquele carro levava.

A reportagem explodiu, e com ela, a reação de centenas de pessoas. Comecei a receber dezenas de ligações do Brasil, entre elas as de minha ex-mulher e minha irmã, que choravam com pena de mim. Mas a maioria dos telefonemas vinha de pessoas que não se importam em pagar uma ligação internacional, desde que seja para infernizar a vida de alguém. Por isso, além de receber votos de boa sorte e saúde, recebi também telefonemas de pessoas me xingando, me chamando de "recalcado" e até ameaças aos meus filhos. A igreja também me contatou. Por meio do agora bispo Renato Maduro, eles se prontificaram a dar uma "ajuda financeira" aos meus filhos se eu gravasse um vídeo negando o que havia dito. Evidentemente não aceitei o suborno.

Uma semana depois, enviei uma carta à revista "Veja" dizendo que o termo "abuso sexual", que usei durante a entrevista, não era correto, pois quando me envolvi em atos sexuais dentro da Igreja Universal, apesar de ser menor de idade, eu o fizera por livre vontade.

II

A mudança para Syracuse me trouxe benefícios para o corpo e a alma. Eu me sentia saudável e com uma paz que há muito tempo não tinha. O lugar certamente contribuiu para isso: seus imensos parques cheios de árvores e esquilos, um constante cheiro de verde no ar, a juventude dos estudantes. Tudo isso serviu para me trazer de volta à vida. Mas a razão maior de minha paz era o fato de eu haver me libertado dos grilhões do ódio que nutria pelo bispo Edir Macedo e sua igreja.

Alguém já disse que o ódio é uma negação eterna. Do ponto de vista das emoções, ele é uma forma de atrofia que mata tudo ao seu redor, menos ele próprio. Eu perdoei a Igreja Universal para continuar vivendo. Era uma escolha entre a vida e a morte. Eu escolhi a vida. Perdoei a Universal e perdoei a mim mesmo. Maior do que o mal que eles me fizeram, foi o mal que eu fiz a mim mesmo. Este sim, um mal terrível.

Como toda pessoa que se vê diante de sua morte, eu descobri a vida e o quão importante e maravilhosa ela é. Valorizei as coisas simples que a compõem e passei a desfrutá-la. Principalmente, descobri os livros. Minha grande paixão.

Nesta fase de descobrimento, aprendi que sou único, como toda pessoa que está nesta terra ou passou por ela. Em toda a história do mundo, nunca existiu alguém exatamente como eu e em todo o infinito que está para vir nunca vai existir um outro eu. Eu tenho minhas digitais particulares e meu DNA. Eu sou único.

E é por isso que eu me amo.

“To live in the hearts we live behind, is not to die” (Thomas Campbell)

A última vez que tinha estado ali tinha sido em outubro. Já era outono, mas apesar disso algumas árvores ainda estavam verdes e havia esquilos brincando naquele imenso oceano de folhas douradas.

Quando vim para esta cidade, eu ia àquele parque todas as tardes. Talvez por não ter ninguém para conversar. Então eu ia ali sentar à sombra das árvores e falar com elas como se fossem pessoas. Eu falava sobre meus sentimentos e sonhos. Dúvidas e frustrações. Atribulações e turbulências. Falava de alegrias e tristezas. Ficava ali por horas. Não sentia

o tempo passar. Realmente eu pensava estar sendo ouvido. Pensava que elas podiam me entender e me abraçar com seus galhos viçosos e me amar. Incondicionalmente.

Eu não me sentia sozinho quando estava ali. Apeguei-me tanto a elas que comecei a chamá-las pelos nomes das pessoas que, como alguns fazem nas árvores, talharam seus nomes em meu coração. No final de outubro eu fiz alguns amigos na cidade. Até arranjei uma namorada. O que eu quero dizer é que me mantive ocupado. Não tinha mais tempo para parques, árvores e esquilos.

Hoje senti saudade da paz daquele parque e retornei. Quase não pude reconhecer aquele lugar onde gostava de sentar debaixo das árvores e deitar no verde da grama. As árvores agora são semelhantes a monstruosas garras brotando do solo. Não existem folhas ou qualquer verde. Não existe grama ou esquilos a correr brincando. Somente neve e as garras. Brotando do chão. “Elas estão mortas”, pensei. Como fiquei triste! Quando precisei, elas estavam ali por mim. Agora elas estavam mortas, bem em frente à minha impotente figura.

Eu não queria mais ficar ali e tomei meu caminho de volta para casa. Estava dando os primeiros passos quando pude ouvir uma voz dentro de mim dizendo que elas não estavam mortas. Isto era somente uma fase. Era temporário. “Lembra-se daquelas tardes quando você vinha aqui triste, para baixo? Você parecia morto, mas não estava. Era somente uma fase. Um estado temporário. O mesmo acontece conosco agora. Nós iremos voltar. Nos encontraremos todos novamente. Vivos.”

Parei e olhei para trás. Elas não me pareciam monstruosas desta vez. Com um sorriso, disse good-bye:

— *Pai. Mãe. Danusa. Allan. Eunice. Até a primavera...*

Por alguma razão, pensei em Eunice. E voltei para casa cantando baixinho “Tente outra vez”, de Raul Seixas.

Mário Justino